Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

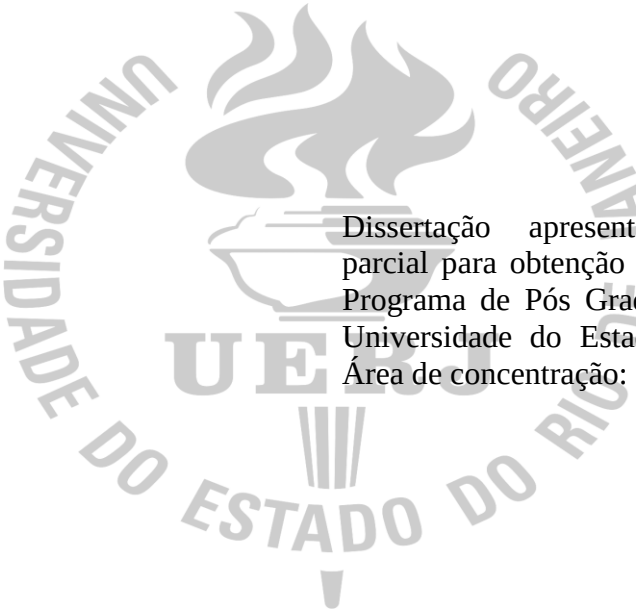
Marcella Lima Ribeiro

A arte de (se) lecionar: edição e literatura na imprensa feminina – *O Domingo* (1873-1875)

Rio de Janeiro
2016

Marcella Lima Ribeiro

A arte de (se) lecionar: edição e literatura na imprensa feminina – *O Domingo* (1873-1875)



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política

Orientadora: Prof.ª Dra. Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira

Coorientadora: Prof.ª Dra. Laura Moutinho Nery

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CCS/A

R484 Ribeiro, Marcella Lima
A arte de (se) lecionar: edição e literatura na imprensa feminina – *O Domingo* (1873-1875) / Marcella Lima Ribeiro. – 2016.
132f.

Orientador: Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira
Co-Orientadora: Laura Moutinho Nery
Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Bibliografia.

1. Mulheres na imprensa – Teses. 2. Literatura - Teses 3. Século XIX – Teses. I. Ferreira, Tania Maria Tavares Bessone da Cruz. II. Nery, Laura Moutinho III. Universidade do Estado do .Rio de Janeiro. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.

CDU 070-055.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Marcella Lima Ribeiro

A arte de (se) lecionar: edição e literatura na imprensa feminina –
***O Domingo* (1873-1875)**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós Graduação em História, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Política

Aprovada em 11 de abril de 2016.

Banca Examinadora:

_____

Prof.ª Dra. Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira (Orientadora)

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

_____

Prof.ª Dra. Laura Moutinho Nery

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

_____

Prof.ª Dra. Monique de Siqueira Gonçalves

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

_____

Prof.ª Dra. Ismênia de Lima Martins

Instituto de Ciências Humanas e Filosofia - UFF

Rio de Janeiro

2016

RESUMO

RIBEIRO, Marcella Lima. *A arte de selecionar: edição e literatura na imprensa feminina – O Domingo (1873-1875)*. 2016. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

A presente dissertação tem por objetivo debater a representação da mulher na imprensa feminina do Rio de Janeiro em fins do século XIX, tendo como direcionamento a atuação da editora Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco no periódico *O Domingo* (1873-1875). Para tal, consideramos os artigos de opinião de D. Violante e os temas da literatura selecionada pela mesma, comparando-os com outras publicações de periódicos femininos e inserindo a seleção realizada no contexto político-social de meados do século XIX em diante, confrontando também os mesmos artigos com periódicos que não eram especializados para o público feminino, como *A Vida Fluminense* e *O Apóstolo.* Destacamos a maneira pela qual a percepção da mulher ideal, voltada para o lar, entra em conflito com a busca feminina por maior participação nos espaços públicos da cidade e a recepção que o público leitor (homens e mulheres) faz a esse empreendimento. O processo de ampliação de acesso da mulher aos diferentes espaços sociais nesse período é caracterizado principalmente por sua atuação na imprensa e na literatura deste momento, ao se posicionar enquanto editora e escritora.

Palavras-chave: Imprensa feminina. Literatura. Século XIX.

ABSTRACT

RIBEIRO, Marcella Lima. *The art of to select: edition and literature on women's press – O Domingo (1873-1875).* 2016. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

This dissertation's objective is to debate the representation of women in Rio de Janeiro's feminine press in the late nineteenth century, acting director being the publisher Violante Atabalipa Ximenes de Bivar and Vellasco from the O Domingo (In English, "The Sunday") journal (1873-1875). For this purpose, we consider Violante's opinion article and the literature's themes which were selected by her, comparing them with another publication of female periodicals and inserting selections made in the political and social context of the mid-nineteenth century and onwards, also confronting the same articles in journals that were not specialized for the female audience, such as A Vida Fluminense (in English, "The Fluminense Life") and O Apóstolo (in English, "The Apostle"). We highlight the way in which the perception of the ideal woman, focused towards the home, conflicts with women's search for greater participation in public city spaces and the reception that the reading public (men and women) makes in this enterprise. The process of women's access to expand to different social spaces in this period is mainly characterized by her performance in the press and literature at this time, to position herself as editor and writer.

Keywords: Feminine press. Literature. Nineteenth century.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Novo Correio de Modas..... 26

Figura 2 – Vestimentas para passeios próximos ao mar..... 27

Figura 3 – Os filhos também seguem a moda parisiense. Jornal das Senhoras..... 30

Figura 4 – Partituras em O Jornal das Senhoras..... 33

Figura 5 – Progresso Científico X Religião Ultrapassada..... 43

Figura 6 – Liberdade de imprensa..... 44

Figura 7 – Requerimento assinado por Violante para autorização da encenação da peça O Xale de caxemira verde..... 49

Tabela 1- Narrativas em prosa publicadas em O Domingo..... 113

Tabela 2- Poemas publicados em O Domingo..... 119

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....8

1 **O RIO DE JANEIRO EDITADO: ENTRE O LUXO DA MODA E A SIMPLICIDADE DA RELIGIÃO**.....15

1.1 **No farfalhar das ruas do Rio**.....15

1.2 **Uma roupa para cada ocasião: a apresentação da mulher no cotidiano da cidade**...25

1.3 **Moeda de civilização: religiosidade/progresso científico**.....34

2 **“MULHERIZAR” : A NATUREZA NA CONSTRUÇÃO DO FEMININO**.....47

3 **A LITERATURA ENQUANTO FRONTEIRA: OS CAMINHOS DA LEITURA, ESCRITA E EDIÇÃO**.....81

3.1 **As práticas de ler, escrever e editar: entre o controle e a invenção**.....83

3.2 **Poetisas e sensibilidade**.....89

CONCLUSÃO.....110

REFERÊNCIAS.....124

INTRODUÇÃO

O periódico *O Domingo* (1873-1875), editado por D. Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, ao mesmo tempo em que se constitui nosso objeto de estudo, é também o ponto de partida para a discussão a respeito da mulher enquanto desbravadora no século XIX de um espaço até então pouco explorado pela parcela feminina da sociedade: a imprensa e a consequente exposição pública de opinião. Em um momento no qual o conhecimento que as mulheres adquirem é associado principalmente às prendas domésticas, tanto as editoras de jornais quanto suas colaboradoras indicam uma ruptura na representação que valoriza a função da mulher exercida no lar. Ao pensarmos essa modificação que se configura com força nas elites da sociedade, torna-se necessário considerar as mudanças econômicas e políticas que ocorrem no Rio de Janeiro neste período, como o desenvolvimento do porto, e as amplas exportações que fortalecem economicamente as famílias mais abastadas da sociedade, as importações de objetos e ideias provenientes principalmente da França, e a forma pela qual a influência desta cultura atua de maneira direta na leitura e escrita no Brasil, entre outros fatores que contribuem para uma compreensão do que a mulher pode e deve fazer em sociedade.

O questionamento por uma educação mais ampla é uma reivindicação de grande destaque na imprensa feminina[1]. Está diretamente relacionada à possibilidade de um aumento de mulheres na escrita literária e também da recepção positiva feita a esta produção, visto que nem sempre são consideradas dignas de serem lidas. O que poderia uma mulher oferecer com seus escritos? Da mesma forma questiona-se também a sua contribuição em quaisquer outras áreas que não sejam relacionadas à família, visto que a compreensão neste momento é de que toda mulher nasce para servir aos que estão ao seu redor. É por meio do conflito entre reivindicação por melhores condições de educação e a crítica que os homens fazem a estes questionamentos que enveredamos nossa pesquisa, destacando elementos da sociedade que envolvem a percepção da mulher na medicina, na religião católica e na literatura, para analisar os textos publicados, sem perder de vista uma das questões principais que nos instigou, o trabalho de seleção realizado pelas editoras. No primeiro capítulo expomos um panorama a respeito das temáticas em destaque nos artigos que circulam nos jornais femininos. O

[1] MUZART, Zahidé. "Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX". In: *Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 11, n. 1, jan. 2003, p. 225. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013/8720>. Acesso em: 5 fev. 2016.

.

estabelecimento de tal esquema tem como finalidade enriquecer a análise da literatura na imprensa feminina que apresentamos, com destaque para as relações com os debates político-sociais do período e as representações nesse meio que se fazem sobre uma suposta "figura feminina", representação que se desenvolve e se propaga com força no século XIX.

Para a análise realizada neste capítulo, estabelecemos a apresentação de pontos a respeito do que consideramos as principais questões da imprensa feminina, junto a descrições médicas a respeito do corpo feminino, principalmente pela associação da ideia de ser mulher com a função de mãe. Em meio às descobertas feitas, a compreensão deste corpo interfere na maneira como se representa a figura feminina, e como se reforçam algumas posturas a respeito do que é o papel das mulheres na sociedade. Embora a questão da tentativa de compreensão do corpo feminino seja abrangente, pensamos este tópico enquanto um caminho para refletirmos a respeito da imprensa feminina e sua literatura. Não nos propomos a fazer um vasto levantamento de fontes a respeito, mas partir de trabalhos já realizados para pensarmos os jornais femininos, considerando outras possibilidades deste amplo universo que engloba imprensa, mulheres e literatura.

No segundo capítulo nos dedicamos a uma análise da sociedade do Rio de Janeiro, por meio de questões trazidas pelas fontes que circulavam no período de *O Domingo*, juntamente com estudos que analisam este recorte temporal. Destacamos as implicações que a propagação da moda parisiense traz, com interferências no comércio e nas importações realizadas, além de, certamente, influenciar nas percepções que se tem das mulheres. As movimentações nas ruas com a atuação das modistas francesas, a forma com que as senhoras se deslocam para seguir as tendências de cada estação atuam na maneira como se estabelece o transitar entre a rua, o lar, o mercado, as visitas, os salões.

A religião é outro fator que consideramos, sobretudo pelo fato de que a ideia de progresso nem sempre parece coincidir com a defesa de determinados preceitos defendidos pela Igreja Católica, em meio a um Rio de Janeiro que tenta se estabelecer enquanto local civilizado. Entremeamos estas discussões considerando as publicações e os silêncios de *O Domingo.*

No terceiro e último capítulo tratamos a respeito da representação das mulheresna literatura. Nossa preocupação engloba a descrição de como as mulheres são representadas em poesias e contos, porém nosso maior destaque se voltou para as escritoras de *O Domingo* e os temas que surgem na escrita das colaboradoras. A contextualização que fazemos a respeito do movimento romântico tem o objetivo de extrapolar a compreensão da escrita feminina que

seria pautada na "essência" das mulheres e destacar a forma pela qual as autoras são influenciadas por tal movimento.

REFERENCIAL TEÓRICO

Pontuando algumas questões a respeito da escrita da história das mulheres, destacamos que a mesma é estimulada na década de 1970, momento em que os movimentos feministas se fortalecem e contribuem juntamente com a antropologia e a história das mentalidades para uma reviravolta no que se considerava um esquecimento da mulher até o momento, enquanto agente histórico[2].

Em meio às abordagens em pesquisas no campo de história das mulheres, tem havido a busca por um equilíbrio em destacar a atuação feminina em diferentes sociedades, articulando seu papel à economia, política e cultura de forma a abranger diversas organizações sociais. Seja dentro de casa, na fábrica, nas ruas, em igrejas, publicando jornais ou dedicando-se à literatura, a maneira com que os temas são trabalhados tem direcionado o olhar para as mulheres enquanto agentes históricos inseridos nas questões de cada período e sociedade abordados, não podendo haver, portanto, uma compreensão de "mulher" com problemas e atitudes semelhantes, visto que o gênero compreendido a partir do corpo, o qual é visto de diferentes maneiras, é entendido e *estabelecido* de maneiras também diversas[3].

Especificamente no Brasil, existem publicações com diferentes enfoques, que no entender da autora Margareth Rago[4], possuem, apesar das diferenças, uma preocupação em comum com as mulheres pobres e marginalizadas[5]. A ênfase na marginalização feminina encontra outros rumos e um dos exemplos desta modificação é a publicação na década de 90,

---

[2] DAUPHIN, Cécile; FARGE, Arlette; FRAISSE, Geneviève; et al. "A História das Mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia" Traduzido por SOIHET, Rachel; SOARES, Rosana M. Alves; COSTA, Suely Gomes. In:*Revista Gênero*, Niterói, v. 2, n. 1, 2. sem., 2001, p. 8. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/282/198> Acesso em: 2 jan. 2016.

[3] SCOTT, Joan. "Gênero: uma categoria útil para análise histórica". Traduzido por DABAT, Christine Rufino; ÁVILA, Maria Betânia. Publicação original em: New York, Columbia University Press. 1989. p. 21-23. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf> Acesso em: 2 fev. 2016.

[4] RAGO, Margareth. "As mulheres na historiografia brasileira". In: SILVA, Zélia Lopes (org.). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: UNESP, 1995.

[5] *Ibidem*, p. 82-83.

da obra *História das mulheres no Brasil*[6], na qual há uma seleção de textos que tratam das mulheres em diferentes circunstâncias, como "Eva Tupinambá"[7], "Mulher e família burguesa"[8] "Mulheres do sertão nordestino"[9]; "Escritoras, escritas, escrituras"[10]; "Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira"[11], entre outros, em que vemos a maneira pela qual se busca destacar as diferentes representações das mulheres.

No que concerne à imprensa e literatura no Brasil, diversos periódicos têm sido utilizados como fontes. Um dos objetivos ao lidar com as mesmas, sobretudo quando se trabalha com a imprensa do século XIX, é discutir as formas pelas quais as mulheres se inserem nesse meio, principalmente ao se dedicarem a impressos voltados especificamente para o público feminino. O olhar lançado sobre a escrita de artigos e a seleção de textos nesses periódicos contribui para certo esquema de imagens a respeito das relações das mulheres com os espaços público e privado, com os homens e com outras mulheres, sobretudo no que diz respeito à influência que a mulher tem sobre os que estão ao seu redor.

No início da década de 1980, a autora June Hahner[12] ao fazer um panorama "das atividades pelos direitos da mulher e do movimento sufragista no Brasil durante o período de 1850 a 1937"[13], trabalhando com periódicos até então quase inexplorados, destaca algumas características consideradas femininas publicadas na imprensa voltada para este público no século XIX. Em sua análise, enfatiza o fato de que

> (...) a imagem da fêmea passiva, reclusa, era com frequência acompanhada pela da glorificação da mulher como a mãe dos filhos do Brasil, e tem-se demonstrado que,

---

[6] PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

[7] RAMINELLI, Ronald. "Eva Tupinambá" In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos).
História das Mulheres no Brasil. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 11-43.

[8] D'INCAO, Maria Ângela. "Mulher e família burguesa". In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 223-239.

[9] FALCI, Miridan Knox. "Mulheres do sertão nordestino". In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 241-277.

[10] TELLES, Norma. "Escritoras, escritas, escrituras". In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 401-442.

[11] CAPPELLIN, Paola. "Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira". In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 640-668.

[12] HAHNER, June E. *A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas:* 1850-1937. Tradução de Maria Theresa de Almeida; Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

[13] *Ibidem*, p. 13.

> mesmo assim, era-lhe negada influência política e econômica fora do lar, sendo ela bastante influente dentro dos limites do círculo familiar[14]

A descrição da mulher enquanto anjo, sobretudo em seu papel de mãe, é compreendida como uma das associações mais intensas para um ideal feminino a ser atingido no século XIX. A utilização desta representação se constitui em uma estratégia usada de forma intensa e complexa nas reivindicações feitas pelas mulheres nesse período, o que influencia na lembrança ou no esquecimento das mulheres que se aventuraram no mundo da escrita. A autora Zahidé Muzart destaca o fato de que muitas escritoras ficaram relegadas muito tempo ao esquecimento, pelo motivo de terem se apresentado mais abertamente contra a ordem social vigente, como Josefina Álvares de Azevedo e Maria Firmina dos Reis, enquanto Júlia Lopes de Almeida foi considerada um exemplo por ser excelente mãe e esposa em primeiro lugar.[15]

Além de considerarmos as questões teóricas até então apresentadas, sobretudo no que diz respeito a relacionar a atuação das mulheres em diferentes esferas da sociedade, lidamos também com os conceitos apresentados pelo autor Pierre Bourdieu[16], principalmente no que se refere ao modo como trabalhamos com a *representação* das mulheres na sociedade destacada. Nossa forma de visualizar e apresentar a maneira como se estabelecem os locais da mulher na sociedade burguesa, e como a imprensa feminina e a literatura reforçam continuamente a separação de determinados papeis de homens e mulheres, norteia-se pelo fato de que tais divisões não obedecem necessariamente a ordens explícitas, mas ocorrem, de todo modo, a uma *certa ordem* de coisas não explícitas que fazem parte do cotidiano desta sociedade. A princípio, tratar da divisão de papeis pode nos levar a um caminho do qual estamos justamente tentando nos desviar, o mesmo binarismo que criticamos, entretanto, considerando a leitura das fontes, buscamos debater a divisão homem/mulher que se apresenta nas mesmas, indicando sua *construção* nos âmbitos religioso, familiar, profissional, político e social, considerando as diferentes nuances que se apresentam nas representações das mulheres. Seguindo esse pensamento, destacamos o conceito de *habitus* como uma das ideias principais de Bourdieu para nosso raciocínio, o qual se refere a

---

[14] HAHNER, June E. *A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas:* 1850-1937. Tradução de Maria Theresa de Almeida; Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981, p. 36.

[15] MUZART, Zahidé. "Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX". In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, jan. 2003,p. 226-227. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013/8720>. Acesso em: 5 fev. 2016.

[16] BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.

> (...) sistemas de posições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente 'reguladas' e 'regulares', sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro[17]

No que concerne a um espaço de relações consideramos a sociedade burguesa enquanto um macro espaço, que abriga diferentes núcleos que destacamos no presente trabalho. O núcleo principal, a imprensa feminina, remete-nos sempre à discussão da divisão de público e privado, pelo fato de analisarmos tal divisão enquanto um dos principais norteadores para as funções da mulher na sociedade a que nos referimos, atuando enquanto um instrumento de diferenciação entre os gêneros.

Com isso, estabelecemos alguns pontos necessários para o andamento do trabalho. Remetemo-nos sempre à consideração da divisão entre público e privado e as possibilidades de circulação da mulher nesses espaços. O estudo que fazemos da imprensa feminina e sua literatura engloba a ideia da imprensa tanto como um palco onde se trava a disputa por uma possibilidade de participação de mulheres no ambiente público, quanto como um sistema com símbolos geradores e propulsores das representações femininas na sociedade. Tratamos então de um núcleo principal (imprensa feminina), onde ocorre uma dinâmica que passa sempre pela tensão de equilibrar o fato de uma mulher escrever suas ideias e as *publicar*, e o desafio de ainda assim manter um ideal feminino, diga-se de passagem, submisso ao que seria uma superioridade racional masculina. Ora, o que determina a forma como essa disputa prossegue no núcleo da imprensa refere-se ao modo pelo qual outros núcleos, que se relacionam àquele, delimitam também mediante símbolos propagados, a forma considerada adequada para a ação da mulher nos espaços que lhe cabem, como o núcleo familiar, a religiosidade ocidental cristã e os escritos médicos (que tratam de uma justificativa física para a determinação do espaço feminino, mesclando também a questão moral), os quais consideramos aqui.

As distinções entre espaços e a maneira como a mulher pode circular nos mesmos são provenientes de diferenciações que não necessariamente opõem os gêneros masculino e feminino *o tempo inteiro*. Há escritos de mulheres (inúmeros), por exemplo, que reforçam um caráter universal de ser mulher, com as ideias já tão destacadas de que deveriam ser esposas e mães e boas filhas. Entretanto, não deixa de haver questionamentos a respeito da restrição feminina em função de decisões dos homens que a acompanham durante a vida e com esse

[17] BOURDIEU, Pierre. *Esquisse d'une théorie de la pratique. G*enebra: Droz, 1972, p. 164 *apud* BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio (org.). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. XL.

questionamento há as indicações de uma dominação exercida não de forma coesa, mas intensa e formuladora da propagação desse caráter universal. Vale lembrar o destaque de Pierre Bourdieu quanto ao fato de o poder simbólico ser uma maneira de se estabelecer uma compreensão imediata do mundo, principalmente porque os símbolos são compreendidos enquanto uma das maneiras mais fundamentais de integração social, permitindo a construção de compreensão comum a respeito do "sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social"[18].

No caso de certa continuidade da representação da mulher na literatura, consideramos também o debate a respeito de algumas características do movimento romântico no Brasil, que sem dúvida contribuem para a compreensão das mulheres enquanto seres sensíveis e virtuosos, o que não necessariamente se baseia apenas no que se tenta expor enquanto uma essência do feminino neste momento, mas possui questões próprias de tal movimento.

Ou seja, no espaço de relações com o qual lidamos, a imprensa escrita por mulheres ou homens, atua com intensa influência na percepção que ambos têm de si mesmos, cujas ações no cotidiano continuarão a reforçar essa construção em publicações, ou, em algum momento, a questionarão. O fato é que, seja para perpetuar uma ideia ou questioná-la (o que pode ocorrer, por exemplo, por meio de negação da mesma, ou inserção de elementos novos), necessariamente partirão da construção estabelecida.

[18] BOURDIEU, Pierre; MICELI, Sergio (org.). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 10.

1. O RIO DE JANEIRO EDITADO: ENTRE O LUXO DA MODA E A SIMPLICIDADE DA RELIGIÃO

1.1 No farfalhar das ruas do Rio

O porto do Rio de Janeiro, compreendido enquanto "uma realidade de muitas faces"[19] traduz o que boa parte da elite ansiava no século XIX: novidades importadas principalmente de Paris e lucros com exportações que fortalecem econômica e politicamente as camadas mais altas da sociedade. A rapidez de seu desenvolvimento ocorre inicialmente com a chegada de D. João VI, estimulando a modernização material e cultural com a abertura dos portos em 1808; a expansão da economia cafeeira, com o aumento de exportações realizadas principalmente em meados do século; e o estabelecimento da capital enquanto centro do Império nos âmbitos político, financeiro, cultural e administrativo, o que conduz a um desenvolvimento urbano intenso e atua no estabelecimento do Rio de Janeiro enquanto local de consumo por excelência no país.[20]

O aparente caos que poderia reinar em um local responsável por imensas quantidades de produtos e pessoas circulando, não necessariamente indica desordem e desorganização. A maneira pela qual o crescimento do porto ocorre, obedece a uma série de regras que contribuem para um desenvolvimento homogêneo das companhias que trabalham no local e a atuação da Alfândega mantem-se atenta à economia em épocas de expansão ou recessão. A taxação de preços, por exemplo, impede uma competição desenfreada que seria prejudicial ao sistema implementado, como acontece em Londres, levando à falência diversas companhias. O sistema de controle no porto não é perfeito, ocorrendo dificuldades na comunicação entre os diferentes espaços que o compõem, como acontece com o comércio da cidade. As ruas estreitas, a quantidade excessiva de morros e a falta de "conexões ferroviárias com as estradas de ferro Central do Brasil e Leopoldina"[21] constituem um grave problema para o funcionamento adequado à quantidade de produtos que passavam pelo local, e em períodos nos quais ocorre quantidade maior de importações os congestionamentos no porto são frequentes. Entretanto, não se pode afirmar que por esses problemas o que sobressai de seu

[19] CRUZ, Maria Cecília Velasco e. "O porto do Rio de Janeiro no século XIX: uma realidade de muitas faces". In: *RevistaTempo*. Agosto de 1999, p. 1.
Disponível em http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg8-7.pdf Acesso em: 15 dez. 2016.

[20] *Ibidem*.

[21] *Ibidem*.

funcionamento seja o caos, pois os despachos sobre água, a descarga simultânea e outros procedimentos" equilibram o andamento do complexo portuário frente as dificuldades cotidianas, auxiliando no seu desenvolvimento ao longo do Segundo Reinado[22].

O porto alimenta a hegemonia das elites brasileiras que se consolidam neste momento e é alimentado pelas mesmas. A estabilidade conquistada ao longo do século XIX deve-se principalmente pela crescente economia de exportação e o aumento da demanda de produtos tropicais, como o café[23]. Aliada à exportação há uma série de mudanças tecnológicas que levam a modificações significativas para este setor, como a transição para o trabalho livre, que inclui o anúncio do término do tráfico em 1850, a vinda de imigrantes para o país e a abolição da escravatura em 1888; o investimento no funcionamento da rede ferroviária iniciado em meados do século e a industrialização em desenvolvimento no país. Destaca-se também a influência das modificações introduzidas no meio de transportes, como o navio a vapor, que atuam significativamente na produção do café, cujo consumo internacional cresce aceleradamente.

As modificações realizadas não interferem apenas no comércio, mas alteram a configuração do Rio de Janeiro com melhorias urbanas que favorecem o aumento da sociabilidade, com a construção de estabelecimentos voltados para o divertimento público, como teatros, cafés e jardins, além do investimento em hoteis, indicando a contínua movimentação ocorrida na cidade; melhoria na iluminação pública com o uso de gás e avanços no sistema de calçamento e abastecimento de água. Concomitante a estas transformações aumenta o número de periódicos e promovem-se intensamente a arte, literatura e música.[24]

Em meio às mudanças, vale destacar também certas permanências fundamentais nas elites que compõem o Rio de Janeiro. As classes médias urbanas que se formam no Segundo Reinado estão ligadas às oligarquias que as sustentam, o que acarreta em um contínuo jogo de equilíbrio de poderes entre o tradicional e o novo, com o sistema de patriarcado assimilando os setores urbanos que se formam, sem haver necessariamente com as transformações de indústria e novos centros comerciais, o desenvolvimento de uma política que fosse mais

[22] CRUZ, Maria Cecília Velasco e. "O porto do Rio de Janeiro no século XIX: uma realidade de muitas faces". In: *RevistaTempo*. Agosto de 1999, p. 17-18.
Disponível em http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg8-7.pdf Acesso em: 15 dez. 2016.

[23] COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia à República* – Momentos Decisivos. 6ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 13.

[24] *Ibidem*, p. 255-257.

independente à estrutura estabelecida. Essa continuidade levou também à assimilação do "estilo de vida e as aspirações das classes dominantes".[25]

A análise de um modo de viver que mescla o tradicional com as novidades que se propagam no Rio de Janeiro é fundamental para a compreensão do cotidiano das mulheres da elite urbana, com determinados hábitos que fortalecem a representação feminina que temos tratado até o momento. A influência parisiense com diferentes produtos, principalmente os que se referem à moda; os salões; as compras; as visitas às modistas; os jogos de amor e outros hábitos que afloram nas camadas mais elevadas, ocorrem no cenário que destacamos brevemente e que o tempo todo interferem no comportamento de homens e mulheres nos âmbitos público e privado. Em um intricado movimento de influências, a representação de um feminino universal atinge também o cotidiano das senhoras e senhoritas, seja ao se espelharem nas gravuras de modas que então circulam pela imprensa ou na literatura que trata inúmeras vezes a respeito das histórias de amor que alimentam sua imaginação.

Um dos aspectos para tratar da vida pública e privada e assim analisar mais detidamente o cotidiano que apresentamos, consiste em avaliar as formas de compreensão que homens e mulheres elaboram para perceber a *personalidade* dos que estão ao seu redor. O autor Richard Sennett[26], dedicando-se a estudar tal mecanismo em meados do século XVIII e ao longo do XIX, afirma o olhar enquanto fator preponderante para determinar quem uma pessoa é. A atenção que uma mulher burguesa deve ter com suas roupas, por exemplo, pauta-se na ideia do que revela a respeito de sua personalidade, pois as formas de conhecer o outro residem em grande parte na percepção que se tem a partir do comportamento exposto, fazendo com que a personalidade seja predominante no espaço público, ao determinar a confiabilidade ou não dos que estão ao redor do indivíduo, no sentido de identificar em meio a detalhes, a posição econômico-social, a religiosidade, o cuidado com os bons costumes seguidos pela pessoa que se conhece e sua família[27].

Desta forma, regular o comportamento nesta sociedade se torna uma maneira de ser. A atitude narcisista, compreendida por Sennett enquanto um modo de se relacionar com os outros avaliando o que se pode ganhar com tal relacionamento, assume uma forma no século

---

[25] COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia à República* – Momentos Decisivos. 6ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 12-13.

[26] SENNETT, Richard. *O declínio do homem público* – As tiranias da intimidade. Traduzido por Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das letras, 1988.

[27] *Ibidem*, p. 194.

XIX com a valorização do indivíduo no sentido de que tudo o que se refere ao ‘eu’ é o que se torna a chave de compreensão de si mesmo e da sociedade[28].

A supervalorização do âmbito privado acontece principalmente com o fortalecimento da família burguesa nesse período, com a qual ocorre a identificação de refúgio das preocupações do mundo e isolamento em busca de uma segurança e paz não encontradas no ambiente público[29].Entretanto, a perspectiva de um lar idealizado não remete necessariamente a um modelo privado completamente apartado do público. Estes espaços se mesclam, muitas vezes sendo separados por uma tênue linha que não permite que pensemos na família meramente como um refúgio. Tal perspectiva é incompleta no sentido de desconsiderar alguns pontos pelos quais ocorrem as relações familiares e a função da família nuclear urbana no século XIX. Compreender o lar apenas desta maneira, por exemplo, “supõe que a economia da vida burguesa era o suficientemente gerenciável para que as pessoas pudessem excluí-la das relações familiares simplesmente por um acordo comum e tácito de não discuti-la”[30]. O lar não é necessariamente o local onde pode haver espontaneidade de comportamento, como em um contraponto ao que é feito fora de casa. Embora haja trejeitos diferentes do comportamento no espaço público, ainda assim existem regras para cumprir, emoções a regular e papeis a exercer. A ação dos pais em relação aos filhos é importante no estabelecimento de um modelo a ser seguido, ensinando a regulação de comportamentos e garantindo segurança à criança, não em uma proteção contra o mundo externo, isolando a família, mas em um contínuo preparo da mesma para viver em público, explorando desde tenra idade as expectativas que esta família nuclear (pai, mãe, filhos) exerce sobre a nova geração criada.

No Rio de Janeiro deste período, a família também se constitui no principal núcleo da sociedade. A preocupação com o comportamento de cada membro familiar tem como uma das justificativas a manutenção de um *status* perante a sociedade. A ansiedade das elites urbanas em se apresentarem em público seguindo um comportamento característico do que seria civilizado é explorada em diferentes setores, como o comércio e a importação de produtos compreendidos como peças importantes para o estabelecimento de uma identificação social. Com as embarcações que chegam ao Rio de Janeiro, vêm não apenas objetos, mas a propagação de novos hábitos que se fundem com a cultura das elites aqui presentes. Aderir à

[28] SENNETT, Richard. *O declínio do homem público* – As tiranias da intimidade. Traduzido por Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das letras, 1988, p. 23-25.

[29] *Ibidem,* p. 35.

[30] *Ibidem,* p. 224.

moda francesa é uma das características destes novos hábitos e os trajes de Paris se tornam referência para as mulheres e homens se vestirem adequadamente.

Aliado ao comércio de produtos importados há o suporte da imprensa para a disseminação dos costumes provenientes da França. Referente à moda, em grande parte dos periódicos femininos deste momento há a valorização do estilo francês enquanto unanimidade para se considerar o nível de civilização de determinada sociedade. Vale lembrar que a moda abrange itens para além dos vestidos, destacando-se também a venda de rendas, chapéus, ceroulas, lingerie, coletes, luvas, miçangas, flores artificiais utilizadas na decoração doméstica, enxovais de casamento, entre outros artefatos anunciados nos periódicos[31], em uma variedade de objetos que passam pelo porto da cidade ampliando a complexidade da influência de Paris em diferentes áreas da vida no Rio de Janeiro.

Em *O Jornal das Senhoras* a descrição dos trajes e as tendências são publicadas na primeira ou segunda página e ganham um tom de crônica ao haver comentários sobre aspectos do cotidiano e das atividades que ocorriam na Corte e onde eram usadas as roupas destacadas semanalmente. Com o intuito de salientar a qualidade dos modelos escolhidos para a seleção de cada número, a autora da seção geralmente faz menção à origem francesa dos desenhos de modelos que são publicados no periódico. O cuidado está em apresentar o que há de mais recente e elegante nas ruas de Paris, propondo desfile semelhante pelas ruas do Rio.

Em *O Novo Correio de Modas* vemos o mesmo empenho de ressaltar a proveniência dos modelos publicados no periódico, como forma de garantir a boa procedência do material

> A nossa primeira estampa representa dois figurinos de senhora, qual deles o mais bonito. De Paris os recebemos, e aqui os entregamos às nossas amáveis leitoras, para que aproveitem o que julguem serem mais *distingue,* a fim de formar o belo composto de seus elegantes *toilletes*.[32]

Em outra edição, ao justificar o espaço de modas reservado também para expor roupas masculinas, o autor da seção pede desculpas, seguidas da promessa de a redação continuar atenta ao que há em Paris, afirmação sempre feita com o objetivo de manter as leitoras fieis à publicação e suas novidades.[33]

---

[31] MENEZES, Lená Medeiros de. "À francesa dos pés à cabeça". **In:** *Revista de História da Biblioteca Nacional.* 1º de novembro de 2007. Disponível em: http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/a-francesa-dos-pes-a-cabeca.. Acesso em: 26 out. 2015.

[32] "Modas". In:*Novo Correio de Modas*. Rio de Janeiro, nº 1, janeiro de 1852, p. 1.
A grafia dos trechos destacados ao longo do trabalho foi atualizada, com exceção de nomes próprios.

[33] "Modas". In:*Novo Correio de Modas*. Rio de Janeiro, nº 9, março de 1852, p. 88.
Obs.: Apesar de se referir ao modelo na edição 9 do jornal, a imagem está disposta no arquivo na edição de número 10.

O local por excelência para encontrar os modelos que seguiam as características do que se usava em Paris era a Rua do Ouvidor, continuamente exaltada pelos literatos da época, como Machado de Assis, que em uma crônica afirma que esta rua é a síntese do Rio de Janeiro e seu rosto[34], e Joaquim Manuel de Macedo[35] que escreve uma obra em sua homenagem.

Tendo o comércio fortalecido com as modistas que se instalam na década de 1820, com o passar dos anos encontra-se neste local uma profusão de lojas dos mais variados artigos, formando com outras ruas o centro comercial da cidade, como a Rua do Ourives, Rua do Rosário, Senhor dos Passos e Alfândega[36].

A forma de se vestir é também valorizada na literatura, seguindo a linha de apresentar o comportamento de personagens a partir dos trajes em cada ocasião em que são apresentados. No conto "A Pata da Gazela", de José de Alencar, há em muitos trechos a apresentação dos personagens por meio de suas roupas, descrevendo em um momento as ações sem nomear as personagens – que o leitor descobre apenas posteriormente serem Laura e Amélia – diferenciando-as apenas pela vestimenta

> Dentro do carro havia duas moças (...).
> Estavam ambas elegantemente vestidas e conversavam a respeito das compras que já tinham realizado ou das que ainda pretendiam fazer. (...)
> O vestido roxo debruçou-se de modo a olhar para fora, no sentido contrário àquele em que seguia o carro, enquanto o roupão, recostando-se nas almofadas, consultava uma carteirinha de lembranças, onde naturalmente escrevera a nota de suas encomendas.[37]

---

[34] PEREIRA, Milena da Silveira. "Palco das Letras – Um passeio pela Rua do Ouvidor do século XIX". In:XIV ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH RIO. Memória e Patrimônio. Julho de 2010, P. 1-10. Disponível em: <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276728080_ARQUIVO_TEXTOANPUHRJ2010.pdf> Acesso em: 2 dez. 2015.

[35] MACEDO, Joaquim Manoel de. *Memórias da Rua do Ouvidor.* Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

[36] CHOCIAY, Lucianne. "MODA E LITERATURA: a 'poética do vestuário' em Macedo e Alencar". Dissertação (Mestrado em Letras), 250 fls. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2013, pp. 43-44. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127544/000846846.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 28 out. 2015.

[37] ALENCAR, José Martiniano de. *A Pata da gazela*. 15ª edição. São Paulo: Ática, 1998, p. 1. Disponível em: <http://www3.universia.com.br/conteudo/livros/A_pata_da_gazela.pdf> Acesso em: 5 dez. 2015

Em outras ocasiões destaca-se a mesma preocupação na descrição das personagens, como no caso de Horácio de Almeida, exposto como um rapaz elegante, "um dos príncipes da moda, um dos leões da Rua do Ouvidor"[38].

O interessante é que, mesmo seguindo o raciocínio de apresentar os personagens por meio de tais descrições, o mote da história é justamente o de criticar a ideia de compreender as pessoas apenas pelas aparências. As ações da narrativa se desenvolvem a partir da tentativa de identificar a que moça pertence um sapato perdido, no caso, a dúvida pairando sobre as personagens de Laura e Amélia. O sapato, encontrado pelo elegante Horácio de Almeida, é motivo para idealizar a beleza da moça que o perdeu.

> Era uma botina, já o sabemos; mas que botina! Um primor de pelica e seda(...). Não era, porém, a perfeição da obra, nem mesmo a excessiva delicadeza da forma, o que seduzia o nosso leão; eram sobretudo os debuxos suaves, as ondulações voluptuosas que tinham deixado na pelica os contornos do pezinho desconhecido. A botina fora servida, e muitas vezes; embora estivesse ainda bem conservada, o desmaio de sua primitiva cor bronzeada e o esfolamento da sola indicavam bastante uso. Se fosse um calçado em folha, saído da loja, não teria grande valor aos olhos do nosso leão, habituado não só a ver, como a calçar, as obras-primas de Milliès e Campás. (...)[39]

Ao longo da narrativa, a dona do sapato é associada sempre a características de uma beleza delicada e pura. No trecho destacado vemos não apenas a maneira pela qual se atribui às pessoas uma personalidade ao vestirem suas roupas, mas também a importância que os objetos ganham ao assumir um valor pessoal por pertencerem a alguém. Enquanto simples mercadoria, sem ter sido possuído por nenhuma personalidade, aquele objeto não teria valor para Horácio, acostumado às maiores conquistas nos salões. Encontrar a dona do sapato se torna seu objetivo e ao longo do conto o leitor é apresentado a reviravoltas sempre a partir da perspectiva que se tem deste objeto.

De forma geral, na literatura deste período, há grande preocupação das personagens em se manterem bem vestidas, pautadas na influência francesa.A tentativa de seguir os costumes franceses contribui para compreensões distintas do espaço público. A atuação das modistas francesas, por exemplo, enquanto mulheres que levam à frente o comércio da moda, configuram por si só um cenário diferente, tanto na estrutura física, quanto na questão de entendimento do que seria o local adequado para a mulher na representação que a elite faz da mesma[40]. Embora sua liberdade de circular pareça estranha a princípio, aos poucos seus

---

[38] *Ibidem*, p. 2.

[39] ALENCAR, José Martiniano de. *A Pata da gazela*. 15ª edição. São Paulo: Ática, 1998, p. 3. Disponível em: http://www3.universia.com.br/conteudo/livros/A_pata_da_gazela.pdf Acesso em: 5 dez. 2015

[40] MENEZES, Lená Medeiros de. "Francesas no Rio de Janeiro: modernização e trabalho segundo o Almanak

hábitos vão se inserindo como parte do cotidiano, com seu amplo domínio no comércio e produção da moda, atividade na qual se destaca a "reprodução de fazeres e afazeres tradicionalmente femininos, revestidos de uma modernidade que incluía processos de reinvenção no vestir-se e no enfeitar-se."[41]

Em *Memórias da Rua do Ouvidor*, Joaquim Manoel de Macedo narra em um de seus capítulos uma pequena história onde uma moça, Júlia, é deixada por seu marido por longos períodos para que ele vá caçar. Ao visitar suas amigas frequentemente, conhece Artur, que passa a lhe fazer a corte, embora a jovem resista, evitando-o sempre que possível. Artur então decide pedir ajuda à modista de Júlia combinando aparecer no local no dia em que a jovem fosse encomendar novas peças. A francesa envia então um recado à cliente, avisando esperá-la no dia seguinte com novos modelos que haviam chegado de Paris, ao que a jovem responde prontamente: "Júlia não faltou, era impossível que faltasse ao emprazamento da sua *modista"*[42] (grifo do autor).

Conforme o combinado, Artur espera por Júlia no momento em que esta chega ao local para saber das novidades provenientes de Paris. Sem saber, Júlia aguarda ser atendida, e então Arthur aparece, o que causa grande comoção à jovem, que desmaia. Destacamos, nesta situação, duas questões: 1) O contato com a modista é exposto como um compromisso ao qual não se pode faltar. Levando em consideração a necessidade criada para se manter atualizada com a moda em Paris, tal cena nos remete ao fato de como a figura da modista assume importância para a estrutura desta sociedade, no sentido não apenas de tratar da moda em si, mas de com isso tornar-se parte do cotidiano das mulheres e de suas famílias; 2) A preocupação contínua de se manter atualizada com a moda e de realizar as visitas desacompanhada, coloca Júlia em perigo, no que se refere à sua honra, posto que Artur se encoraja a persuadir a modista a favor de seu plano. A modista, neste caso, é mais um dos elementos, dentre outros que se apresentam na literatura e no dia a dia desta sociedade, para burlar a vigilância em relação a um comportamento. Se de alguma forma, fazer tal visita pode ser visto como algo inocente, no sentido de que é para se estar em um espaço apenas de

---

Laemmert (1844-1861)", p. 10.Publicado originalmente na *Revista do IHGB*, nº 423, abr/jun. 2004, pp.11-31. Disponível em: <http://www.labimi.uerj.br/artigos/1306519921.pdf>
Acesso em: 5 dez. 2015.

[41] MENEZES, Lená Medeiros de. "Francesas no Rio de Janeiro: modernização e trabalho segundo o Almanak Laemmert (1844-1861)", p. 10.Publicado originalmente na *Revista do IHGB*, nº 423, abr/jun. 2004, pp.11-31. Disponível em: <http://www.labimi.uerj.br/artigos/1306519921.pdf>
Acesso em: 5 de dezembro de 2015.

[42] MACEDO, Joaquim Manoel de. *Memórias da Rua do Ouvidor*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005, p. 163.

mulheres, configurando-se assim, em um ambiente seguro, ao mesmo tempo o perigo pode cercar tal hábito, visto que ainda assim as lojas das modistas são um local público, no qual se tem controle menor do que no lar.

A exposição das mulheres em público é diferente da exposição masculina, pois sua virtude se encontra em jogo e mantê-la pode ser algo muito escorregadio frente às situações embaraçosas que podem surgir, como no caso de Júlia. Entretanto, para os homens, este espaço representa muitas vezes certa liberdade[43], em um complexo movimento de se considerar também o espaço público enquanto um refúgio, nesse caso, fugindo de uma excessiva responsabilidade exemplar que se deposita na sua personalidade enquanto homem de família[44].

Pensando a questão da personalidade especificamente no caso da exposição da mulher em meio ao espaço público, é necessário lembrar que o destaque para o corpo feminino no século XIX é intensamente direcionado para a capacidade de gerar filhos, e consequentemente para os cuidados com a família, o lar, o marido, ou seja, para o âmbito privado, na maior parte das vezes. O compromisso assumido pela mulher de acordo com os hábitos do Ocidente se remete aos cuidados do lar. Atentando então, para o fato de que se propagam na sociedade os atributos para as mulheres de maternidade, castidade e amor ao próximo, como manter uma individualidade, se o que se pede para ser ofertado pela mulher são as mesmas características década após década? De que maneira em um momento onde se reconfiguram as relações de si para com os outros, e onde a *personalidade* é valorizada, consegue-se definir alguma diferenciação em meio a um mar de mulheres que são ensinadas a terem perspectivas e objetivos semelhantes? Sennett afirma certa neutralidade no vestir do século XIX como forma de ser cuidadoso com o que se revela no espaço público[45], entretanto há de se considerar que no caso feminino, as roupas funcionam como uma forma de individualização e de afirmação de personalidade, mesmo que seja propagada uma universalização ao se falar do personagem *mulher* criado neste período, com os atributos que destacamos acima. A moda se torna uma das formas legítimas de expressão da mulher enquanto alguém singular, maneira de se afirmar individualmente com diferentes compreensões do corpo, aumentando "exageradamente os

[43] SENNETT, Richard. *O declínio do homem público* – As tiranias da intimidade. Traduzido por Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das letras, 1988, p. 39.

[44] *Ibidem,* p. 39.

[45] *Ibidem*, p. 204.

quadris, comprimindo a cintura, violentando o movimento natural dos cabelos. Procurou em si – já que não lhe restava outro recurso - a busca de seu ser, a pesquisa atenta de sua alma"[46].

Assim, a busca feminina por se diferenciar nos remete à necessidade de investir na individualização destacando o aspecto visual. Embora os babados, saias, fitas, rendas e penteados alcancem, em algum período a condição do *comum*, pelo tanto que se repetem em passeios e bailes, a busca pela individualização não se perde, justamente pelo fato de que quando determinado modo de vestir se torna de uso corriqueiro, surge então o momento de criar e publicar outros modelos de vestidos, de destacar a leveza de um tecido diferente, de tratar de subir ou descer a cintura da saia, de modificar o penteado, de investir no uso de outra renda. Os valores universais defendidos para a mulher pouco modificam ao longo do século XIX, porém o mesmo não se pode afirmar da vestimenta feminina. A roupa muda, chamando atenção para diferentes partes do corpo, em um processo de continuamente destacar suas formas, cobrindo a nudez, e acentuando o lado sexual com o uso de anáguas, babados e a crinolina, criando a ilusão de quadris maiores do que realmente são[47]. A crinolina, armação de aço que aumentava o volume dos vestidos, era um elemento poderoso no movimento de cobrir e descobrir os pés das mocinhas ao subirem nos meios de transporte, causando alvoroço entre os espectadores que ansiavam por momentos de qualquer demonstração da pele[48].

Desta forma, em meio aos cuidados com o que se desejava demonstrar em público, havia certa relativização da rigidez no controle da moral e bons costumes. Há por exemplo, uma diferença das vestes no transcorrer do dia, visto que para os afazeres diurnos é exigido determinado padrão a ser seguido, o qual difere das atividades noturnas, momento em que é permitido decotes mais reveladores e vestidos mais justos na cintura. O contraste entre dia e noite sublinha o jogo praticado no espaço dos teatros e salões, onde seguindo o cuidado para manter as aparências da moralidade, as mulheres provocam os homens fazendo uso dos atributos físicos[49], enfatizando durante a noite o aspecto sensual e não a representação angelical da mulher.

---

[46] SOUZA, Gilda de Melo e Souza. *O Espírito das Roupas* – A moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 100.

[47] SOUZA, Gilda de Melo e Souza. *O Espírito das Roupas* – A moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 100, p. 93-94.

[48] *Ibidem*.

[49] *Ibidem*, p. 94-95.

Tal versatilidade que assume a moda para as mulheres é condizente com a procura não apenas por se destacar enquanto bela nos salões que frequentava, mas como uma forma mesmo de se definir, o que acarreta também em uma imagem que se fará da figura masculina que a acompanha, visto que a delicadeza da mulher ao saber comportar-se no salão encantando os que estão à sua volta combina com a determinação do homem de ascender socialmente. Ambos devem buscar juntos o prestígio, busca que se torna um dos temas centrais do romance nesse período[50]. Cabe à mulher elevar a reputação e o respeito que se tem por seu marido e sua família, mesmo que a autoridade exercida seja a masculina[51], o mesmo valendo para as outras mulheres da família, sobretudo a esposa e as filhas.

> Numa crônica admirável de A Semana, Machado de Assis, analisando o comportamento de nossas elites do Segundo Reinado, comenta que, na trama intrincada da competição, ninguém vence sozinho; cada um de nós precisa acrescentar às vitórias pessoais, duramente conquistadas – que ele chama com ironia as 'glórias de plena propriedade – as 'glórias de empréstimo', isto é, as vitórias dos muito próximos, que se refletem em nós.[52]

1.2 **Uma roupa para cada ocasião: a apresentação da mulher no cotidiano da cidade**

A possibilidade de reproduzir com facilidade o que se apresentava em Paris teve interferência direta na influência que o local exerceu no Rio de Janeiro. O auxílio das imagens propagadas pela imprensa nas seções de moda dos jornais foi fundamental na reprodução da moda parisiense nas ruas da cidade. As inovações tecnológicas nesse campo também são importantes, com o surgimento da máquina de costura em 1825 e as modificações introduzidas por L. Worth, famoso desenhista que trabalhava com a alta moda em Paris, ao abrir seu salão expondo roupas feitas à máquina que poderiam ser reproduzidas em massa. A grande novidade a partir dessa modificação na maneira de apresentar as roupas é o fato de que estas "foram passando de uma elite de criadores para uma classe média de imitadores"[53].

---

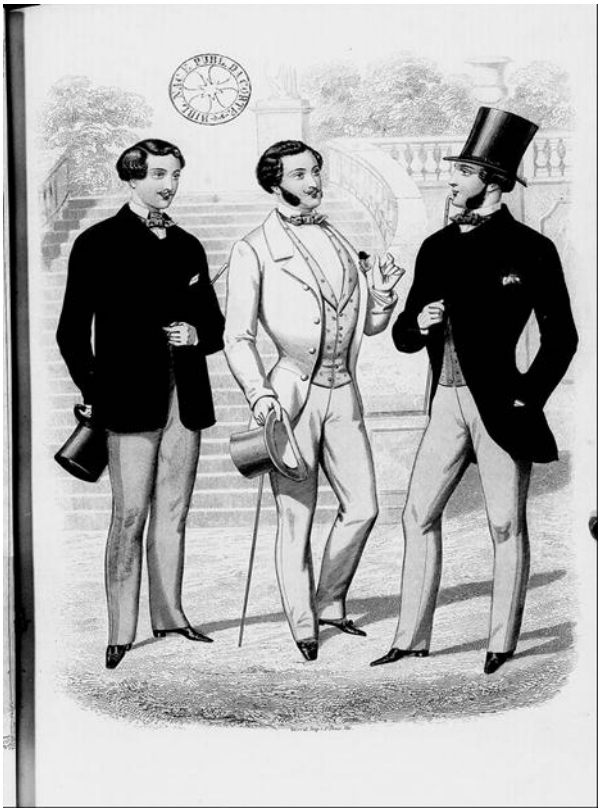
[50] SOUZA, Gilda de Melo e Souza. *O Espírito das Roupas* – A moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 83.

[51] LIMA, Joelma Varão de. "O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX)" Tese (Doutorado em História), 191 fls. São Paulo: PUC, 2012, p. 33.

[52] *Ibidem*, p. 83.

[53] SENNETT, Richard. *O declínio do homem público* – As tiranias da intimidade. Traduzido por Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das letras, 1988, p. 204-205.

Figura 1. Homens em trajes de passeio



Fonte: *Novo Correio de Modas* nº 11, s.d., p. 88.

Figura 2 – Vestimentas para passeios próximos ao mar.

Fonte: Jornal das Senhoras, nº 4, jan. 1853, p. 29.

A coluna de modas nos jornais nos indica algumas das práticas do cotidiano, posto que a seção não trata exclusivamente de descrever a gravura publicada. Por conta do espaço concedido para esta coluna, muitas vezes a autora se aventura em abordar outros assuntos para além de costuras e tecidos. Christina, em *O Jornal das Senhoras*, comenta a respeito de seu temor em escrever, afirmando que "gradualmente porém o medo foi desaparecendo à força de coragem e de vontade; e no fim de alguns meses de luta constante, venci!" [54].

Enquanto isso, em *O Novo Correio de Modas*, o autor expressa algum bloqueio para escrever a respeito deste assunto, declarando que referente à moda, as mulheres é que sabem lidar melhor com sua descrição pois possuem a sensibilidade necessária para expressar "o colorido do estilo nos artigos deste gênero. Os homens são costumados a falar em batalhas, em debates parlamentares, nos impostos do sal e nas verbas do orçamento (...)". [55] Embora tal afirmação de embaraço por parte do autor pudesse ser um recurso estilístico para a escrita no

[54] Christina. "Modas". In: *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, nº 1, 1º jan. 1853, p. 1-2.

[55] "1852". In: *Novo Correio de Modas*. Rio de Janeiro, nº 19, [sem data], P. 176.

sentido da expressão que o aproxima do leitor, ainda assim nos aponta a associação feita do assunto que caberia à mulher e de outro tipo que seria mais próprio ao homem. Referente à Christina, vemos que mesmo ao escrever algo que seria do universo feminino, a autora apresenta seu temor pelo fato de haver uma exposição a qual não estaria acostumada. Entretanto, a cada artigo a autora da seção se revela, contando pequenos segredos e desvendando seus gostos entremeando comentários a seu respeito enquanto descreve a roupa escolhida semanalmente.

> Ora pois, minhas queridas leitoras, aqui tendes outra vez em corpo e alma a vossa Christina, que apesar de não ter a honra de conhecer-vos, uma por uma, tem ao menos o prazer de ser por vós todas conhecida. (...) Umas dizem que moro no Catete, outras em Botafogo, na Glória, na Lapa... onde bem vos parecer; mas sempre vos direi, que afinal foram as primeiras as que acertaram; porque os homens ainda continuam a dizer que eu – sou homem![56]

A frase final de Christina se relaciona à observação feita pelo colaborador de *O Novo Correio de Modas*. Enquanto este afirma os assuntos que são comumente tratados por homens, diferentemente do que as mulheres abordam, na frase de Christina podemos salientar o fato de que além dos assuntos distintos por sexo, a questão também se refere aos modos de escrever, visto que Christina, em seus artigos, abandona o medo que afirmou inicialmente possuir e trata com leveza os assuntos da Corte em sua coluna, fazendo comentários utilizando um tom que se aproxima da crônica, com humor. Considerando a novidade que se constitui em mulheres escrevendo, a maneira semelhante que seus artigos podem assumir ao que escritores do momento fazem, é mais um ponto de estranheza ao lidarem com a imprensa feminina.

Relativo às atividades que merecem destaque nesta seção, tanto no *Jornal das Senhoras* como em *O Novo Correio de Modas* e outros, são expostos hábitos como a frequência a bailes, tocar piano em saraus, passeios à praia, caminhadas no campo, andar a cavalo, visitas feitas durante a semana, todos descritos na seção, quando o espaço é permitido, visto que a roupa exposta se associa a alguma das práticas que citadas. Em relação ao carnaval, por exemplo, Christina inicia uma das edições de *OJornal das Senhoras* chamando atenção para o baile de máscaras e para o fato de que o jornal deveria também contribuir com as festas e agitações que ocorriam por conta do preparo para o divertimento da semana, e que por isso nesta edição haveria roupas específicas para o momento. Para cada ocasião é necessário que haja uma roupa e um comportamento ideal e a partir da segunda metade do século XIX é que vemos o crescimento dessas possibilidades com a intensificação da

[56] Christina. "Modas". In: *O Jornal das Senhoras.* Rio de Janeiro, nº 1, 1º jan. 1853, p. 1.

produção da moda em Paris. Com a "psicologização"[57] da moda, a Alta Costura propaga modos de ser que se referem aos sentimentos e ao caráter relacionados aos usos da roupa. De acordo com o que a mulher escolhe para vestir, a característica que deseja manter em destaque pode ser

> melancólica, desenvolta, sofisticada, severa, insolente, ingênua, fantasista, romântica, alegre, jovem, divertida, esportiva; aliás, essas essências psicológicas e suas combinações é que serão sublinhadas de preferência pelas revistas de moda.[58]

Em meio às diferentes personalidades, é necessário o cuidado com todo o aparato que acompanha a roupa. Em uma das edições de *O Jornal das Senhoras*, Christina chama atenção a respeito de certo descaso que algumas mulheres têm com a aparência, ao cuidarem demais das vestes e não terem o mesmo apreço pelos penteados, o que é também um item fundamental para se apresentar em público e que deve ser preocupação das que desejam compor uma aparência completa referente às características que desejam transmitir de si

> Em algumas feições talvez fossem melhor os bandós ondeados, em outras os bandeletes ou as pastas, em outras os caracóis frisados ou os cachos; em umas – flores, rendas, folhagem, as modernas tranças de ouro ou de prata; em outras – nada – só o seu cabelo.

Este pode ser considerado mais um item de individualização feminina. De fato, a moda vai se estabelecendo mediante o equilíbrio entre o que pode ser destacado enquanto singular de cada mulher e a similaridade que se tenta estabelecer nos formatos dos corpos, com o esforço feminino de manter a cintura mais marcada possível, mesmo que não seja uma tarefa das mais fáceis e que em muitas situações se mostre prejudicial à saúde feminina.

---

[57] LIPOVETSKY. Giles. *O império do efêmero*: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Traduzido por Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 112.

[58] *Ibidem*.

Figura 3 – Os filhos também seguem a moda parisiense.

Fonte: *Jornal das Senhoras*, nº 5, janeiro de 1853, p. 37.

Entretanto, mesmo com a contínua valorização dos novos hábitos considerados civilizados, a recepção à moda não ocorria de forma unânime. Os incômodos que determinados trajes poderiam causar, como o uso da crinolina, chamada de balão em alguns poemas e anedotas, eram ridicularizados em artigos e poemas da imprensa. No jornal *O Domingo* encontramos os seguintes versos

> Olha, Lelia, vou pedir-te
> Uma coisa... Peço? Não?!
> Não são beijos nem sorrisos,
> Nem também teu coração;
> Eu te peço, Lelia, rasga,
> Rasga, Lelia, o teu balão.

> O balão foi feito, Lelia,
> Pras mulheres sem pudor,
> Mas pra ti que tens nas faces
> Da vestal, casto rubor;
> O balão, Lelia, é enfeite
> Que pra ti não tem valor.
>
> Ah! Lelia, se tu não rasgas,
> Essa veste tão fatal,
> Que te faz correr perigo,
> Quando sopra o vendaval,
> Eu te digo com franqueza,
> – Ficaremos então mal.[59]

Muitos escritores românticos utilizam a literatura para criticarem a moda, como Joaquim Manoel de Macedo faz ao satirizar o uso do espartilho e a vaidade exagerada das mulheres e Bernardo Guimarães, que aponta o desconforto da saia balão[60]. A maneira de exporem a crítica na maior parte das vezes se faz ridicularizando o que consideram exageros por parte da clientela feminina, que nem sempre respeita os limites do corpo ao aderirem às novidades propostas.

A crítica feita à moda refere-se também ao desequilíbrio que a obsessão por esta poderia trazer às famílias. Em *O Domingo*, que não possui nenhuma seção dedicada à moda, e nem qualquer comentário a respeito das novidades de Paris, vemos a seguinte afirmação:

> A moda no vestuário, nas mobílias e em outras coisas semelhantes acrescentam o luxo, desenvolvem a indústria e a civilização; mas estas vantagens pagam-se às vezes bem caras; muitas famílias arruínam-se completamente, esquecendo-se da indispensável economia, correm após da inconstante moda e não duvidam sacrificar os seus próprios bens, e ainda o futuro de seus próprios filhos.[61]

A preocupação em investir no consumo de uma elite preocupada em manter seu *status*, não é vista como algo completamente ruim por D. Violante, pois a moda está associada ao desenvolvimento da civilização. O incômodo que a redatora expressa reside na questão da frivolidade com seus gastos excessivos, o que a leva a enfatizar a moda neste periódico sem valorizar um *glamour*, mas a tratar da crítica ao estímulo a compras desenfreadas que desestabilizam as prioridades familiares, como pensar no futuro dos filhos. A seguir, em outra publicação do jornal, lê-se que o objetivo de se ter dinheiro e de valorizá-lo ocorre justamente com a preocupação maior de modificar a aparência e corresponder a um comportamento, que

---

[59] A. A. J. S. "Um pedido". In:*O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 1, 23 nov. 1873, p. 4.

[60] CHOCIAY, Lucianne. "MODA E LITERATURA: a 'poética do vestuário' em Macedo e Alencar". Dissertação (Mestrado em Letras), 250 fls. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2013, p. 43-44. Disponível em: http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127544/000846846.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em 28 out. 2015, p. 18.

[61] VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. [Sem título].*O Domingo*, nº 12, p. 3, 8 fev. 1874.

por fim, afastaria o homem do que seria uma verdadeira virtude: a sabedoria. A crítica de D. Violante e de outros escritores neste período, nos faz atentar para o fato de que a preocupação excessiva com a aparência e a vontade desenfreada de acompanhar os ditames da moda, extrapolam o cuidado com a apresentação da personalidade na vida pública e privada e passam a representar uma forma inautêntica de ser, no sentido de que há uma desconexão entre o que se é e o que se aparenta: "As aparências são coisa muito séria, não apenas por aquilo que tornam 'transparente', mas também porque a aparência errada, em condições sociais destrutivas, pode fazer alguém se tornar um homem mau, ou uma mulher má"[62]. O exagero pode ser considerado uma dessas condições, levando ao ridículo, como enfatiza a crítica à roupa feminina.

> **Para que serve o dinheiro**
> Serve para ser bom moço;
> Para ser cavalheiro;
> (...)
> Para ter farto e bonito cabelo, ainda que seja calvo;
> (...)
> Para ser louro, ter olhos negros, ser elegante, homem da moda, bem falante e sempre galanteador e gracioso. (...)
> Com dinheiro ascende-se ao templo da gloria, mas da gloria terrena, se entende. (...)
> Miséria do homem! O saber é só o que alcança a imortalidade, a virtude a que abre as portas do céu.[63]

A maneira pela qual o consumo aumenta neste período refere-se à disponibilidade no mercado de objetos que passam a fazer parte do cotidiano de uma classe que se considera culta e civilizada. No comércio de instrumentos musicais, por exemplo, o aumento das importações de pianos é expressivo em meados do século, tanto pelos novos hábitos quanto pela tecnologia, que permite a troca de quadros de madeira pelos de liga metálica, mudança que além de melhorar a qualidade do som, com afinações ocorrendo com menor frequência, permite também que o objeto seja menos frágil, facilitando as viagens de longa duração realizadas pelos navios, garantindo que a encomenda chegue ao destino o mais intacta possível.[64]

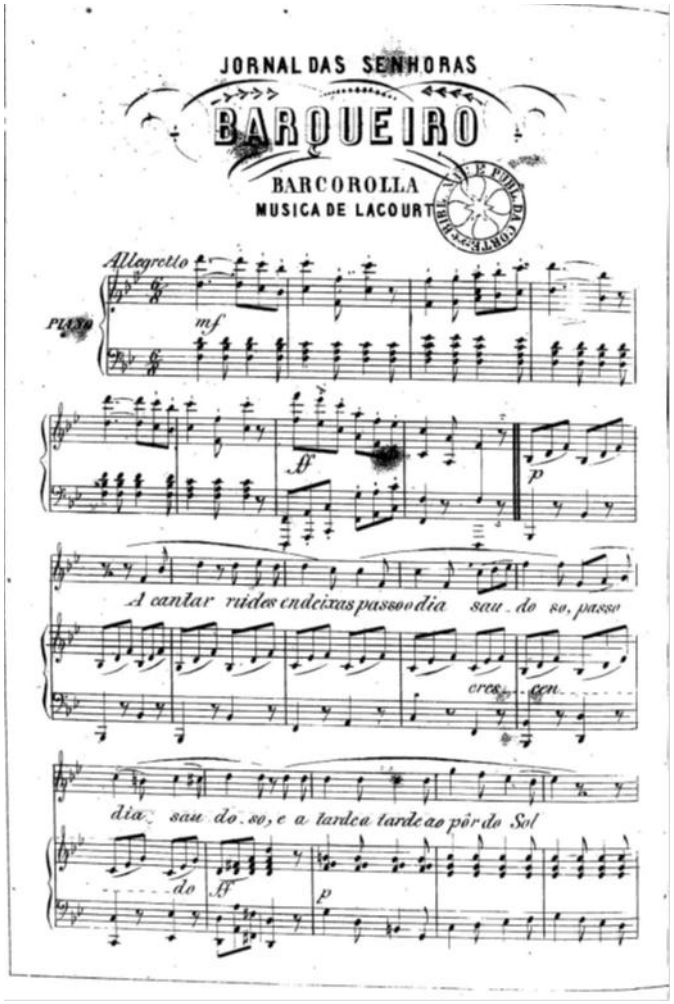
---

[62] SENNETT, Richard. *O declínio do homem público* – As tiranias da intimidade. Traduzido por Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das letras, 1988, p. 214.

[63] "Pra que serve o dinheiro!". O Domingo. Rio de Janeiro, nº 64, 21 mar. 1875, p. 39.

[64] ALENCASTRO, Luiz Felipe de. "Vida privada e ordem privada no Império". In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de; NOVAIS, Fernando A (orgs.). *História da vida privada no Brasil (vol. 2)*– Império: a Corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 45-46.

Figura 4 – Partituras em O Jornal das Senhoras.



Fonte: *Jornal das Senhoras*, nº20, 16 de maio de 1852, p. 156-157.

O piano torna-se uma "mercadoria fetiche", e um item indispensável para a educação das senhoras do Rio de Janeiro. A literatura retrata invariavelmente uma dama que toca de forma brilhante em algum salão, os impressos trazem partituras para pianos, e os anúncios nos jornais para se vender esse objeto cobiçado pela elite da sociedade fluminense são inúmeros. Adquirir o instrumento era uma forma de afirmar valores elitistas, bem como saber tocá-lo, principalmente pelo fato de que o piano se torna a peça central de um dos espaços de maior valor para a sociabilidade do período, o salão.[65]

A crítica feita em *O Domingo* à superficialidade associada à moda, ao luxo e ao exibicionismo atrela-se ao caráter religioso que a editora do jornal evidencia no conteúdo

[65] ALENCASTRO, Luiz Felipe de. "Vida privada e ordem privada no Império". In: ALENCASTRO, Luiz Felipe de; NOVAIS, Fernando A (orgs.). *História da vida privada no Brasil (vol. 2)*– Império: a Corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, p. 47.

publicado. Vale lembrar que no período em que Violante Atabalipa assumiu *O Jornal das Senhoras*, é onde encontramos maior intensidade da representação da mulher ligada à figura de Maria, sobretudo enquanto mãe. Nos artigos da redatora e na seleção da literatura que faz, vê-se o quanto a religião é considerada necessária para a ideia de desenvolvimento que apresenta. Enquanto o burburinho de venda e aquisição de mercadorias atua em grande parte das modificações da cidade, ocorre a defesa da redatora para que haja maior concentração na espiritualidade, expressa em forma de uma defesa do catolicismo. O fervor religioso de *O Jornal das Senhoras* é retomado em *O Domingo* sob a roupagem não apenas de destacar valores religiosos para a vivência feminina, mas atentando para a defesa do cristianismo enquanto um modo de viver necessário para o progresso das sociedades.

1.3 **Moeda de civilização: religiosidade/progresso científico**

> A primeira verdade que nos ensina a religião de Jesus é que somos cristãos pela graça de Deus. Outra verdade é que todas as religiões que não a verdadeira são meios visíveis por que a Providência educa a raça humana.[66]

Ao longo de *O Domingo*, há uma quantidade considerável de artigos que defendem o cristianismo. A própria justificativa do título do jornal refere-se ao domingo relatado no livro bíblico de Gêneses, relação religiosa destacada pela editora: "O Criador Supremo formando o mundo em seis dias e descansando no sétimo, deu ao homem, não só o exemplo do trabalho, como o do repouso após"[67]. Nas edições posteriores, observamos como as colocações feitas por Violante Atabalipa em seus escritos, promovem não apenas a prática dos preceitos católicos, mas sua supremacia referente às outras crenças. De acordo com a editora, o catolicismo promove o "amor e a boa vontade entre os homens"[68], e é justamente a difusão de seus preceitos que auxilia no avanço da sociedade e na manutenção de sua ordem, o que todas as nações deveriam buscar para se manterem em constante aperfeiçoamento

> E não há quem ignore o que se passa atualmente na Europa, e em nossa América, no mundo inteiro, onde as nações mais poderosas, e as mais civilizadas são também as mais tolerantes e aquelas que mais acatam e veneram o catolicismo, e onde ele faz mais rápidos e mais admiráveis progressos[69]

---

[66] VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. "Religião". In: *O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 5, 21 dez. 1873, p. 1.

[67] VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. "O Domingo". In: *O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 1, 23 nov. 1873, p. 1.

[68] *Idem*. "Os prazeres e vantagens da religião". In: *O Domingo.* Rio de Janeiro, nº 21, 12 abril 1874, p. 1.

[69] *Idem*. "Ainda a tolerância". *O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 40, 23 ag.1874, p. 1.

A atividade da mulher na sociedade para um avanço da civilização tal qual Violante destaca, relaciona-se, para além do papel da mãe que irá educar futuros cidadãos cônscios de seu dever, aos benefícios que se deve realizar pelas pessoas de classes mais baixas ou que de alguma forma não se encontram em uma situação em que podem suprir suas necessidades imediatas. Tal preocupação é revestida de religiosidade para cumprir a máxima cristã de amar e cuidar do próximo. A prática da caridade não conduz apenas a um benefício para os que necessitam de tal serviço, mas se constitui em mais um dos meios pelos quais as mulheres vão ao espaço público, concedendo às mesmas uma ocupação no dia a dia que vai além dos cuidados com a família e a casa.

Em um decreto de 1861, é aprovado o funcionamento do grupo Sociedade de Caridade das Senhoras, no Rio de Janeiro. Havia associações de diversos tipos, religiosas, científicas, literárias, abolicionistas, de imigrantes, entre outros, com o objetivo de reunir, fortalecer e proteger diferentes grupos da sociedade. Em relação ao grupo de senhoras, no decreto é afirmado que

> Art. 1º A Associação de Caridade estabelecida no Rio de Janeiro é composta de pessoas do sexo feminino, nacionais e estrangeiras, que com seus esforços e meios reunidos procurarão minorar os males da aflita humanidade, prestando socorros domiciliários às pessoas honestas recolhidas e envergonhadas que deles carecem, particularmente durante a atual epidemia.
> (...)
> § Único. A diferença de culto não será motivo de exclusão[70].

Além de o fragmento exposto nos remeter à inserção das mulheres em ações de mobilidade na sociedade, em um período de epidemias de febre amarela, é interessante notar a ênfase para o fato de que havendo diferença na maneira de culto, isso não resulta em expulsão do grupo. Tendo como religião oficial a católica, a relevância dada ao direito de diferentes cultos, nos remete à tolerância ou falta da mesma, frente a diversidade de grupos religiosos, embora a constituição de 1824 garanta o direito de culto de outras religiões, ainda que restrita ao âmbito doméstico[71].

No que tange à convivência do catolicismo com outras religiões, destacamos artigo de D. Violante Atabalipa, em que afirma que a aceitação de outras religiões não representa uma ameaça à religião católica, posto que os religiosos ao conhecerem outros cultos, perceberiam o caráter superior do catolicismo, ocorrendo na verdade um fortalecimento da instituição

[70] Brasil. Decreto nº 2755, 27 de fevereiro de 1861. Disponível em: http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-2755-27-fevereiro-1861-556082-publicacaooriginal-75742-pe.html. Acesso em: 2 dez.2015.

[71] Brasil. Constituição Política do Império do Brasil de 1824. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm . Acesso em 2 dez. 2015.

"pela majestade de seu culto, pela pompa de suas augustas cerimônias, pela santidade de seus dogmas, pela pureza, finalmente, das virtudes que só ela ensina." [72].

A valorização que Violante traz em seus artigos, destaca a simplicidade de vida que o catolicismo prega, como no caso de não haver discriminação dos praticantes entre os que possuem ou não grandes riquezas, visto que "se assim não fosse, não se chamariam católicos os povos que habitam cidades secundárias, pobríssimas vilas e aldeias"[73]. De fato, o que se espera é que os católicos abastados auxiliem os necessitados, sobretudo os da mesma fé. Tal ideia está atrelada ao princípio de caridade que destacamos, e que é enfatizado na publicação, como no caso da criação da "Escola domestica de N. S. do Amparo", fundada em Petrópolis pelo Padre João Francisco de Siqueira Andrade. O estabelecimento, comandado por mulheres, se dedicaria a cuidar da educação de meninas abandonadas pelas famílias, cuidado que seria feito, de acordo com a redatora, sem "distinção de classe, cor ou origem, de modo que possam no futuro viver honestamente de seu trabalho.[74]

A preocupação com os que eram menos favorecidos na sociedade e mais do que isso, a ação para melhorar as circunstâncias de tais pessoas, é condizente com a proposta de manutenção da ordem ou "paz", se usarmos de um termo religioso, que a editora destacava como ponto positivo do cristianismo/catolicismo. Há o esforço de Violante em enfatizar o quanto a religião faz-se necessária para o funcionamento social, esforço que se direciona para a promoção de valorizar esta religião e a atuação feminina na mesma.

Na publicação encontramos também textos que ressaltam a maneira pela qual ocorre o funcionamento da Igreja Católica, com a explicação de sua organização, expondo o crescimento do catolicismo em outros locais. Tal atitude constitui em uma defesa desta religião não apenas pela questão do sentimento que a mesma pode provocar nas pessoas ou a ordem social que auxilia a manter, mas com o objetivo de expor sua força também na quantidade de adeptos, com números que destacam seu domínio. D. Violante expõe didaticamente informações sobre o papa, como se formam os cardeais, de que maneira estão divididos na hierarquia da igreja e o número de dioceses e seus líderes distribuídos pelos países.[75] Seus textos indicam uma devoção que é apresentada de maneira complexa, com o

[72] VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. "Ainda a tolerância". *O Domingo*. Rio de Janeiro, 23 ag. 1874, nº 40, p. 1.

[73] *Idem.* "O Christianismo". In: *O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 20, 5 abr. 1874, p. 1.

[74] *Idem*. "Escola domestica de N. S. do Amparo". In: *O Domingo.* Rio de Janeiro, nº 27, 24 mai. 1874, p. 1.

[75] "Notas de interesse geral". In: *O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 34, 12 jul.1874, p. 1.

cuidado de inserir o catolicismo e seus preceitos em diferentes áreas da vida, propondo ao público uma leitura que de acordo com a proposta da editora seria edificante espiritualmente e não apenas um passatempo com a publicação de narrativas românticas e charadas a serem decifradas. Destaca-se, entretanto, o fato de que o fervor religioso da redatora no periódico tem uma divulgação mais intensa após um período crítico dos embates provocados pela chamada Questão Religiosa, com ênfase nas publicações em defesa direta do catolicismo a partir de 1874, embora a religiosidade esteja presente no jornal desde suas primeiras publicações.

No momento em que D. Violante apresenta em *O Domingo* publicações defendendo a religião católica, qual a situação desta, no Rio de Janeiro? A Igreja pode ser considerada enquanto uma organização influente na moralidade que predomina em sociedade e enquanto participante da burocracia estatal, contudo, sua participação nas políticas públicas realizadas é limitada, a não ser no que se refere a questões de sua alçada, como a instituição ou não do casamento civil[76]. A sociedade brasileira de forma geral, não era necessariamente religiosa de maneira intensa, embora os ritos como batismo, primeira comunhão e casamento sejam fundamentais para o reconhecimento em sociedade. Porém, no que se refere aos jogos políticos, há muito de indiferença e até mesmo anticlericalismo[77] dos que participavam deste meio, um comportamento que se percebe na elite, começando por D. Pedro II.

O clero divide-se entre o apoio às camadas populares e as classes dominantes, com padres que defendem ideias mais liberais e se assumem enquanto republicanos e outros que se declaram monarquistas[78]. Formado principalmente pelos habitantes da região em que exercem seu chamado, possui uma educação que não difere muito da do ensino precário que tem a população a que servem, embora estivesse acima da média, o que auxilia no poder exercido regionalmente. O exercício sacerdotal em alguns casos é destino também de filhos de famílias abastadas, que alcançam, com o tempo, altos postos na Igreja, fortalecendo um poder político paralelo ao Estado, com influência restrita, como citado anteriormente.[79]

---

[76] CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem* – Elite política imperial. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981, p. 47-48.

[77] COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia à República* – Momentos Decisivos. 6ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 456.

[78] *Ibidem*.

[79] CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem* – Elite política imperial. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981, p. 166

Na questão da determinação ou não do casamento civil separado do religioso, um dos problemas que se estabelece refere-se à situação dos imigrantes protestantes no Brasil. O governo imperial encontra sérias dificuldades perante à Igreja Católica na tentativa de tornar legal a formação de famílias que não exercem o catolicismo, o que prejudica na propaganda positiva que se tenta fazer para a vinda de imigrantes na transição do trabalho escravo para o livre. A preocupação maior da Igreja é referente ao possível enfraquecimento espiritual com a permissão de se legitimar casamentos das minorias que aqui se estabelecem, visto que o casamento é um dos sacramentos e sua validação é feita a partir dos tribunais católicos. Além disso há a implicação moral de tal situação, pelo fato de que o casamento entre um católico e não católico, sem a bênção da Igreja, era considerado como concubinato, o que não permitia, portanto, a reivindicação de nenhum direito após a dissolução da união.

Com diferentes tentativas de implementação do casamento civil, principalmente a partir de 1850, é proposto um projeto em junho de 1870, em que os casamentos entre pessoas não católicas deveriam ocorrer enquanto acontecimento civil e no caso de casamentos mistos, os noivos poderiam escolher entre o civil e o religioso.[80] Apesar da pressão crescente ao longo do período imperial a respeito da legalização do matrimônio civil, que tem seu último projeto proposto em 1887, apenas após a proclamação da República, em 1890, é que se estabelece tal instituição[81]. Vale lembrar as abrangentes implicações a respeito das decisões sobre como ocorria o casamento, visto que para as classes mais altas, este "envolvia a um só tempo aliança política e econômica"[82].

Quando se estabelece então a Questão Religiosa, as relações entre o governo imperial e a Igreja já se encontram em um conflito de interesses bem específico, que atinge diretamente o trabalho e a economia do país. Na Questão Religiosa, ocorre outro embate, ao se confrontar as decisões do papa Pio IX, contra qualquer tipo de envolvimento dos católicos com a maçonaria, e a decisão do Imperador Dom Pedro II de não acatar a esse pronunciamento. Em meio a esse conflito, dois personagens têm destaque no cenário brasileiro: o bispo de Olinda, Dom Vital, e o bispo do Pará, Antonio de Macedo Costa. Ambos tomam decisões que acirram os ânimos de intelectuais e religiosos, ao optarem por excomungar membros católicos que tenham alguma ligação com organizações maçônicas.

[80] SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. "O Matrimônio no Império do Brasil: uma Questão de Estado". Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano IV, nº 12, Jan. 2012, p. 115-116.

[81] SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. "O Matrimônio no Império do Brasil: uma Questão de Estado". Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano IV, nº 12, Jan. 2012 P. 119-120.

[82] D'INCAO, Maria Ângela. "Mulher e família burguesa". In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 235.

Nos meses finais de 1873 e no início de 1874, sobretudo nos meses de janeiro e fevereiro deste ano, há situações que geram intenso debate na imprensa.

Em *A Vida Fluminense*, na análise das publicações do fim do ano de 1873, e todo o ano de 1874 (período que coincide com a publicação de *O Domingo*), assinalamos as críticas feitas ao clero. O jornal satírico, publicado aos sábados, começa a circular no ano de 1868 e dura sete anos. Em seu primeiro número enfatiza o objetivo de ser "uma folha joco-séria, [que] publicará retratos, biografias, caricaturas, figurinos de modas, músicas, romances nacionais e estrangeiros, artigos humorísticos, crônicas, revistas, etc."[83], contando com a participação de Angelo Agostini, que sai da revista em 1871, mas deixa sua marca de ironia como influência para o restante do periódico. Com a formatação de texto em duas colunas e repleto de imagens é composto de oito páginas, das quais geralmente quatro se destinam à ilustração e as outras a textos que se dividem entre a crônica da semana, teatro, poesia e folhetim, que variam de tamanho e frequência na publicação. O periódico se dedicava a expor diferentes situações do cotidiano no Rio de Janeiro, assumindo um tom de denúncia ao que considerava impróprio para o bom funcionamento da cidade, como no caso das críticas que fazia ao catolicismo.

No decorrer de todo o ano de 1874 se fazem alusões e críticas diretas à Igreja Católica e ao movimento de ultramontanismo[84] no país, mesmo quando se dá destaque para outras discussões e assuntos da semana. As atitudes de alguns líderes são tomadas como abusivas em relação à liberdade do povo e da imprensa. Tais críticas se encontram tanto na coluna de crônicas quanto nos desenhos satíricos do jornal.

Em dezembro de 1873, publica-se no periódico questionamentos às atitudes do bispo de Olinda, e o motivo de o mesmo atacar a soberania do Imperador e a lei estabelecida no país. O bispo é acusado de anarquia pelos redatores do jornal, que destacam continuamente uma tentativa deste e dos que aderem às suas ideias, de impor a Igreja Católica enquanto superior ao Imperador, agindo declaradamente contra a vontade imperial.

---

[83] [Sem título]. *A Vida Fluminense*. Rio de Janeiro, nº 1, 4 jan. 1868, p. 4.

[84] De acordo com Ítalo Domingos Santirocchi, o movimento conhecido como Ultramontanismo foi marcado no século XIX "por uma série de atitudes da Igreja Católica, num movimento de reação a algumas correntes teológicas e eclesiásticas, ao regalismo dos estados católicos, às novas tendências políticas desenvolvidas após a Revolução Francesa e à secularização da sociedade moderna. Pode-se resumi-lo nos seguintes pontos: o fortalecimento da autoridade pontifícia sobre as igrejas locais; a reafirmação da escolástica; o restabelecimento da Companhia de Jesus (1814); a definição dos 'perigos' que assolavam a Igreja (galicanismo, jansenismo, regalismo, todos os tipos de liberalismo, protestantismo, maçonaria, deísmo, racionalismo, socialismo, casamento civil, liberdade de imprensa e outras mais), culminando na condenação destes por meio da Encíclica Quanta cura e do 'Sílabo dos Erros', anexo à mesma, publicados em 1864". SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. "Uma questão de revisão de conceitos: Romanização – Ultramontanismo – Reforma". *Temporalidades* - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, vol. 2, n.2, Ago./Dez de 2010. p. 24.

Neste caso, os representantes católicos não são considerados como mantedores da ordem e do bom funcionamento da sociedade, ao contrário da ênfase exposta em *O Domingo*, meses depois. O conflito de poder se estabelece entre as decisões do imperador e do papa, e a questão de a quem o bispo deve obedecer, visto que se encontra em uma situação na qual reconhece como superior alguém de fora do império, o que constituía crime: "Reconhecer o que for cidadão brasileiro, superior fora do Império, prestando-lhe efetiva obediência. Penas – de prisão por quatro a dezesseis meses"[85]. Apesar de o artigo de *A Vida Fluminense* expor que provavelmente o bispo não será preso pelo fato de que no que se refere a ordem religiosa, o papa é seu superior, semanas depois sua condenação é exposta nos jornais. Antes do julgamento, se lê no periódico

> Quem vai trazer à cadeia
> O bispo que o fogo ateia
> Desde Olinda até Pará?
>
> Bem procede, pois, o rito,
> Ande breve e traga o bicho;
> Sigam os maçons seu rito
> Suspenso por seu capricho;
> Torne a roda a entrar no eixo
> Que eu de crônica me deixo[86]

Figaro, que assina estes versos, afirma no número seguinte que: "Poderia talvez considerar-se boa novidade a prisão do bispo de Olinda, se a considerarmos como a vitória do bom direito e da liberdade sobre o fanatismo retrógrado, que busca oprimir a consciência comprimindo os direitos"[87].

No dia 28 de fevereiro de 1874, o periódico noticia a condenação do bispo de Olinda. Com charges que se voltam apenas para este assunto, o tom da crônica da semana, assinada por Sysipho, assume uma postura amena em suas declarações, embora em outros textos tenha havido um direcionamento de crítica direta aos bispos envolvidos de forma mais evidente na crise. Em um diálogo criado para apresentar o acontecimento, é exposto o questionamento a respeito do julgamento realizado, como forma de mostrar a opinião dos redatores a respeito da decisão tomada:

> - Prisão com trabalho por quatro anos...
> - Foi muito, disseram uns.
> -Foi pouco, rosnaram outros.
> (...)

[85] Brasil. Código Criminal do Império do Brasil, Lei de 16 dez 1830, Artigo 79. Acesso em 13/10/2015: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM-16-12-1830.htm

[86] Figaro. [Sem título]. In: *A Vida Fluminense*. Rio de Janeiro, nº 314, 3 janeiro 1874, p. 1672.

[87] *Idem*. [Sem título]. In: *A Vida Fluminense*. Rio de Janeiro, nº 315, 10 jan. 1874, p. 1676.

> A causa passou em julgado e hoje pertence aos fatos consumados. (...). Se foi ato de justiça, o culpado sob o peso de uma sentença condenatória tem no seu infortúnio o direito de ser respeitado[88]

No periódico *O Apóstolo –periódico religioso, moral e doutrinário consagrado aos interesses da religião e da sociedade* (1866-1901), há intensa crítica ao procedimento com o Bispo de Olinda, em que se afirma uma conspiração pautada no orgulho e em sentimentos de ódio contra o bispo e a religião que defende. O artigo expõe o clérigo como uma "vítima inocente [que] espera resignada a condenação já decretada[89].

O jornal *O Apóstolo* é publicado aos domingos, durante os anos de 1866 e 1873, e a partir de 1874 sua publicação é feita tanto aos domingos quanto nas quartas-feiras[90]. Neste período de 1866 a 1874, tem por redator Cônego José Gonçalves Ferreira e seus "proprietários redatores são os padres João Scaligero, Augusto Maravalho e José Alves Martins de Loreto. Como o nome do jornal indica, é voltado para os interesses da religião católica, assumindo a missão de ser um porta-voz da religião, enfatizando os princípios ensinados pela mesma e lembrando aos leitores da importância da espiritualidade na percepção do dever que deve ser cumprido pelos cidadãos de bem[91]. Esse é um tom muito semelhante ao assumido por D. Violante em *O Domingo*, sobretudo no que se refere à ideia de orientar os católicos e fortalecê-los contra condutas condenadas pela Igreja. O público específico a que se direciona são os padres e fieis[92], com ênfase na atuação feminina para a defesa da religião, visto que há uma exposição das mulheres no papel de ensinar os preceitos religiosos, tal qual ocorre nos periódicos femininos. A principal denúncia para o que é considerado uma decadência moral da sociedade é o modo como as famílias se portam frente ao ensino religioso no lar. Os líderes eclesiásticos condenam a excessiva preocupação com a moda e o luxo – da mesma maneira feita por D. Violante em *O Domingo* – e convocam as mães para assumirem o papel central na

---

[88] Sysipho. "Chronica".In: *A Vida* Fluminense. Rio de Janeiro, nº 322, 28 fev. 1873, p. 1733.

[89] [Sem título]. In: *O Apóstolo*. Rio de Janeiro, nº 18, p. 1., 13 fev. 1874.

[90] BROTTO, Renata Batista. "Representações e modelos femininos nos periódicos religiosos A Cruz (1861-64) e O Apóstolo (1866-1874)".In: Comunicação em Modernidade, Instituições e Historiografia Religiosa no Brasil. 10-32. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/ner/images/stories/Renata_Batista_Brotto.pdf 1/2/2016> Acesso em: 1 fev. 2016.

[91] [Sem título]. In: *O Apóstolo*. Rio de Janeiro, nº 1, p. 1, 7 jan. 1866.

[92] NEVES, Flávio Rodrigues. "A voz e a pena a serviço da Igreja: A imprensa católica e a ampliação da esfera pública no Rio de Janeiro no final do século XIX". In: IX Encontro Nacional de História da Mídia, 2013, p. 9. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-voz-e-a-pena-a-servico-da-igreja-a-imprensa-catolica-e-a-ampliacao-da-esfera-publica-no-rio-de-janeiro-no-final-do-seculo-xix Acesso em: 3 dez. 2015.

tarefa de fortalecerem a unidade familiar e prezarem pela educação dos filhos com o objetivo de protegê-los das influências prejudiciais que o mundo – espaço público – poderia representar.

Em grande parte, os artigos não são assinados, com o uso de pseudônimos por parte dos colaboradores. Sua defesa é claramente voltada para o Ultramontanismo, e embora o termo não seja usado no periódico, o ponto de vista defendido é condizente com o que o movimento pregava.

O periódico era mantido, no momento de sua fundação, pelo que arrecadava com seus assinantes, situação que muda na década de 70, com a Questão Religiosa, visto que precisa de um fortalecimento para combater os que opõem a Igreja Católica. A medida tomada é a abertura de um espaço no fim de cada edição para propagandas, com o anúncio de imagens e artefatos ligados à devoção católica. O apoio por parte dos fieis com as assinaturas continua como a principal fonte de renda, com contínuos pedidos por parte dos redatores para que os leitores renovem suas encomendas do periódico, o que é atendido com entusiasmo, considerando-se a longevidade do jornal e sua repercussão ao iniciar o fortalecimento da imprensa católica no país e tratar de assuntos considerados espinhosos pela Igreja.[93]

O Apóstolo ocupou ao longo dos anos algumas das páginas de *AVida Fluminense*, sempre criticado, na busca dos redatores deste periódico de combater o que considera abusos referentes à liberdade de imprensa. No início das publicações de *A Vida Fluminense*, as páginas de *O Apóstolo* apresentam uma crítica a uma caricatura que questiona a contribuição da Igreja Católica nos avanços da ciência e do progresso da sociedade. A indignação pelo ocorrido é exposta em uma tentativa de desacreditar o jornal e seus leitores

> Um papelucho que por aí corre de oito em oito dias, intitulado a *Vida Fluminense*, e destinado a uma certa classe de leitores que, não tendo tempo nem jeito para se ocuparem de questões sérias, desejam contudo estudar e resolver, mas por meio de *caricaturas*, os princípios eternos da verdade, da justiça, da moral e do direito; esse papelucho, dizemos, entendeu, em sua *profunda sabedoria caricatural*, causar um grande prazer aos seus leitores das tabernas e botequins, mimoseando-nos em um dos seus últimos números com um desenho (...)
> É nada menos do que uma caricatura do Concílio Ecumênico.[94]

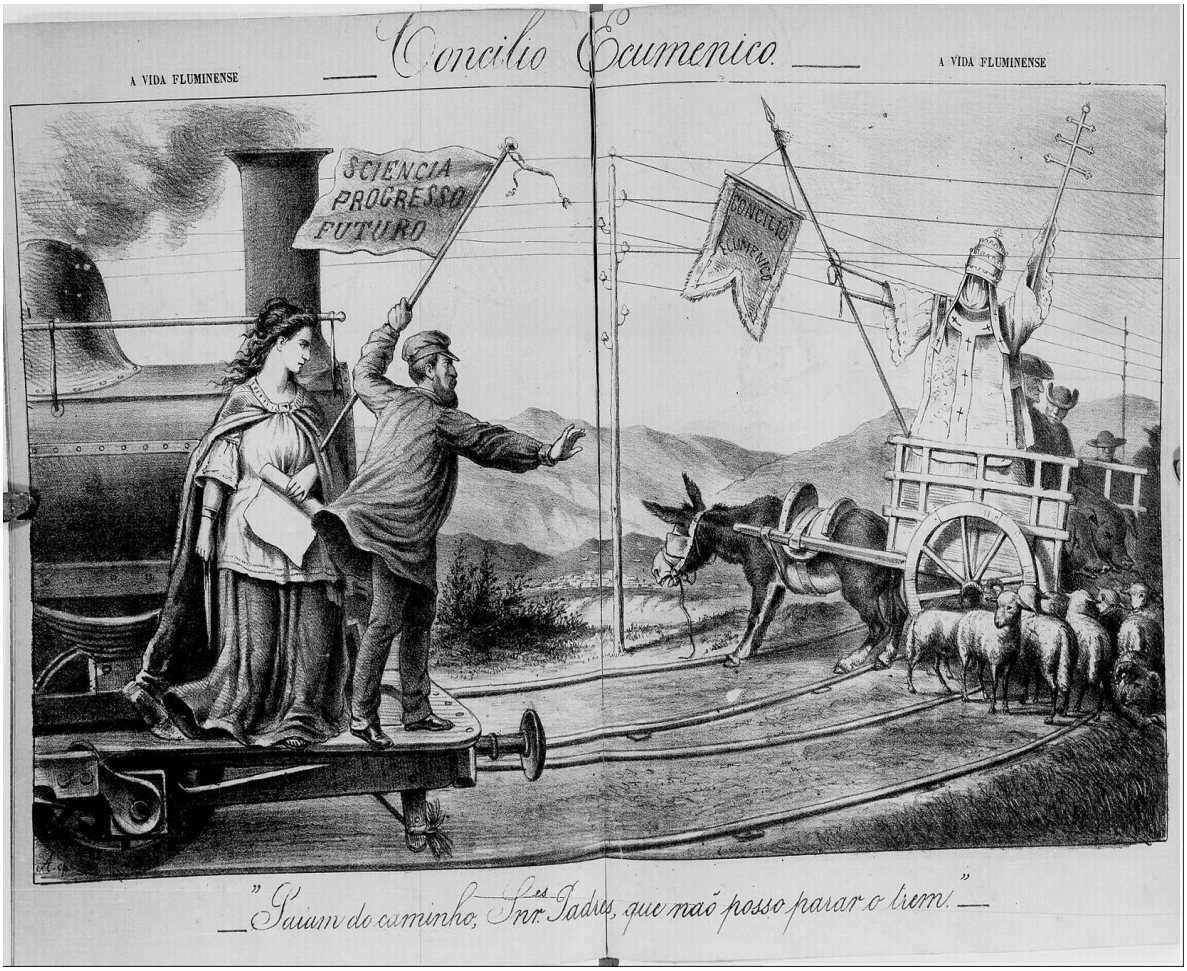
A redação de *A Vida Fluminense* afirma que a imagem, reproduzida abaixo, na verdade faz parte de um jornal da Alemanha, que lhe havia chegado. Sem especificar o

[93] NEVES, Flávio Rodrigues. "A voz e a pena a serviço da Igreja: A imprensa católica e a ampliação da esfera pública no Rio de Janeiro no final do século XIX". **In:** IX Encontro Nacional de História da Mídia, 2013, p. 9. Disponível em: http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-voz-e-a-pena-a-servico-da-igreja-a-imprensa-catolica-e-a-ampliacao-da-esfera-publica-no-rio-de-janeiro-no-final-do-seculo-xix Acesso em: 3 dez. 2015.

[94] "Comunicados – A propósito de uma caricatura sobre o Concílio Ecumênico".In:*O Apóstolo*. Rio de Janeiro, nº 39, 26 set.1869, p. 311.

periódico de onde teria recebido, há apenas o agradecimento pelo recebimento. Tendo ocorrido dessa forma, ou não, a imagem tem uma mensagem clara de considerar qualquer importância da religião na tomada de decisões como forma de retrocesso para uma sociedade que deveria caminhar orientada pelos rumos racionais da ciência.

Figura 5 – Progresso Científico X Religião Ultrapassada.



Na legenda: "Saiam do caminho, Snrs. Padres, que não posso parar o trem".

Fonte: *A Vida Fluminense*, nº 89, 11 de setembro de 1869, p. 1078.

O humor encontrado na imagem ridiculariza a forma que a religião tem de orientar a sociedade. Essa maneira de se expressar é sempre reprovada pelo jornal *O Apóstolo.* Em uma de suas crônicas, afirma-se que o papel de um cronista é tratar imparcialmente de fatos, pois é o "juiz que deve louvar o bem e reprovar o mal"[95]. Dito isto, inicia sua crítica ao periódico *Semana Illustrada* e ao *Vida Fluminense*, afirmando que

[95] "Chronica Nacional". In: *O Apostolo*. Rio de Janeiro, nº 46, 14 nov. 1869, p. 365.

> Estas duas *caricaturas da imprensa*, cada vez mais audazes, chegaram a tal ponto de *indecência* com suas chalaças grosseiras, que se tornaram verdadeiramente insuportáveis; e é por isso que elas entram no nosso tribunal correcional (...)
> *Se rindo se castigam os costumes, castigando se corrigem os bobos...*[96](grifo do autor)

As críticas que *O Apóstolo* fazia, no entanto, não surtiam o efeito de alguma correção, visto que a cada semana a oposição feita ao jornal e ao catolicismo em si, é colocada de forma contundente em *A Vida Fluminense*. Dos cinquenta e dois números que analisamos, quarenta e três fazem alguma crítica ao clero, seja em texto ou imagem.

Abaixo destaca-se a figura de um homem que é puxado para trás com um cinto de pano por um bispo. Em seu vestido está escrito "imprensa", e nomes de diferentes periódicos, como O Mosquito, Nação, e o próprio Vida Fluminense. Na legenda, vemos: "Liberdade de imprensa tal como a deseja o valente Apostolo da injuria".

Figura 6 – Liberdade de imprensa.

Fonte: *Vida Fluminense*, nº 319, 7 de fevereiro de 1874, p. 1707

[96] "Chronica Nacional". In:*O Apostolo*. Rio de Janeiro, nº 46, 14 nov.1869, p. 365.

Nesta representação, *A Vida Fluminense* destaca justamente o que seria a "opressão" de *O Apóstolo*, impedindo a "Imprensa", com jornais e vertentes diferentes entre si, de caminharem. É importante destacar que a posição das personagens remete à ideia da charge que expusemos anteriormente, de anos anteriores, onde se estabelece a ideia de o progresso científico pautado pela racionalidade ser superior às ideias religiosas. A imprensa personificada caminha para frente, puxada pelo clérigo, o que nos remete à ideia de haver um caminhar que é atrasado pelos ideais de *O Apóstolo*. Entretanto, mesmo que haja tal entrave, a maneira pela qual a "Imprensa" é retratada demonstra que não há aceitação de uma suposta repressão, mas luta e esforço para continuar a caminhar, com pés e braços esticados para frente, em uma tentativa de se livrar do laço crítico imposto pelo jornal *O Apóstolo*.

Tal postura é muito diferente do que Violante Atabalipa apresenta em seus argumentos. Entretanto, vale salientar que a defesa feita de forma mais direta e incisiva pela redatora é realizada apenas após a condenação do bispo de Olinda. No momento em que a cada semana nos jornais que se envolveram nessa discussão, via-se o destaque para o que ocorria, não há nem mesmo uma publicação de *O Domingo* a respeito. Questão delicada, onde se envolvia o respeito pela opinião do Imperador. Já não bastava publicar um jornal feminino, envolver-se com um ponto espinhoso como esse não seria muito sábio, principalmente pelo fato de afastar possíveis leitores. Uma defesa do cristianismo/catolicismo aparecerá apenas em uma publicação de abril, e daí em diante com regularidade e expressões diretas de apoio à religião católica, como expusemos anteriormente e como vemos abaixo

> Quando a religião é esquecida e aviltada em seus ministros; quando se duvida de seus dogmas; se calcam aos pés seus sacramentos; quando se profanam os seus templos, quando se parodiam suas augustas cerimônias (...): só Deus as pode salvar [as pessoas] (...)
> O sábio Ventura dizia: "A verdadeira liberdade é o fruto da verdadeira fé e da verdadeira virtude, que o espírito de Deus faz germinar em nossos corações.
> E só com o Cristianismo verdadeiro; com o catolicismo é que se pode ter – fé.[97]

A defesa de D. Violante feita ao catolicismo é proveniente em parte, de seu projeto de fazer com que *O Domingo* seja considerado enquanto uma leitura adequada, como uma forma de manual de comportamento para as mulheres leitoras, permeado de bons costumes que deveriam ser seguidos. Entretanto, avaliar suas publicações apenas por esse viés é desconsiderar o posicionamento político-religioso (mesmo que não entre em confronto com outros periódicos diretamente) que a redatora assume. Em meio ao intenso debate estabelecido, não há apenas a defesa de atributos cristãos em seu jornal, mas a crítica a uma

[97] VELASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. "A fé". **In:***O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 29, 7 de junho de 1874, p.1.

visão de mundo que parece de alguma forma estar se perdendo. Sua luta, nesse sentido, é contra um afastamento da religião que poderia desordenar a sociedade a que estava habituada, e para isso defende a ideia de que não pode haver o tão almejado progresso pela sociedade, se o respeito pela religião que ela considera enquanto suprema, for deixado aos poucos. Em um momento de plena força do catolicismo no país, talvez suas afirmações não merecessem grande destaque, mas nas circunstâncias de intensa crítica à religião, seus textos escritos e selecionados indicam uma forte afirmação política por parte da redatora.

Em meio à tentativa de reafirmação de uma ordem, a redatora auxilia a desordenar, por outro lado, o ideal de mulheres exclusivamente dedicadas ao lar. Nas fronteiras do que deveria ou não ser modificado na sociedade, D. Violante se esforça por manter a publicação de seu periódico e de convocar escritoras e leitoras para seu jornal.

O cenário que expusemos ao longo deste trabalho, pautou-se na maneira pela qual ao longo do século XIX se criaram determinadas representações da figura feminina; as formas que a imprensa voltada para as mulheres colaborou e interferiu em tais representações, principalmente no que se refere à seleção feita nos periódicos; a questão da importância da personalidade e os modos de se relacionar com o outro, considerando pontos específicos pertinentes às condições econômicas, políticas e sociais do Rio de Janeiro. Tendo percorrido tal trajeto, nos dedicaremos principalmente à seção voltada para a literatura em *O Domingo*, pautando-nos nas discussões apresentadas, a fim de analisar a seleção literária feita por D. Violante.

2. "MULHERIZAR" [98]: A NATUREZA NA CONSTRUÇÃO DO FEMININO

> Houve quem notasse que a mulher que sabe grego e latim, que é literata, que é astrônoma, botânica ou política, causa admiração, mas não inspira amor; que todas estas prendas a virilizam.
> Na culta Europa tem havido e há mulheres que sem se *desmulherizarem* tem merecido o respeito e o amor mesmo dos homens eminentes.
> (...)
> A mulher (...) sem estar fora de sua profissão, que é amar e agradar ao homem, (...) e criar a prole, sem ser admitida na governança, no exército, pode distinguir-se nas letras"[99]. (Grifo da autora)

A partir da leitura deste artigo de *O Domingo* consideramos o termo "mulherizar" enquanto uma natureza feminina que nenhuma atividade deve afetar. Indica uma essência da mulher que se refere a suas emoções, atividades e maneiras de agir que não devem ser modificadas a fim de não desordenar a sociedade que se estabelece em parâmetros dependentes das características destacadas até então para e pelas mulheres. Ser uma literata, como a autora cita, não deve interferir na maneira de ser uma boa mãe, por exemplo. O termo assume tal compreensão não apenas por este trecho apresentado, mas por grande parte da escrita e seleção de artigos para o periódico aludir ao que seriam qualidades essencialmente das mulheres. O cerne de sua existência consiste em uma natureza outorgada por Deus, que se reflete em seu corpo e nas funções atribuídas a este, o que interfere no espaço que lhe é concedido na sociedade. Em *O Domingo* tal essência é destacada ao mesmo tempo em que se reivindicam mudanças no tratamento concedido ao sexo feminino, em uma articulação de artigos de opinião da redatora chefe com a literatura publicada no jornal.

Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco nasceu na Bahia em 1817, filha de Diogo Soares da Silva de Bivar e de Dona Violante Lima de Bivar Diogo Soares. Seu pai, que possuía experiência no ramo da imprensa[100], torna-se membro do Conselho Imperial e fundador e diretor do Conservatório Dramático Imperial. Nascido em Vila de Abrantes, leste português, no ano de 1785, sua história apresenta-se com algumas reviravoltas. Condenado ao degredo em Moçambique por acusação de jacobinismo e de apoio à França na ocupação feita em Portugal, acaba por ser recolhido no forte São Pedro em Salvador, onde seu navio ancora. Com o passar do tempo a decisão da Corte portuguesa é revertida e Diogo Soares exerce a

---

[98] O termo aqui utilizado, "Mulherizar", refere-se ao vocábulo "desmulherizar" encontrado em artigo publicado por Violante Atabalipa, no jornal *O Domingo*, que destacaremos adiante, discutindo seu significado.

[99] VELASCO, Violante Atabalipa. "Dona Narcisa Amália". *O Domingo* – Jornal litterario e recreativo. Rio de Janeiro, nº 4, 14 dez. 1873, p. 1.

[100] BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. "Diogo Soares da Silva de Bivar". In: *Diccionario Bibliographico Brazileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 2º vol., 1902, p 183-184.

função de censor tanto na Bahia quanto no Rio de Janeiro. A formação em Direito na Universidade de Coimbra contribui para o prestígio nos locais por onde passa, inclusive na experiência que exerce na imprensa em Salvador, ao participar da edição da revista *As Variedades ou Ensaios de literatura*. Em 1812 casa-se com Violante Ceo e Lima e em 1821, três anos após sua pena ter sido comutada do degredo em Moçambique para o degredo na Bahia, Bivar consegue a plena liberdade novamente. Falece no Rio de Janeiro em outubro de 1865[101].

D. Violante Atabalipa ao optar por dedicar-se também ao ramo da imprensa, não entra em um meio que lhe é completamente desconhecido, vide a experiência do pai e também de um dos irmãos, Luiz Garcia Soares de Bivar (1813-1901), que se volta para o mesmo empreendimento[102]. Em 1852, D. Violante assume a redação de *OJornal das Senhoras*, fundado pela argentina Joana Paula Manso no mesmo ano. Viúva de João Antônio Boaventura Vellasco, até o momento de assumir o periódico, a redatora se dedicava à tradução de comédias italianas e francesas e fazia críticas a peças que eram avaliadas pelo Conservatório Dramático[103] e "provavelmente tenha sido ela a hesitante autora da seção de modas em O Jornal das Senhoras, que aprendeu a ser mais resoluta e corajosa"[104].

A possibilidade de agir em diferentes ambientes, para além do âmbito privado, é proveniente dos estudos que lhe foram oferecidos pela família.

> Teve tão primorosa educação que aos oito anos cantou, acompanhada de orquestra, uma cavatina, merecendo aplauso geral de um auditório ilustrado, e em verdes anos conhecia, além da língua vernácula, a francesa, a italiana e a inglesa.[105]

D. Violante Atabalipa trabalha no Conservatório Dramático, juntamente com o pai e outros membros do Conservatório, ao longo da década de 1850. Emite pareceres e preenche formulários a respeito de peças teatrais. Encontramos 18 peças que tiveram alguma interferência de Violante no processo de análise para a permissão de serem encenadas. Entre as obras que eram sujeitas a este processo, encontramos o requerimento de Violante para que uma das peças que traduziu fosse representada. A obra em questão era *O xale de caxemira*

[101] TAVARES, Luis Guilherme. "Uma revista raríssima". In:*Observatório da Imprensa*, nº 651. Sem paginação. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/uma-revista-rarissima/ Acesso em: 10 nov. 2015.

[102] *Ibidem.*

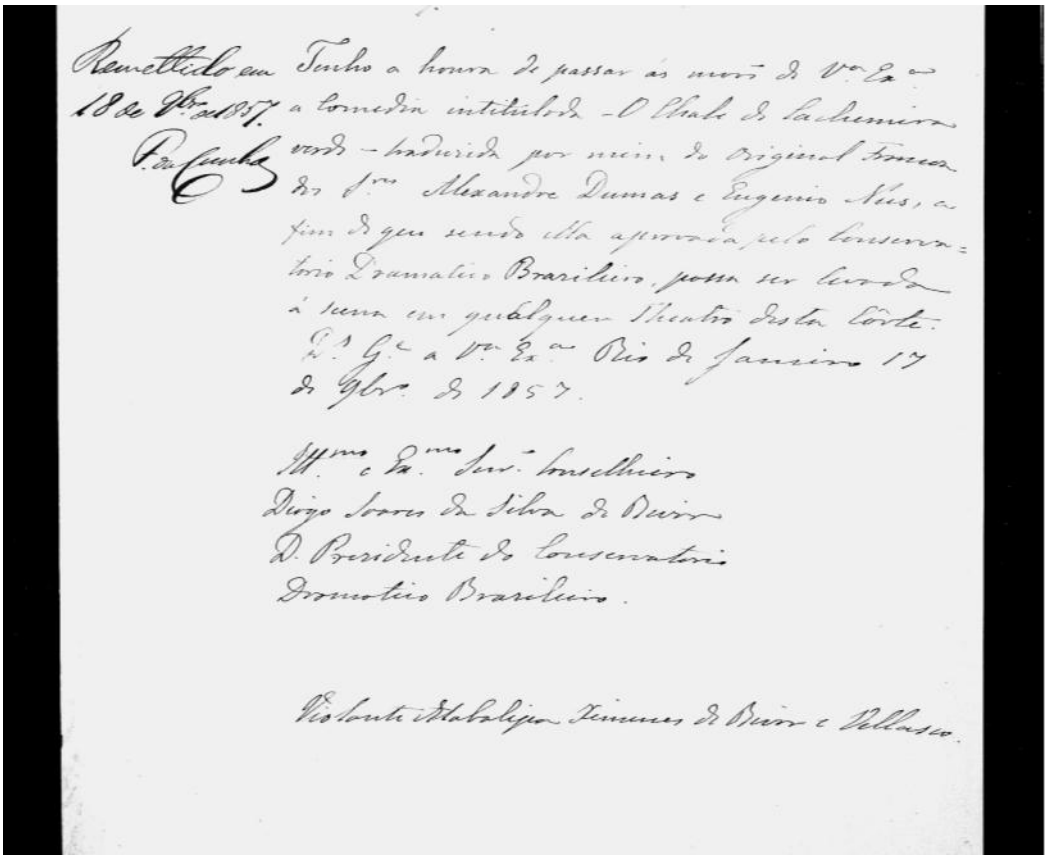
[103] HAHNER, June E. *A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas:* 1850-1937. Tradução de Maria Theresa de Almeida; Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981, p. 40.

[104] *Ibidem*.

[105] BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brazileiro*. 7º vol. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1902. p. 386.

verde, que foi liberada para representação com as seguintes palavras: "Não há inconveniente em ser representado – O Chale de Cachemira verde – a tradução é excelente, e a tradutora digna de muitos elogios – Sou de parecer que o Conservatório louve a essa Sra., pela perfeição de tal trabalho"[106].

Figura 7 – Requerimento assinado por Violante para autorização da encenação da peça O Xale de caxemira verde.



Fonte: Coleção Conservatório Dramático Brasileiro. I – 08,14,062: p. 1. Disponível no Acervo Digital da Biblioteca Nacional.

O mesmo elogio não ocorre com a crítica feita por Machado de Assis a outra peça traduzida por D. Violante. O escritor, que também trabalhava para o Conservatório, afirma a respeito da peça *Clermont ou A Mulher do Artista*

> Se a peça nada vale por si, a tradução veio torná-la mais inferior ainda se é possível. Não só a construção da frase portuguesa se ressente do idioma original, mas ainda há vocábulos disparatadamente traduzidos. Entre outros, ocorre-me o verbo

[106] VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar. *Requerimentos a Diogo Soares da Silva de Bivar, solicitando exame censório para a tradução da peça*: O xale de caxemira verde, de Alexandre Duma e Eugênio Nus. Rio de Janeiro, 17/11/1857. 3 docs (4 p.). Os documentos no Conservatório receberam o nº 343. Or. Ms. Imp. Coleção Conservatório Dramático Brasileiro. I – 08,14,062: p. 1. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1453045/mss1453045.pdf, Acesso em: 3 dez. 2015.

> *demander* – traduzido na acepção de pedir, em vez de perguntar, que é a que cabe na ocasião (cena 6ª do 2º ato); e a palavra *repétition* – traduzida repetição, em vez de ensaio, como convinha. E outras, e outras. Pena é que os nossos teatros se alimentem de composições tais, sem a menor sombra de mérito, destinadas a perverter o gosto e a contrariar a verdadeira missão do teatro. Compunge deveras um tal estado de coisas a que o governo podia e devia pôr termo iniciando uma reforma que assinalasse ao teatro o seu verdadeiro lugar[107]

O Conservatório Dramático Brasileiro funcionava com o objetivo de manter um elevado nível do que se considerava os bons costumes. Em um de seus pareceres, Violante Atabalipa afirma "Li com atenção o melodrama em 4 atos, intitulado – *O Bravo de Veneza* – e assim como outros tem subido à cena nos nossos teatros líricos, este pode também ser representado"[108]. Afirma em outro que a ária *O Caixeiro Atropelado*, "nada tem que mereça censura"[109]. O trabalho de D. Violante, ainda que breve, comparado aos dos homens que analisam as obras apresentadas, permite a visualização da mulher enquanto juíza na seleção do que pode ser levado ou não a público. Tal fato é expressivo em um momento no qual a atuação feminina nos círculos letrados da sociedade do Rio de Janeiro, começa a despontar. No inventário organizado pela Biblioteca Nacional, com a reunião de mais de 2000 conjuntos de documentos, encontramos apenas a participação de D. Violante Atabalipa enquanto emissora de opiniões a respeito de peças publicadas. Provavelmente o fato de seu pai ser membro do Conservatório Dramático auxiliou em sua participação, pois nenhuma mulher teve a atuação que ela exerceu neste ambiente. A influência do pai de D. Violante, entretanto, não diminui o trabalho realizado pela mesma, sobretudo pelas considerações que destacamos aqui, do início da participação mais efetiva das mulheres no âmbito intelectual da sociedade.

As outras mulheres citadas nos exames censórios, associam-se a requerimentos de peças que deveriam passar também por avaliações. Entre as solicitantes encontramos Juana Paula Manso (que assinava seus artigos e o seu romance como Joanna Paula Manso) que pede a avaliação de duas peças, *Os rapazes d'agora ou As Manias do Século*[110]e o *Ditador Rosas e*

---

[107] ASSIS, Machado de. Parecer. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/pareceres.pdf Acesso em: 3 dez.2015.

[108] REGISTROS de exame censório da ópera em quatro atos *O bravo de Veneza*, para encenação no Teatro Provisório. Rio de Janeiro, 1853. 2 p. Original. Manuscrito. Número inscrito pelo Conservatório: 23. Contêm: requerimento de exame remetido por Joaquim Bernardo Leal; parecer de Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. I-08,23,067.

[109] REGISTROS de exame censório da ária *O caixeiro atropelado*. Rio de Janeiro, 1852. 1 p. Original. Manuscrito. Número inscrito pelo Conservatório: 72. Contêm: requerimento de exame remetido por José de Souza Pereira da Cruz Júnior, autor da peça, a Diogo Soares da Silva de Bivar; parecer de Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco.

[110] REGISTROS de exame censório da peça *Os rapazes d'agora ou As manias do século*. Rio de Janeiro, 1853. 3 doc. (5 p.). Original. Manuscrito e impresso. Número inscrito pelo Conservatório: 76. Contêm: designação de

a Mashorca. Além dela, encontramos os pedidos das cantoras Clotilde Favrichon[111], Anna Girard[112] e Pauline Lyon[113] para a representação de suas obras.

Em relação ao trabalho de D. Violante enquanto editora de um jornal, identifica-se um tom laudatório à Virgem Maria nas publicações de *O Jornal das Senhoras* e o modelo defendido de mãe amorosa que deve se sacrificar pelo bem-estar dos filhos e marido. D. Violante contribui também no questionamento aos homens a respeito da contribuição feita por eles para uma melhor educação de suas companheiras, visto que a negligência neste sentido prejudicaria a sociedade, porém a ênfase de suas publicações consiste em destacar a

---

Luiz Fortunato de Brito Abreu Souza e Menezes e Luiz Honório Vieira Souto passada por José Rufino Rodrigues de Vasconcelos; requerimento de exame remetido por Joana Paula [Manso] de Noronha; parecer; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. I-08,10,034.

[111] REGISTROS de exame censório das peças Mlle. Dangeville, La femme aux oeufs d'or, Par les femmes e Etre aimée ou mourir. Rio de Janeiro, 1854. 5 doc. (9 p.). Original. Manuscrito e impresso. Números inscritos pelo Conservatório: 85 a 89. Contêm: designação de Boaventura Delfim Pinto e Luiz Garcia Soares de Bivar passada por José Rufino Rodrigues de Vasconcelos; requerimento de exame remetido por Clotilde Favrichon; parecer; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. I-08,11,014 (3 ocorrências no Jornal das Senhoras. Era uma cantora).
REGISTROS de exame censório das peças Ce que femme veut, Deux gouttes d'eau, La perdrix rouge e Qui se dispute s'adore. Rio de Janeiro, 1854. 6 doc. (11 p.). Original. Manuscrito e impresso. Números inscritos pelo Conservatório: 101 a 105. Contêm: designação de Luiz Garcia Soares de Bivar passada por José Rufino Rodrigues de Vasconcelos; requerimento de exame remetido por [Clotilde] Favrichon; parecer; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. I-08,11,022.
REGISTROS de exame censório da peça L'amour et l'argent. Rio de Janeiro, 1854. 2 doc. (3 p.). Original. Manuscrito e impresso. Número inscrito pelo Conservatório: 128. Contêm: designação de Boaventura Delfim Pinto passada por José Rufino Rodrigues 140 Os Exames Censórios do Conservatório Dramático Brasileiro - Inventário Analítico de Vasconcelos; requerimento de exame remetido por [Clotilde] Favrichon, diretora da Companhia Favrichon; parecer; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. I-08,11,025.
REGISTROS de exame censório da peça L'amour et l'argent. Rio de Janeiro, 1854. 2 doc. (3 p.). Original. Manuscrito e impresso. Número inscrito pelo Conservatório: 128. Contêm: designação de Boaventura Delfim Pinto passada por José Rufino Rodrigues 140 Os Exames Censórios do Conservatório Dramático Brasileiro – Inventário Analítico de Vasconcelos; requerimento de exame remetido por [Clotilde] Favrichon, diretora da Companhia Favrichon; parecer; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. I-08,11,025.

[112] REGISTROS de exame censório das peças Une scandale, Madame Grégoire, L'enfant gâté, A la campagne, Les suites d'un premier lit e Mlle. Lange. Rio de Janeiro, 1854. 9 doc. (2 p.). Original. Manuscrito e impresso. Números inscritos pelo Conservatório: 204 a 212. Contêm: designação de José Albano Cordeiro, Luiz Garcia Soares de Bivar e Boaventura Delfim Pinto passada por Francisco Correia da Conceição; requerimento de exame remetido por Anna Girard; parecer; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. Anexo: despacho de Luiz Garcia Soares de Bivar. I-08,11,043
REGISTROS de exame censório da peça Poète et savetier. Rio de Janeiro, 1854. 2 doc. (2 p.). Original. Manuscrito e impresso. Número inscrito pelo Conservatório: 235. Contêm: designação de Luiz Garcia Soares de Bivar passada por Francisco Correia da Conceição; requerimento de exame remetido por Anna Girard, representante de uma companhia francesa; parecer; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. I-08,11,049
REGISTROS de exame censório da comédia La maîtresse de langues, para encenação no Teatro São Francisco. Rio de Janeiro, [1854]. 1 p. Original. Manuscrito. Número inscrito pelo Conservatório: 230. Contêm: requerimento de exame remetido por [Anna Girard]; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. I-08, 23,101

[113] REGISTROS de exame censório do vaudeville Mam'zelle Rose. Rio de Janeiro, 1859. 2 doc. (3 p.). Original. Manuscrito e impresso. Número inscrito pelo Conservatório: 256. Contêm: designação; requerimento de exame remetido por [Pauline Lyon]; parecer de João [José] do Rosário. I-08,16,118.

espiritualidade feminina e a maturidade emocional para lidar com problemas do cotidiano, principalmente com o destaque concedido à figura da Virgem Maria, contribuindo para a representação da mulher enquanto um anjo maternal[114].

A alusão feita à Virgem ocorre geralmente em poemas que a exaltam, momento em que se encontra de maneira mais direta a referência, enfatizando sua bondade

> Há uma virgem no mundo
> D'um culto santo o objeto;
> Sempre um terno e grato afeto,
> Um voto ao altar lhe apende:
> Esta Virgem é Maria,
> Que tão meiga nos atende[115]

Entretanto, a ideia de pureza presente no jornal, mesmo que não cite diretamente Maria, indica sua influência enfatizando o caráter do imaculado e estimulando uma reflexão contínua a respeito das atitudes enquanto mulher: "concentra-te no teu existir de anjo; guarda, oculta aos olhos de todos a tua inocência; concilia-te com o teu pensamento de virgem"[116]. A Virgem Maria torna-se o exemplo por excelência das que desejam se manter puras. Essa pureza não se refere apenas ao controle da sexualidade, mas a uma bondade e aproximação com o divino, que intensifica a representação da mulher à figura de mãe, sobretudo pelo amor imensurável que deveria exercer pelos filhos. É a Virgem valorizada antes do nascimento de Cristo, para as que ainda são solteiras e devem preservar atitudes castas e a Virgem após o nascimento de Cristo, a mãe completa, que se desapega do que possui, que pensa mais nos outros do que em si mesma.

Duas décadas depois, ao iniciar a publicação de *O Domingo* (1873-1875), a editora organiza-o de forma semelhante a outros periódicos voltados para mulheres do século XIX. Embora não o afirme enquanto voltado apenas para um público feminino, seu formato segue a mesma linha dos jornais deste tipo. O semanário era publicado com 4 páginas pela tipografia Lyra de Apollo, com as páginas divididas em duas colunas, sendo posteriormente modificado para três. Na primeira página há um artigo de opinião da redatora, seguida de duas seções principais: "Literatura" e "Parte Recreativa". Tais divisões são compostas de subseções, sendo a parte de literatura dividida geralmente em um relato ficcional e a subseção "Mulheres Célebres", e a "Parte Recreativa" dividida em "Charadas", "Pensamentos" e "Poesias", esta

---

[114] HAHNER, June E. *A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas:* 1850-1937. Tradução de Maria Theresa de Almeida; Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. p. 41.

[115] MESSEIDE, Cleomenenes. "Hymno a Santa Virgem". **In**: *O Jornal das Senhoras.* Rio de Janeiro, nº 13, 27 de março de 1852, p. 100-101.

[116] Q. E. O. "As Paixões". **In**: *O Jornal das Senhoras.* Rio de Janeiro, nº 21, 23 de maio de 1852 p. 162.

última publicada com regularidade a partir da décima edição do periódico. O hebdomadário não publicava anúncios, o que nos indica a dependência da sua manutenção por parte das assinaturas e da colaboração da redatora.

A fim de analisarmos os artigos publicados em jornais femininos no século XIX, é preciso destacar a representação de dois modos polarizados de ver a mulher que predominam na circulação de periódicos e na literatura de então: as associações feitas com a ideia de anjo e demônio (relacionado geralmente à sensualidade). Referente à descrição angelical feminina, a autora Norma Telles[117], em trabalho recente, enfatiza uma série de elementos que se destacam em autores dedicados à criação literária envolvendo personagens femininas, e que formam o quadro de idealização que predomina: valores voltados para a castidade, pureza, maternidade, obediência à família, delicadeza no falar e no agir, caridade. A quantidade de poemas que tratam da amada descrita com essas características é significativa e nos artigos publicados em tais periódicos a associação feita com a Virgem Maria é bastante direta, principalmente devido ao destaque dado ao sofrimento e sacrifício enquanto mãe.

Em contraposição à figura angelical, Norma Teles destaca a imagem que se cria para a mulher que não se esforça em desenvolver os atributos cristãos considerados adequados para atingir o ideal. Geralmente este outro lado está associado à sensualidade, ao desapego à família, à capacidade da mulher de desvirtuar os homens e à busca por um luxo excessivo. Telles cita o mito de Lilith como exemplo não apenas de negação à imagem da mulher enquanto anjo, mas como afirmação direta da formação de um demônio. A primeira mulher de Adão, também criada a partir do pó e da terra, compreendia que era igual a ele e não desejava se submeter ao companheiro, nem mesmo no ato sexual, recusando-se a ficar por baixo dele[118]. Por isso brigam, e Lilith foge e passa a viver com demônios, mesmo após Deus enviar anjos na tentativa de persuadi-la a ser obediente[119], pois, "prefere a terrível punição, perder cem de seus filhos demônios por dia. E ela se vinga amaldiçoando e matando bebês, principalmente meninos que eram tidos como suas vítimas"[120]

No periódico *O Domingo* há intensa repetição das qualidades que destacamos acima, principalmente no que se refere à figura de anjo. Em alguns artigos também encontramos a

[117] TELLES, Norma. *Encantações: Escritoras e Imaginação literária no Brasil.* São Paulo: Intermeios, 2012, p. 83-87.

[118] *Ibidem*, p. 88.

[119] *Ibidem*.

[120] *Ibidem*.

descrição da mulher enquanto um mistério, com características tanto de anjo quanto de demônio

> Um contraste deslumbrante de pudor, de amor, de loucura, de razão, de prazeres, de esperança, de energia, de debilidade. Gelo e fogo; frialdade e alvoroço, tristeza e contentamento: toda vez em seu coração, em sua alma, em sua cabeça de anjo; duende e demônio para fazer a desesperação ou felicidade dos homens[121].

Porém, mesmo no momento em que ela atua como uma dissimuladora de sentimentos e pensamentos, pode haver alguma virtude, o que torna mais complexa a ideia de vê-la como angelical *ou* demoníaca. A mulher

> finge quando deixa ver ao companheiro da sua vida o semblante sereno, com a tempestade no coração, e o sorriso na boca, quando se lhe enche de lágrimas a alma. Esta mulher espalha a felicidade em redor de si, tendo às vezes diante dos olhos a desdita; absorve fel para destilar de si mel, e arranca do caminho todos os espinhos para que os outros colham só rosas[122]

A isso, chama-se uma "nobre hipocrisia"[123], diferente da ideia da mulher dissimuladora, que de alguma forma se desvirtua. A primeira, acontece pela busca de se poupar o sofrimento do outro, e isso é da ordem do belo e bom; na segunda vê-se a mentira e o engano por alguma vontade egoísta de satisfazer um desejo pessoal, e por isso não é aceitável. Os personagens principais relacionados ao aspecto angelical referem-se à mãe e à boa esposa. Entretanto, vale lembrar que a figura da mãe nunca é associada a uma percepção de maldade ou capacidade para fazer algo ruim (pelo menos no jornal *O Domingo*). A mãe encontra-se na esfera do que é bom, do que eleva a Deus, sobretudo pela ideia de criação, e se porventura há alguma que deixe de se comportar como deveria, certamente ela é uma exceção, que de forma alguma se encaixa no padrão esperado. A esposa em algum momento pode apresentar erros tolos, mas compreensíveis, principalmente no início do casamento, pelo fato de estar ainda aprendendo as maneiras de lidar com a vida conjugal. Entretanto a mãe está em um patamar superior, como se o próprio ato de gerar outro ser, qualificasse a mulher para um nível mais elevado de sabedoria e experiência de vida. Para ser esposa e estar na sociedade aprendem-se muitos trejeitos e meios, mas para ser mãe, espera-se que a mulher deixe aflorar o que a natureza reservou para si. A respeito da pureza do papel maternal, lê-se em um artigo de Joana Paula Manso, que trata da honra de uma mãe de família, o seguinte:

> O homem de honra que se sentir inclinado, por infelicidade sua, para uma mulher honesta, acreditai-me, esse homem de bem, com sacrifício seu, fugirá da mãe de

[121] "A mulher". In: *O Domingo* – Jornal Litterario e Recreativo. Rio de Janeiro, nº 29, 7 jun.1874, p. 2.

[122] *Ibidem.*

[123] "A Mulher e o Álbum". Retirado do *Almach das Senhoras* de Lisboa. In:*O Domingo.* Rio de Janeiro, nº 22, 19 abr. 1874, p.1.

> família que não quer desonrar... e, se no delírio de uma paixão invencível ele deixar escapar o seu segredo, e a mulher o aceitar, este só fato bastará para quebrar o ídolo e desestimar aquele que deixou o seu posto elevado na ordem social, que atraiçoou o mais casto, o mais sublime, o mais santo de todos os amores da terra – o amor maternal.
> (...)
> Que respeito, que recompensa, que ventura pode esperar para o futuro aquela que atraiçoou a confiança inocente de seus filhos, sobre cujas cabeças infantis, em vez do batismo celeste de beijos e de lágrimas, ela derrama o opróbrio e a vergonha? [124]

As percepções de mãe e esposa estão neste trecho entrelaçadas, mas o amor mais sublime é o maternal. E se a mulher ceder ao amante, certamente o castigo maior será para ela, pelo fato de não ter respeitado a nobre função de mãe que lhe cabe, o que se iguala ou é mesmo pior do que a traição ao seu marido.

A perspectiva de mulher demônio associa-se, portanto, a tipos de personagens, como a mulher que se apega a bens materiais, despreza um amor puro, ou que se entrega a paixões e vícios, seja casada ou solteira.

Em dois artigos a respeito de namoro, no jornal *O Domingo*, ocorre uma preocupação com o cuidado que a jovem deve ter quando começa a pensar em pretendentes, pelo fato de que pode se deixar levar pelas ilusões que a paixão, supostamente muito diferente do amor, traz. Em artigo intitulado "O amor e o namoro", o amor é exposto como algo puro e calmo, enquanto o namoro é associado à paixão e à corrupção, aconselhando as jovens a terem cuidado com os rapazes que se apresentarem de forma "insinuante"[125], pois "o verdadeiro amante é tímido e tristonho"[126].

Tratando da forma pela qual os namorados estabelecem relações, afirma-se em um artigo de primeira página no jornal, como é preocupante a troca de cartas entre os mesmos. Tal preocupação ocorre tanto pelo que se encontra escrito nas missivas, quanto pelas formas pelas quais mantêm a correspondência, o que também é prejudicial para os bons costumes, utilizando-se da "criada ou escrava da casa, o moleque, os irmãos pequenos, etc. Algumas vezes a moça recebe-a [a carta] e faz troca na janela e em mão própria.[127]

A vivência de tais hábitos caracteriza a menina "namoradeira", mencionada no artigo. Embora não faça aparentemente nada de muito grave, os perigos a que tal costume pode levar inclinam a jovem para o lado sensual e, portanto, demoníaco da mulher, visto que se deixa

---

[124] NORONHA, Joana Paula Manso. "A Mulher casada". In:*O Domingo* – Jornal Litterario e Recreativo. Rio de Janeiro, nº 52, 15 nov.1874, p. 94.

[125] A. L. **"**O amor e o namoro" In:*O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 56, 17 de janeiro, p. 5-6.

[126] *Ibidem.*

[127] "As cartas de namoro". In:*O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 66, 4 de abril, p. 45-46.

levar pelos desejos pessoais, até mesmo burlando a vigilância de pai e mãe. Tais exemplos, a respeito da percepção da mulher como um anjo, como a rejeição desse anjo ou como um meio-termo, nos remetem ao fato de que a tentativa de definição do que seria a mulher é algo não tão bem definido quanto pareça a princípio, a despeito das afirmações contundentes que se vê em alguns artigos. Embora publicados pelo mesmo periódico, estes artigos são de diferentes autores e cada um enfatiza um modo pelo qual vê a figura feminina. Em muitos momentos a argumentação utilizada nesses artigos se tocam, pela valorização da virtude. Entretanto, as situações diferentes que descrevem permitem a visualização de diversos meios pelos quais a mulheres poderiam escapar ao ideal proposto e aceito pela sociedade, e é justamente por intermédio destes possíveis desvios, das possibilidades não concretizadas, mas apenas conjecturadas nos artigos, que ocorrem múltiplas possibilidades de ser, da mulher. O ideal virtuoso (com especial referência à mãe) é intocável e são os cuidados com possíveis erros que as mulheres estão suscetíveis de cometer que levam a uma compreensão para além de extremos. A perfeição baseada na moralidade convive com a ideia da moça namoradeira que se lança às cartas entregues às escondidas, com a mãe de família que pode trair a confiança do marido e dos filhos, com aquela que deseja conquistar o homem já casado, com a que não se dedica ao lar como deveria. Em meio ao objetivo de perfeição, encontram-se desvios de diferentes formas. A pergunta "O que é a mulher?", perpassa as diferentes publicações do jornal, visto que mesmo que se afirme sua natureza associada à inocência e à sensibilidade concedidas por Deus, estas podem se perder ao longo da vida, e então como aplicar uma definição a partir disso?

Vale lembrar que a especificação do espaço da mulher na sociedade é a definição do espaço masculino também. Sobre este ponto, é interessante destacar a forma pela qual o tema é abordado pelo periódico *A mulher do Simplício ou A Fluminense Exaltada* (1832-1846)

> Sabeis, ó sincera Amiga,
> Os homens como hoje estão?
> Eu vos digo, criatura,
> Tudo é uma perdição!
> (...)
> Se mil novelas compõem-se
> Só de nossa falsidade,
> Oh! É porque de escrevê-las
> Eles tem mais liberdade.
> E quem os fatos publica
> (Como alguns que sei e vi)
> Mil vezes falta à verdade,
> Mas nunca fala de si.
> Se as mulheres fossem sempre
> Dessas obras escritoras,
> Diriam elas dos homens

O que dizem das Senhoras[128].

Este periódico tem como característica a exposição feita toda em versos e é singular nesse sentido, além do que, seu redator, Francisco de Paula Brito assina sempre como uma mulher: "Em suas páginas, a personagem, por ele criada, deveria servir de estímulo ao engajamento político de suas patrícias como modelo de mulher patriota que clamava pelo direito de manifestar sua opinião"[129]. Era vendido pelos irmãos Laemmert, publicado em 2 colunas de versos, com publicação irregular, podendo variar de 2 semanas a 6 meses entre um número e outro.

No trecho destacado há uma crítica feita à maneira pela qual a mulher é determinada nos escritos e uma característica de denúncia à forma como isso é feito. Talvez pela falta de apelo religioso do jornal, a ideia de uma natureza que determina como a mulher age, não esteja presente como se vê em outros periódicos voltados para o público feminino. Ao contrário de se afirmar uma natureza feminina, boa ou má, trata-se de chamar atenção para o fato de que há uma *construção* feita pelos homens sobre a forma como a mulher se porta, no caso, com falsidade.

No número seguinte, continuando a exposição das ideias como se fosse uma correspondência, há uma resposta à carta anterior, em que se lê

> Quem dera que vós sofrêsseis
> Dos filhos a gestação
> E que de todos cuidásseis
> Na primária educação!
> Que uma prisão suportásseis,
> Como as que nós suportamos,
> Que às vezes, a liberdade
> Nem temos, se a suplicamos!
> Vós folgais em toda parte,
> Vendo, qual dizeis, as belas;
> E a nós só é permitido
> O recurso das janelas![130]

O questionamento volta-se primeiro para a responsabilidade de cuidar dos filhos, citando a gravidez e a educação concedida. A responsabilidade que recai sobre a mulher priva-a de outras atividades enquanto os homens podem despender tempo debatendo a beleza das mulheres que lhes despertam atenção. O local que ainda resta enquanto espaço de alguma

[128] "Amor e os homens – carta que à sua amiga Aonia dirigiu a espirituosa Francina". In: *A mulher do Simplício ou A Fluminense exaltada.* Rio de Janeiro, nº 63, 23 de dezembro de 1839, pp. 5-6.

[129] CALDEIRA, Claudia Adriana Alves. *Francisco de Paula Brito: política e imprensa.* In: *Revista Maracanan*. Rio de Janeiro, dezembro de 2012, p. 118. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/12776/9896> Acesso em 11 jan. 2016.

[130] "Resposta que à sua amiga Francina enviou a espirituosa Aonia" In: *A mulher do Simplício ou A Fluminense exaltada.* Rio de Janeiro, nº 64, 21 de junho de 1840, pp. 2-3.

liberdade feminina é a fronteira determinada entre a casa e a rua, a janela, também criticada enquanto um meio que pode representar perigo para a moça de família, como vimos na escrita de Violante Atabalipa, sobre o namoro.

Esta divisão, os limites estabelecidos para o comportamento feminino na sociedade e a representação da mulher ideal não ganham força apenas pelo aspecto religioso. Os escritos médicos a respeito do corpo feminino nesse século, abordam justamente as funções destinadas a este corpo as quais indicariam as melhores atividades exercidas pelas mulheres neste período. Desta forma, os escritos médicos interferem no debate referente à forma pela qual a "natureza feminina" é mais adequada para determinados comportamentos em sociedade.

A autora Ana Paula Vosne Martins, ao tratar de como se constitui esse campo na Europa e as repercussões no Brasil no século XIX, sobretudo em Salvador e no Rio de Janeiro, afirma que o útero é considerado um dos grandes emblemas na ênfase concedida às diferenças sexuais pela ciência. De fato, os estudos reforçam a ideia da mulher com a missão maternal concedida pela natureza, visto que a formação de seu corpo seria a prova final desta constatação.[131]

Sendo o útero (e posteriormente os ovários) o símbolo de diferenciação da mulher – diferença que ocorre em comparação à suposta sexualidade normal do homem – a associação que se fortalece nos séculos XVIII e XIX, com a figura da mãe, torna-se uma representação de grande apelo nas descrições feitas a respeito do feminino. A criação de uma categoria universal intitulada mulher, refere-se sobretudo às características de ordem corporal, com a intensificação de estudos sobre a fisiologia feminina e passam a embasar justificativas para uma série de atitudes referentes ao local e papel da mulher na sociedade.

De acordo com o historiador Thomas Laqueur, a ideia predominante entre os gregos na Antiguidade a respeito dos corpos de homens e mulheres, é de que há uma correlação entre seus órgãos, em uma condição de completude entre ambos e não de oposição. Destaca o fato de que o ovário, que se torna no século XIX uma "marca" da mulher, "durante dois milênios (...) não tinha nem ao menos um nome específico", sendo associado aos testículos e tendo em alguns casos, a mesma denominação, *orcheis*. Em um longo processo de mudança de pensamento que ganha força no século XVIII, o autor afirma que a partir de então há ênfase nas *diferenças* entre os sexos, evidenciando a ideia de que são opostos e não complementares, "diferentes em todo aspecto concebível do corpo e da alma, em todo aspecto físico e moral".

[131] MARTINS, Ana Paula Vosne. "A Medicina da Mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia do século XIX Tese (Doutorado em História), 313 fls. Campinas: Unicamp, 2000, p. 34.

Essa diferenciação interfere nas definições de espaços ocupados pelo masculino e feminino dentro da sociedade burguesa, atuando não apenas como definidor de uma identidade concedida por Deus (dentro de um discurso religioso), mas também como justificativa das tarefas para as quais ambos seriam capazes de realizar.

Não pretendemos com essas afirmações colocar a medicina de então enquanto uma determinadora do comportamento social do período, embora não se possa negar sua entrada nesse campo de disputa, penetrando nas nascentes ciências sociais que explicariam uma origem ou comportamento humanos, desenhando uma disputa com a "verdade revelada" da Igreja Católica. Nossa finalidade érelacionar a medicina com o objeto de estudo apresentado, considerando o tipo de destaque que os escritos médicos atribuem à figura feminina e como isso remete a uma associação para muito do que se retrata da mulher, sobretudo na segunda metade do século XIX. Pela constituição do corpo feminino, por exemplo, a mulher não deve fazer trabalhos pesados, não apenas por ser mais frágil fisicamente, mas por ser mais delicada, tendo que evitar, então, o embrutecimento a partir de qualquer atividade que não seja condizente ou compatível com essa natureza. A ideia de que a figura feminina é diferente do homem e em alguns casos chega até mesmo a ser um mistério, é um dos alicerces para esses escritos. Tratando a respeito dos estudos feitos no Brasil, Ana Paula Vosne Martins destaca o fato de que uma das perguntas que mais inquietavam os ginecologistas era a questão de quando a menina se tornava mulher, principalmente pelo fato de que os estudos se voltavam para as mudanças ocorridas no corpo e comportamento femininos, ignorando as diferenças ocorridas com os homens, "já que estes não sofriam as mesmas determinações dos órgãos sexuais, afinal, eram seres cerebrais".[132]

Os cuidados recomendados para o corpo feminino indicam muito dos valores que também interferiam na maneira de se clinicar e muito dos valores sociais que se consideravam nas áreas da ginecologia e obstetrícia em formação. Além do grande interesse referente à menstruação e os longos cuidados descritos que a adolescente deveria ter com alimentação e exercícios físicos, Ana Paula Martins destaca os pontos levantados nas teses referentes à gravidez, baseadas no modo de vida das mulheres das camadas mais abastadas da população, cujas condições permitiam seguir as dietas especiais recomendadas pelos médicos e o repouso necessário, que não era possível de ser seguido pelos grupos femininos que precisavam sustentar a família, por exemplo. A defesa de uma atenção especial com o corpo da mulher

[132] MARTINS, Ana Paula Vosne. "A Medicina da Mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia do século XIX". Tese (Doutorado em História), 313 fls. Campinas: Unicamp, 2000 p. 171-172.

grávida foi parte da propagação da ideia de que era possível ter uma gravidez "mais tranquila, num parto controlado e um bebê saudável, evidenciando o efeito da classe social na percepção dos médicos a respeito de suas pacientes"[133]

Além das diferenças de camadas sociais, é necessário considerar também a alteração de tratamento e interesse dos médicos de acordo com a idade da paciente. As mulheres que passam da idade da reprodução, muitas vezes são criticadas pelo fato de que não conseguem lidar com a diferença de seus corpos, e possuem grande dificuldade em suportar a perda da aparência atraente. A questão central está no fato de que a definição da mulher a partir de mudanças drásticas como a menstruação, a gravidez e o parto, provoca um questionamento a respeito do espaço da mulher que passa pelas modificações da menopausa para não mais conhecer modificações intensas em seu corpo e comportamento[134]. De certa forma, era adquirido um bem precioso para as mulheres: a liberdade.[135]

Nesse sentido é interessante atentar para as variações ao se considerar a questão de público e privado no ocidente europeizado do século XIX, tanto para as mulheres de camadas sociais mais baixas, quanto para as mulheres mais velhas. A preocupação de controlar seus sentimentos, temer sua exposição involuntária e manter determinada personalidade seria a mesma? Com responsabilidades diferentes, no caso de mulheres que precisam também arcar com as despesas da casa, a circulação pelo ambiente fora do lar também possui suas regras, porém estas podem ser consideradas mais maleáveis devido à exigência de um trabalho que as retiram da exclusividade do lar, do marido e dos filhos. No que se refere às mulheres mais velhas, estariam elas sob um controle menos rígido que as jovens? O que é a sua personalidade defendida, quando os principais traços de sua feminilidade, daquilo que é destacado enquanto marca de uma mulher, já não lhes pertencem mais? Ela já teve filhos, mas não pode mais tê-los. Embora não deixe nunca de ser mãe, não há mais crianças em casa para cuidar. Casada ou viúva, seus atributos físicos não se apresentam mais, necessariamente, de forma ameaçadora para os que a cercam e a sua sexualidade, de maneira geral, não faz sentido nos estudos de medicina que se desenvolvem... Essas são questões que também relativizam as delimitações do público e privado, por interferirem diretamente no trânsito da mulher (embora fosse difícil em alguns casos determinar seu papel na sociedade) nos ambientes pelos quais

[133] MARTINS, Ana Paula Vosne. "A Medicina da Mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia do século XIX". Tese (Doutorado em História), 313 fls. Campinas: Unicamp, 2000, p. 208.

[134] *Ibidem*, p. 184.

[135] *Ibidem*.

deseja e/ou precisa circular. Tal interferência se refere sobretudo às noções de normalidade e um padrão esperado: atitudes que uma mulher deve ter/atitudes que não deve ter, o que inclui a questão do desejo sexual feminino, constantemente negado pela medicina e a sociedade, visto que o ato sexual deveria ser para as mulheres apenas uma questão de reprodução, e não de prazer. A defesa da ideia de que a mulher *normal* não deve sentir desejo, pois estava voltada para a missão de ser mãe, também encontra embasamento no fato de que seu corpo não é como o do homem, sendo o desejo, portanto, desnecessário.

Outro aspecto concernente à pesquisa dos corpos femininos diz respeito aos pudores que afetam diretamente os estudos e as consultas realizadas, visto que os exames ginecológicos eram restritos devido a intensa moralidade em relação ao toque de um estranho no corpo feminino, "portanto, pode-se imaginar a dificuldade em expor os órgãos genitais mesmo que fosse num ambiente deserotizado e com a presença de terceiros"[136]. Entretanto, apesar da reserva no que concerne às avaliações dos órgãos genitais e aos cuidados relacionados à moral que atingem tanto pacientes quanto em algumas situações os próprios médicos, lemos na imprensa médica no Rio de Janeiro, na segunda metade do século, descrições detalhadas de exames e cirurgias. Na *Revista Médica* (1873-1876), periódico que circulou no Rio de Janeiro, vemos que por meio da análise científica permitem-se as exposições minuciosas do corpo feminino, as quais não possuem conotação erotizada. No seguinte artigo de ginecologia, um médico afirma que

> Examinando o útero pelo tocar, encontrei a porção vaginal bastante alongada com quatro centímetros de comprimento mais ou menos, com uma forma cônica, com consistência normal, e tendo os lábios dispostos por modo que apenas entre eles sentia-se um ponto onde a falta de resistência fazia reconhecer, que aí se achava o orifício externo ou vaginal do canal cervical. (...) Por meio do espéculo de Sims, encontrei a vagina com uma cor vermelha mais pronunciada (...).[137]

Em meio a uma busca para se representar as mulheres, seja com preceitos religiosos e/ou pesquisas médicas, verifica-se também na imprensa a tentativa de compreender e expor o que afinal de contas *é* a mulher. As definições expostas, entretanto, não partem de atividades que realiza e que a tornam alguém, mas pelo contrário, uma natureza, algo anterior a suas atitudes é que define como ela deve agir e em que locais. O que ela já é, tanto como missão divina, quanto pelo corpo divinamente criado para determinadas funções, é que indica o que deve fazer. Em um artigo publicado em três partes no jornal *O Domingo*, vê-se uma escrita

[136] MARTINS, Ana Paula Vosne. "A Medicina da Mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia do século XIX". Tese (Doutorado em História), 313 fls. Campinas: Unicamp, 2000, p. 143.

[137] SABOYA, Dr. V. "Gynecologia". **In**: *Revista Medica*. Rio de Janeiro: Ano I, nº 5, 10 de agosto de 1873, p. 67.

cuja tentativa é a de definir como seria a mulher. De alguma forma, boa parte das publicações apresentam definições, mas o objetivo em especial deste artigo é tratar apenas deste assunto. No artigo "A Mulher", assinado por A. M. Reis, é exposta a ideia da mulher como inspiração para o homem, citando como exemplo os escritores de literatura.

> Sem *Marília*, Dirceu certamente não teria enriquecido a literatura pátria com o precioso legado que nos transmitiu; e as delicadas poesias de Claudio viveriam sepultadas na imaginação do poeta, se a sua *Pastora* não o inspirasse.
> Quem já pôde conceber Petrarca sem *Laura*, Dante sem *Beatriz*, Tasso sem *Leonor*, Camões sem *Natércia*, Dirceu sem *Marilia*, e Apolo sem *Daphne?*[138]

Logo após esse trecho, onde a presença da mulher é destacada como fundamental para o reconhecimento dos autores citados, ocorre a descrição de sua personalidade e a função nas vidas dos que estão ao seu redor, distinguindo-a enquanto personagem central como esposa e anjo enviado por Deus para ser uma companheira em momentos alegres e difíceis da vida, uma "flor que perfuma a nossa existência e a estrela que aponta o nosso futuro, é finalmente a nossa divindade cá na terra!" [139]. No número seguinte, continuando o artigo, o autor afirma que em locais como a China e Japão (representando a falta de civilização) a mulher não tem seus direitos reconhecidos, mas que entre aqueles onde a civilização tem se instalado, a mulher encontra um destaque positivo[140]. O motivo de tal destaque se encontra no fato de que "não faltam à mulher nobres pensamentos no seu cérebro, (...) ela necessita, porém de uma educação delicada e completa, que avive esses pensamentos(...)".[141] O destaque para os pensamentos femininos eleva a mulher à capacidade intelectual. O adjetivo "nobre", que acompanha essa descrição, afirma os bons valores atrelados à idealização feminina. O autor, entretanto, observa que há mulheres que partindo para outro extremo, não seguem o papel que é o esperado, mas que nem por isso se deve desacreditar capacidade feminina para o bem, visto que se na sociedade "aparecem como uma nuvem negra em um céu sereno, (...), uma Lucila, uma Laodeceia, uma Thamar... também entre os homens célebres, surgem como medonhos fantasmas, um Nero, um Caracalla e tantos outros![142].

Sobressai na conclusão de Reis, a interessante afirmação de que, se há mulheres tanto más quanto boas, isso não é prerrogativa feminina, visto que entre os homens, o mesmo ocorre. Haveria então uma igualdade no caráter masculino e feminino, visto que ambos

---

[138] REIS, A. M. P. "A mulher". In:*O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 57, 24 jan. 1875, p. 9.

[139] *Ibidem.*

[140] REIS, A. M. P.. "A mulher". In:*O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 58, 31 jan. 1875, p. 13.

[141] *Ibidem.*

[142] REIS, A. M. P. "A mulher". In:*O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 61, 28 fev. 1875, p. 25.

podem ter atitudes consideradas boas e ruins, não importa o sexo? O tom que o autor concede ao longo de todo o artigo, nos mostra a prevalência da ideia de que a mulher carrega em si uma pureza, e que ao longo da vida merece uma educação adequada, para ter seu caráter refinado. Há qualquer inocência com a qual ela já nasce e que merece ser na maior parte das vezes destacada e nesse sentido, ela não é igual ao homem, devido à diferença de seus papeis. É necessário que o feminino tenha nascido assim, pois precisa aprender a lidar com seu papel de mãe, que exige uma sensibilidade marcadamente diferente do homem. O que acontece fora dessa definição, não desmerece a virtuosidade das "grandes mulheres que eternizaram seus nomes", nem serve como parâmetro para a educação das jovens que precisam ser orientadas. Apesar de haver diferentes autores e artigos no jornal e alguns destacarem a visão de mistério referente à mulher, o parâmetro para análise dos tipos de mulher é a valorização moral em torno do feminino.

Além da tentativa de definição do que seria uma mulher, outro aspecto muito abordado no tema mulheres e imprensa é a educação, atrelada diretamente ao tema anterior que destacamos, e que podemos dividir basicamente em dois pontos principais, cada um com diferentes aspectos a serem debatidos. Um desses pontos é o de a imprensa voltada para o público feminino funcionar como um grande articulador de ideias que devem ser publicadas para as moças lerem em seus lares e aprenderem bons modos, a importância de ser uma mãe e esposa dedicada, a boa moda, costura e outros elementos considerados importantes para a formação de uma jovem que teria uma vida em sociedade, considerando-se em determinados casos que alguma noção de política seria também importante. Sob essa perspectiva, a imprensa feminina funciona como um manual de instruções para que as leitoras *aprendam* a ser mulheres. No caso do jornal *O Espelho Diamantino – Periodico de politica, litteratura, bellas artes, theatro e modas. Dedicado as senhoras brasileiras,* que circulou quinzenalmente no Rio de Janeiro de 1º de outubro de 1827 a 28 de abril de 1828, primeiro periódico voltado ao público feminino no Brasil, há a preocupação de informar às mulheres a respeito de alguma noção de política, como se vê na promessa de proporcionar "noções elementares, para a porção menos iluminada de um público cujas luzes são ainda bastante fracas"[143]. A publicação do jornal, diferenciando de outras publicações do mesmo período, possuía

[143] "Apresentação" In: *O Espelho Diamantino*. Rio de Janeiro, nº 5, 15 nov.1827, p. 74.

caracteres maiores e com mais páginas, sem haver divisão em colunas[144]. Sua impressão era realizada na tipografia de Pierre Plancher, na Rua do Ouvidor[145]

É interessante destacar a perspectiva desse jornal, cuja editoração, feita por um homem que assinava como Julio Floro das Palmeiras, ocorre em um momento no qual a imprensa se consolida principalmente pelas disputas políticas travadas por diferentes grupos que levam suas ideias a público por meio de periódicos defensores das ideias dos partidos constituídos na época. Levar em consideração a necessidade de orientar as mulheres no que concerne a preceitos políticos, nos faz pensar na percepção a respeito da influência que a mulher exerce na sociedade de então. Uma ideia que ocorre com frequência pelos jornais que de alguma forma citam o papel das mulheres no meio social, refere-se ao fato de que há uma atuação fundamental enquanto mães que educarão futuros cidadãos. A maneira pela qual exerce sua função no lar é a forma em que atua nos espaços públicos.

A autora Mônica Jinzenji, na obra *Cultura Impressa e educação da mulher no século XIX*[146], abordando o aspecto de manual que o jornal *O Mentor das Brasileiras* assume na primeira metade do século XIX, traz, por exemplo, as fábulas e suas lições de moral, além da seleção de livros publicados e expostos como indicação ideal de leitura para o público feminino, sendo muitas vezes editados para que se conformasse de acordo com a proposta editorial do periódico. Mesmo que seu estudo de caso se refira a um periódico mineiro, vale salientar tal análise para os periódicos voltados para o público feminino no Rio de Janeiro.

> As obras escolhidas não o foram unicamente pela ampla circulação e, portanto, pela facilidade de acesso, mas teriam sido selecionadas pela sua "utilidade pedagógica", já que interpretações sugeridas acompanhavam as prescrições de leitura. Além disso, os textos introduzidos no jornal recebiam não só as previstas adaptações tipográficas, mas também de conteúdo, sugerindo um *leitor modelo* que ia sendo delineado a cada livro adaptado[147] (Grifo da autora)

É importante salientar então, que a imprensa feminina se constrói por um trabalho de editoração que se dá no sentido de seleção feita pela editora a partir do que considera

---

[144] BERÇOT, Fernando Santos. "O Espelho Diamantino e os exemplos de virtude feminina no Rio de Janeiro do Primeiro Reinado (1827-1828)" In: "Anais do XV Encontro Regional de História da Anpuh Rio", 2012, página 4. Acesso em 10 de abril de 2015: <http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338382423_ARQUIVO_FernandoBercot-textocompleto.pdf>

[145] *Ibidem.*

[146] JINJENZI, Mônica Yumi. *Cultura Impressa e Educação da Mulher no Século XIX*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

[147] *Ibidem*, p. 129.

interessante publicar, aliando seu ponto de vista à percepção social do que é agradável, desejável e útil para a leitora.

O segundo ponto referente ao tema educação e que começa a ser bem acentuado a partir da segunda metade do século, sobretudo com as publicações de Juana Paula Manso no *Jornal das Senhoras,* é relativo à *defesa* da educação das mulheres, que deveria ultrapassar os limites da preocupação com a casa e se igualar no que concerne à educação dos homens.

O Jornal das Senhoras – modas, litteratura, belas-artes, theatros e critica, começa a ser publicado semanalmente no ano de 1852, estendendo-se até 1855. Tendo como primeira redatora chefe Juana Paula Manso, no primeiro semestre, passa ainda pelas mãos de Violante Atabalipa, e Gervázia Nunezia Pires dos Santos Neves. Cada uma dá um tom específico ao periódico, e Manso é uma das que mais defende a ideia de que a educação deveria acontecer da mesma forma para mulheres e homens, sem haver o rebaixamento feminino no que concerne à intelectualidade e habilidade de estudar. A argentina, nascida em 1819 em Buenos Aires, "viveu a experiência do exílio quando seu pai escapou da ditadura de Juan Manuel Rosas (1793-1877), que subiu ao governo em 1829."[148] Após viverem no Uruguai, mudam-se para o Rio de Janeiro, quando Juana casa-se em 1844 com o músico Francisco Sá Noronha, viajando depois para os Estados Unidos, onde nasce a primeira filha do casal, Eulália. No período em que permanecem em Cuba, dá à luz Hermínia, e no fim de 1848 retorna ao Brasil com o marido, com o objetivo de estudar medicina, objetivo que não alcança por ser mulher. Em 1852 funda *O Jornal das Senhoras* e é abandonada pelo marido, que volta para Portugal com outra mulher. Juana então volta para a Argentina e em 1859 é chamada para assumir o posto de diretora no primeiro estabelecimento de educação mista de Buenos Aires[149]

Durante o período em que viveu nos Estados Unidos, passando por Washington e Filadélfia, Juana esboça o romance *Misterios del Plata,* em 1846, finalizando-o no retorno ao Brasil, em Niterói[150]. O romance que Manso desenvolve, único de sua carreira, é carregado dos elementos políticos que faziam parte do período em que deixou seu país de origem. Em português, a narrativa foi publicada incompleta e com trechos com uma tradução falha, dando

---

[148] LOBO, Luiza. "Juana Manso: uma exilada em três pátrias". **In**: *Revista Gênero*. Niterói, v. 9, nº2, 2009, p. 47. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/81/57> Acesso em: 12 jan. 2016

[149] VASCONCELLOS, Eliane; SAVELLI, Ivette Maria. "A imprensa feminina". **In:***Revista Verbo de Minas*: Letras, Juiz de Fora, 2006, p. 93. Disponível em: <web2.cesjf.br/sites/cesjf/revistas/verbo.../05_a_impresa_feminina.pdf>
Acesso *em:* 11/07/2013

[150] *Ibidem.*

a entender que foi realizada pela própria redatora, na tentativa de iniciar a publicação da história no primeiro número do jornal. No ano de 1924 é publicada a edição póstuma, com o título modificado para *Los misterios del Plata* – Episodios históricos de la epoca de Rosas escritos em 1846[151], o que parece enfatizar seu aspecto político e sua fragmentação, com destaque para a descrição cronológica do que ocorre ao longo da ditadura de Rosas[152]. A prosa delineada pela autora destaca em alguns momentos a figura feminina na personagem Antonia, que liberta o marido das prisões do ditador. Entretanto "o romance permanecerá até o fim político e histórico, com pano de fundo patriarcal, e não especificamente feminista"[153].

O destaque que damos a sua atuação, porém, refere-se ao modo como defendeu a educação na empreitada em publicar um periódico feminino em um país que não era o seu. De acordo com a autora Zahidé Muzart, a fundadora de *O Jornal das Senhoras*, além de ter sido escritora e jornalista foi

> essencialmente educadora, (...) empenhada no 'combater a ignorância' e defendia com veemência os direitos da mulher. Duas frases célebres criadas por ela dão uma ideia de sua maneira de ser: "La ignorancia me rechaza" e "Cada uno es lo que es y no lo que debiera ser". Foi partidária militante da liberdade de imprensa: "La más bella de las conquistas civiles". Também sustentou que "La verdadera prosperidad de un pueblo, como la verdadera nobleza de los individuos, está basada en la educación".[154]

Juana critica os métodos educacionais da época, sugerindo que os castigos físicos sejam abolidos e que haja uma relação de amizade entre o mestre e os alunos. Além disso, defende que as meninas pobres deveriam aprender não só prendas domésticas e religião, mas ter acesso a um ensino que as profissionalizasse[155]. De certa forma, a experiência de fugir da ditadura de Rosas e suas viagens pelos Estados Unidos e Cuba, conhecendo diferentes culturas, contribuíram para uma visão diversificada a respeito da atuação da mulher em sociedade e o modo como a educação deveria proporcionar além de conhecimento, uma

---

[151] LOBO, Luiza. "Juana Manso: uma exilada em três pátrias". In: *Revista Gênero*. Niterói, v. 9, nº2, 2009, p. 47. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/81/57> Acesso em: 12 jan. 2016.

[152] *Ibidem.* P. 48-49.

[153] *Ibidem*, p. 52.

[154] MUZART, Zahidé. "Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX". ***Estudos Feministas***, Florianópolis, v. 11, n. 1, jan. 2003, p. 225. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013/8720>. Acesso em: 5 fev. 2016, p. 228.

[155] LIMA, Joelma Varão de. "O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX)" Tese (Doutorado em História), 191 fls. São Paulo: PUC, 2012, p. 78.

atitude de imposição perante a sociedade, o que ela mesma fez ao permanecer trabalhando e cuidando da família após ser abandonada pelo marido.

Consideramos importante ter a diferenciação da maneira pela qual se destaca a questão da educação – manual de instrução/defesa do direito de estudar, pelo fato de que a segunda perspectiva apresentada traz um questionamento sobre o papel da mulher na sociedade até então. Não que periódicos anteriores não tenham levantado nenhum questionamento a respeito, mas os artigos desta redatora acentuam consideravelmente tal questão, que fervilha sobretudo a partir de 1880, com ativa participação das mulheres na sociedade, como na campanha abolicionista, por exemplo. A preocupação nesse ponto centra-se não no jornal apenas enquanto um manual de como a mulher deve ser, mas na indagação a respeito da educação permitida e incentivada para as mulheres até o momento, e o espaço que as mesmas ocupam ou poderiam ocupar de acordo com o que a educação lhes permitia.

Nesse sentido, lembramos da recepção feita ao *Jornal das Senhoras*. Embora elogiado por alguns jornais pela nova empreitada, o que é destacado pelo próprio jornal feminino, nem sempre seus escritos são apoiados.

Em artigo intitulado "Emancipação Moral da Mulher", Juana Paula Manso expõe a maneira pela qual a mulher deve afirmar seu espaço na sociedade, explicando o que considera como emancipação feminina, a qual seria nas palavras da redatora o

> conhecimento verdadeiro da missão da mulher na sociedade; é o justo gozo dos seus direitos, que o *brutal egoísmo* do homem lhe rouba
> (...)
> Deixa-se a mulher no ignorantismo mais profundo, e depois, asseveram que ela não tem suficiente juízo para se conduzir por si mesma!!!
> (...)
> Nas classes pobres da sociedade é onde mais funesto resultado se colhe do embrutecimento da mulher.
> Todas as carreiras industriais estão-lhe vedadas.
> E por isso, só na condição de serva, pode encontrar o pedaço de pão que há de mitigar-lhe a fome!![156] (grifo da autora)

De maneira direta a redatora afirma o ciclo vicioso em que se encontra a mulher: concedem-lhe poucas chances de instrução na juventude, para depois acusarem-na de quase nada saber e de ser incapaz de exercer as funções em que os homens atuam na sociedade. O agravamento de acordo com as diferenças das elites para as camadas mais pobres não passa despercebido à Juana, que indica uma situação ainda mais difícil para essas mulheres, de quem muitas vezes depende o sustento da família e não possuem perspectiva de adquirir

[156] MANSO, Joanna Paula. "Emancipação moral da mulher". In:*O Jornal das Senhoras.* Rio de Janeiro, 11 jan.1852, nº 2, p. 13.

qualquer bem, a não ser o próprio alimento e local de moradia, realidade muito diferente das mulheres pertencentes às camadas mais abastadas da população.

Meses depois, o jornal *Novo Correio de Modas – Novellas, poesias, viagens, recordações historicas, anecdotas e charadas* (1852-1854), que se dedicava também ao público feminino, mas era dirigido por homens, publica um artigo intitulado "A Emancipação das Mulheres"[157]. O periódico, publicado semanalmente pelos irmãos Laemmert, possuía duas colunas e abrangia diferentes assuntos, como propõe o nome. No referido artigo, trata do assunto emancipação feminina recheado de ironia no que se refere às mulheres exercendo profissões que seriam masculinas, principalmente pela impossibilidade que se considerava de equilibrar alguma profissão com seus papeis de mãe e esposa.

> Essa mulher está em princípio de gravidez: o desenvolvimento de seu estado influindo sobre seu estômago, trouxe o enjoo. Como tratará de negócios sérios uma mulher em semelhante posição? Adiantada a gravidez, o volume de seu ventre se aumentou. Ponde essa mulher à frente de uma companhia de soldados: não vedes que faria ridícula figura? E poderia apressar o passo, correr, afrontar qualquer perigo sem risco para si e para o fruto de seu ventre?[158]

Ao seguir esse esquema de comparações, o autor cita outras profissões e locais públicos em que a mulher também cairia em uma situação "ridícula". Sua justificativa para tais associações está em ajudar a mulher a compreender seu espaço na sociedade, a fim de que não viva momentos que se tornariam constrangedores devido a tais situações consideradas incomuns. Como estivesse se desculpando ao começar a escrever o artigo (o que é algo interessante de se notar, visto que ele tem certo cuidado ao expor suas ideias, mesmo que use de ironia na escrita), o autor afirma que de acordo com o que foi dividido pela natureza, ao homem cabe

> todos os cuidados da vida exterior, todos os trabalhos que demandam força física: a esta [mulher] todos os cuidados da vida doméstica, todos aqueles em que podem vencer paciência, brandura e doçura.
> Minha amável leitora: por quem sois, não vos zangueis comigo: não cuideis que sou vosso inimigo: não cuideis que vos quero tirar importância e influência. O *Correio de Modas* só pode escrever por vosso interesse (...)[159].

O tom do artigo indica ironia na maneira de tratar a "emancipação", utilizando de uma tática para reafirmar a situação em seu devido lugar: o uso do verbo zangar, indicando prevalência do emocional na maneira de as mulheres agirem, certamente não ocorre à toa,

---

[157] Sem autoria. "A Emancipação das Mulheres". In: *Novo Correio de Modas.* Rio de Janeiro, nº 16, 17 out. 1852.

[158] Sem autoria. "A Emancipação das Mulheres". In: *Novo Correio de Modas.* Rio de Janeiro, nº 16, 17 out. 1852, p. 130.

[159] *Ibidem*, p. 129.

mas assinala o pensamento predominante de que as mesmas são regidas pela emoção. A tentativa do redator de "apaziguar" a leitora, coloca-o na posição superior de ser regido pela razão e de explicar bondosamente o que tenta expressar ao afirmar a distinção das divisões de papeis de homens e mulheres em sociedade. Ratifica ainda que escreve apenas pelo interesse de seu público feminino, estando, portanto, de acordo com a importância das mulheres desde que atuem na esfera que até o momento tem sido permitida. Porém, apesar do tom superior assumido pelo escritor do artigo, destacamos que a crítica feita pelo *Novo Correio de Modas* indica preocupação com uma possível subversão da ordem estabelecida. A família ensina preceitos sobre o papel da mulher, os manuais de comportamento tratam desse assunto, a imprensa louva os atributos femininos, mas ainda assim surge uma autora que trata de "emancipação moral" e expõe na imprensa, espaço predominantemente masculino, um aspecto da sociedade que a incomoda. Sua proposta é expor "o conhecimento verdadeiro da missão da mulher na sociedade". Haveria um conhecimento falso? Uma missão atribuída à mulher que não é a que a autora espera?

A resposta de Juana Manso, que apesar de não ser mais redatora chefe do *Jornal das Senhoras*, contribuía ainda com alguns artigos para o periódico, ocorre logo na semana seguinte à publicação do *Novo Correio de Modas* reivindicando o fato de que ela havia sido a primeira a escrever sobre a emancipação moral da mulher e que defenderia suas ideias dos que tentassem distorcê-las[160]

> Porque vós os que atacais as minhas doutrinas, esqueceis muito de propósito, que nunca falei de outra Emancipação que não seja a – Emancipação moral da Mulher? Porque esqueceis que a questão da mulher Emancipação moral da Mulher é puramente local? Local sim, porque excetuando a Turquia, Portugal e o Brasil, no resto do mundo a mulher é *livre* das suas ações e é considerada como ser racional, e tem uma vida – intelectual – inteiramente igual à do homem[161].

Apresenta-se nesse trecho a principal reivindicação da autora, que estabelece a vontade de ser tratada de igual para igual com os homens, no que concerne ao intelecto, à capacidade de raciocinar. Em parte superestimando a liberdade das mulheres em outros países, e dando muita ênfase à "tirania"[162] com que as mulheres são tratadas no Brasil, Juana Paula Manso destaca que seu desejo quando afirma a emancipação das mulheres, não é o de desmerecer ou diminuir a importância da família na sociedade, nem mesmo o de questionar a mulher enquanto mãe e esposa, mas sim o de garantir que, todas que desejarem, tenham a

[160] MANSO, Joanna Paula. "Emancipação Moral da Mulher". **In** *O Jornal das Senhoras.* Rio de Janeiro, nº 43, 24 out. 1873, p. 131.

[161] *Ibidem.*

[162] *Ibidem.*

chance de estudar como os homens estudam, tenham a chance de decidirem o que acham melhor para o seu futuro, sem serem apenas conduzidas em todas as decisões por seus pais, maridos e irmãos. O aspecto que sobressai para nós, de seu incômodo, é esse: não ser considerada tão capaz quanto o homem, pelo fato de que sua missão divinamente concedida de cuidar apenas da casa e filhos não é considerada compatível com o desenvolvimento intelectual e sua exposição em público.

No número dezoito do *Novo Correio de Modas*, o autor rebate as críticas que recebeu da escritora, mantendo o tom de ironia, assegurando não ter compreendido exatamente o que seria a emancipação e justificando seu ponto de vista ao afirmar

> Que a mulher tenha inteligência, suponho que já ninguém hoje teme que sua filha saiba escrever, porque pode escrever bilhetes. (...) Uma mulher na sua qualidade de mãe tem árduos deveres para cumprir; o primeiro é conservar ou ganhar a afeição e estima de seu marido (...) e depois tem a velar sobre os filhos que a Providência se dignar conceder-lhe.
> Quero, minha amável leitora, que a mulher tenha todos os conhecimentos necessários para o desempenho dessa missão que por Deus lhe foi destinada; mas não quero que esqueça esses deveres para ir tratar de outros objetos mui diferentes(...) [163]

O autor expõe aqui a concepção de inteligência que é adequada à mulher e ao espaço que deverá ocupar na sociedade. Sua sabedoria é para escrever bilhetes, agradar ao marido e cuidar dos filhos, o que deve permanecer enquanto prioridade sem a interferência de outras tarefas, como publicar um jornal por exemplo, ou escolher se aventurar enquanto literata. Seus conhecimentos necessários tem uma limitação pelo fato de que há uma missão específica para a mulher dentro do espaço familiar, conforme o autor enfatiza. De fato, o jornal se empenha na defesa e propagação de valores que contribuem para reforçar sua ideia.

Além da moda francesa, com descrições de gravuras provenientes de Paris, predomina também a literatura moralizante, com diferentes autores cujos textos se voltam para os bons costumes que deveriam ser mantidos pela sociedade, principalmente no que se refere às mulheres: "A particularidade da revista de modas foi de privilegiar narrativas curtas, de um ou no máximo três números de extensão, enquanto os demais preferiam aquelas mais longas, adaptadas ao formato folhetim"[164]. Além dos autores franceses de grande circulação no momento, a redação do *Novo Correio de Modas* abre espaço também para as escritoras, como

[163] "Ainda a Emancipação das Mulheres". In:*Novo Correio de Modas.* Rio de Janeiro, nº 18, 31 de outubro, 1873, p. 143.

[164] DONEGÁ, Ana Laura. "A revista Novo Correio de Modas (1852-1854): Moda e literatura francesa com toque tropical". **In:** *Revista RITA* – Revista Interdisciplinar de Trabalhos sobre as Américas. Nº 7, 26 de junho de 2014. Disponível em: http://www.revue-rita.com/traitsdunion7/a-revista-novo-correio-de-modas-1852-1854-moda-e-literatura-francesa-com-toque-tropical.html Acesso em: 5 jan. 2016. Não paginado.

George Sand. As narrativas giram em torno de casamento e do comportamento adequado em sociedade[165].

Os redatores demonstram continuamente a preocupação com uma "virtude feminina" destacando as qualidades louváveis que devem prevalecer nas mulheres

> E depois que, *como filhas, mães e esposas*, tem desempenhado tantos deveres, nós tornamos a encontrá-las no momento supremo para suavizarem males de que lhes não é dado triunfar desta vez. (...) De dia, não se pode arrancá-las da nossa cabeceira; e de noite, imóveis e respirando apenas, elas velam sobre nós: curam sozinhas nossas feridas, e com seus desvelos aliviam as nossas dores (...). O homem vai enfraquecendo pouco a pouco, resvala para a morte e o sente; volve-se então para a sua companheira, busca-a, encontra-a e cabe reclinando em seu peito: *até para morrer tem dela precisão.*[166] (grifo nosso)

A especificação do autor quanto à maneira com a qual as mulheres cumprem seus deveres – filha, mãe, esposa – é condizente com a crítica que posteriormente o periódico faz à questão da emancipação feminina, visto que apenas o vislumbre da divisão das tarefas do lar com outras ocupações, levaria ao questionamento de como ela cumpriria os deveres aqui destacados enquanto dignos. O fim do artigo traz ainda a afirmação da necessidade que o homem tem da mulher, até mesmo para morrer. Tal declaração nos leva a pensar nessa frase enquanto um toque final no convencimento da prioridade que as mulheres precisam dar a seus deveres. Destacando-a enquanto absolutamente *necessária* para o funcionamento da família, o autor eleva a mulher no momento em que afirma que o homem precisa dela, que é *dependente* de sua dedicação. Temos neste trecho, o exemplo de que a estratégia de convencimento na definição de papeis para homens e mulheres não é utilizada apenas pelas editoras.

Tal valorização concedida à mulher, começa a ser questionada, não com o objetivo de descartá-la, mas de expandi-la, conforme expresso na escrita de Juana Paula Manso, ao desejar ser considerada igualmente capaz ao homem na intelectualidade. O reconhecimento se refere não apenas aos ideais destacados pelo *Novo Correio de Modas* e tantos outros jornais, mas às conquistas que almejam em outras esferas da sociedade.

Embora Juana defenda a emancipação da mulher no início da década de 50, há ao longo do século a permanência de justificativa das mulheres ao decidirem assumir um jornal, como se este fosse um privilégio dos homens, uma situação que não deveria mudar. Na década de 1860, no jornal *Bello Sexo – Periodico Religioso, de Instrucção e Recreio, Noticioso e Critico moderado*[167], permanece a justificativa para o fato de haver uma mulher à

---

[165] *Ibidem.*
[166] "Virtudes das mulheres". In:*Novo Correio de Modas.* Rio de Janeiro, nº 1, janeiro de 1852, p. 5.

[167] Os números a que temos acesso na Biblioteca Nacional são 6, com a publicação iniciada em agosto de 1862. Era publicado semanalmente, redigido por diferentes mulheres e possuía a cada publicação 4 páginas divididas

frente de um periódico. A editora, Julia de Albuquerque Aguiar, tem por necessidade dirigir-se primeiro aos homens, explicando seu ato de publicar.

> Eu sou a primeira que conheço o acanhamento de minha inteligência e instrução, e por isso a ousadia que tomo em apresentar em público esta folha (...); mas eu só tenho em mente obrigar o meu sexo a vir a imprensa concorrer com o seu contingente para o progresso social, para esse grande bem público, e assim fazer com que se desenvolvam grandes inteligências, (...) que existem no meu sexo, olhado com pia indiferença
> (...)
> A essas senhoras, que fazem honra ao nosso sexo, apenas pedirei que exerçam para comigo a benignidade do coração de que é capaz e natural em nós; a elas pertence esta folha: dignem-se pois cooperarem para a sua importância com o fruto de suas inteligências, assinando-os sempre com os seus nomes.[168]

A autora reconhece a "ousadia" de expor suas palavras em público, afirmando um "acanhamento" de inteligência. Coloca-se em um lugar menor para depois afirmar o incentivo que deseja incutir nas leitoras que certamente podem desenvolver a sua capacidade intelectual, que tem sido tratada com indiferença. O apelo que faz para que as colaboradoras assinem os escritos enviados ao jornal, confirma a dificuldade das mulheres de assumirem a tarefa de escrever enquanto ato reconhecido positivamente pelos homens. Continuando a desenvolver suas ideias a respeito da intelectualidade feminina, afirma que "Aqui no Brasil já uma nossa companheira a Exma. Sra. D. Violante de Bivar, mostrou que a cultura da inteligência é tão natural ao homem aplicado, como à senhora estudiosa"[169]. A circulação das publicações fortalece o empreendimento das que se aventuram na escrita e que tentam o convencimento masculino ao afirmarem não ver "perigo algum em que se ampliem os conhecimentos das mulheres, (...) e se a sociedade que a cerca de cortejos (...) se compenetrar desta verdade, teremos dado um passo nobre e altamente reclamado pelas leis naturais.[170]

Na terceira edição do periódico, surge a discussão a respeito de quem pode participar das reuniões da redatora chefe com as colaboradoras, para definir o que seria publicado no jornal. Inicialmente se defende a ideia de que apenas as mulheres devem participar, porém chega-se à conclusão de que

> nossas sessões não podem ser cerradas à presença de S. M. o Imperador, a pessoas que possam beneficiar os nossos trabalhos (...). Proponho que qualquer pessoa do sexo masculino que pertença como pai, tutor ou esposo a qualquer de nossas amigas

---

em duas colunas. Há destaque para poesias. Os anúncios estavam no fim de cada edição.

[168] AGUIAR, Julia d'Albuquerque Sandy. [Sem título] *Bello Sexo – Periodico Religioso, de Instrucção e Recreio, Noticioso e Critico moderado*. Rio de Janeiro, nº 1, 21 ag. 1862, p. 1.

[169] *Ibidem*, p. 3

[170] AGUIAR, Julia d'Albuquerque Sandy.*Bello Sexo – Periodico Religioso, de Instrucção e Recreio, Noticioso e Critico moderado*. Rio de Janeiro, nº 2, 31 ag. 1862, p. 1.

> desta sociedade tenham franco ingresso, devendo proceder a respeitosa licença da presidência. [171]

Com essa declaração, a redatora chefe e as colaboradoras deixam claro que não há nada a temer de suas reuniões, que estão sempre dispostas a ouvir ao Imperador e aos que estiverem próximos, fosse por curiosidade ou por vontade de ajudar no que julgasse ser necessário. Não haveria motivos para se opor a um grupo que tão prontamente se põe à disposição de explicações. Embora não seja um termo citado no jornal, podemos nos aventurar a pensar que a emancipação feminina no caso desse periódico, possui limites bem específicos e passíveis de serem controlados.

Na década de 1870, o jornal *O Sexo Feminino* aborda também o termo "emancipação"[172] ao utilizar a expressão "Emancipação racional da mulher". Em artigo intitulado com esta expressão, a autora rebate a ideia de a mulher não poder trabalhar em funções reconhecidamente masculinas, devido à força física. A redatora Francisca Senhorinha Diniz afirma que "A mulher instruída, convenientemente, pode à vontade e com toda dignidade e propriedade de seu sexo ocupar o emprego de médico, de químico, naturalista, físico, farmacêutico, pintor, telegrafista, (...)"[173] Destaca, ainda, apelando para os preceitos religiosos o fato de que "O Deus dos cristãos nos manda, no encerramento do Decálogo, amá-lo e ao próximo. A mulher é próximo, não é coisa, traste de casa, etc, como muitos homens tratam-na".[174]

---

[171] AGUIAR, Julia d'Albuquerque Sandy.*Bello Sexo – Periodico Religioso, de Instrucção e Recreio, Noticioso e Critico moderado*. Rio de Janeiro, nº 3, 7 set 1862, p. 1.

[172] Ao buscarmos o termo "Emancipação" verificamos no dicionário elaborado por Antonio de Moraes Silva, de grande circulação ao longo do século XIX, que o termo descrevendo a condição das mulheres aparece apenas na 8ª edição na década de 1890, enquanto era apresentado por Juana Paula Manso na década de 1850. Embora quatro décadas seja uma separação de tempo expressiva é necessário levar em consideração que o termo quase não é utilizado em periódicos femininos posteriores no Rio de Janeiro, com exceção talvez apenas de *O Sexo Feminino*, em 1875, e depois em 1889 quando este periódico é publicado novamente. Sua inserção no dicionário indica a proporção cada vez mais intensa do debate sobre a educação feminina.
"Emancipação s.f. (do Lat. Emancipatio) (l. jurid.) O ato de emancipar, pelo qual o filho sai de sob o pátrio poder.
§Libertação, alforria: a emancipação dos escravos.
§Emancipação do espirito; fig. estado do espirito, que se libertou de preconceitos.
§A emancipação da mulher; novo princípio pelo qual se pretende dar à mulher direitos políticos e sociais iguais aos do homem.
Emancipar-se: Livrar-se do pátrio poder.
§ Colocar-se em situação como a do que não tem pai, tutor, curador; e fig. como quem não tem superior." (grifo nosso).
SILVA, Antonio de Moraes. "Emancipação". In: *Dicionario da Lingua Portugueza*. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Empreza Litteraria Fluminense Vol. 1 A-E., 1890, p. 730.

[173] DINIZ, Francisca Senhorinha. "Emancipação racional da mulher". **In**: *O Sexo Feminino*. Rio de Janeiro, nº2, 29 jul 1875, p. 1.

[174] *Ibidem*, p. 2.

O periódico é publicado semanalmente entre setembro de 1873 e setembro de 1874, em Campanha, no sul de Minas Gerais, e passa a circular novamente no ano de 1875, no Rio de Janeiro, após mudança de D. Francisca Senhorinha Diniz com sua família[175]. Nesta segunda fase, o periódico tem publicação entre julho de 1875 e abril de 1876, tendo por justificativa para a interrupção, o fato de que toda a família da redatora se encontrava com febre amarela. O jornal volta a ser publicado apenas em 1889, e após a Proclamação da República, passa a chamar-se *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*[176] e destaca de maneira jubilosa o advento da República, confiando no fato de que com essa mudança a garantia de direitos da mulher, seria mais alcançável

> "Viva os Estados Unidos do Brasil!!
> Viva a República Brasileira!
> Viva o Governo Provisório!
> (...)
> Hoje dizemos: a mulher quer a igualdade, esta será alcançada.[177]

Vale lembrar que era um dos jornais que também fazia poesias à Imperatriz e demonstrava admiração à família Imperial como modelo[178]. Entretanto, agora os tempos eram outros e as mudanças no periódico começam pelo espaço que se pretende conceder a assuntos de política, que a redatora reconhece ser de pouco conhecimento do sexo feminino, mas que era necessário para o objetivo de serem consideradas intelectualmente capazes como os homens de exercerem funções para além das paredes de casa do lar.[179] De certa forma, tal atitude lembra a preocupação exposta pelo *Espelho Diamantino* em 1827, ao se dedicar a publicar noções políticas para o público feminino de forma didática. No final do século, após conquistas femininas de se exporem aos poucos enquanto escritoras e participantes da vida pública, *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino* reconhece ainda a necessidade de ensinar

---

[175] NASCIMENTO, Cecília Vieira do. "Mulheres na Imprensa - O semanário *O Sexo Feminino* (1873-1874)". In: VAGO, Tarcísio Mauro. OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de (orgs.). *Histórias de Práticas educativas*. Editora UFMG Belo Horizonte, 2008, p. 261.

[176] SOUTO, Bárbara Figueiredo. "Senhoras do seu destino": Francisca Senhorinha da Motta Diniz e Josephina Alvares de Azevedo – projetos de emancipação feminista na imprensa brasileira (1873-1894)". Dissertação (Mestrado em História), 197 fls. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

[177] "O Sexo Feminino". In: *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*. Rio de Janeiro, nº 12, 15 dez 1889, p. 1

[178] Como exemplo, na 2ª edição do periódico há poema dedicado à Princesa Isabel, em que se lê: "Esse Bem, que hoje canto em fraco verso,/É filha de D. Pedro que, Segundo/O primeiro dos reis é do universo/Filha da Excelsa Imperatriz Tereza/ Que deu por molde o orbe a natureza". Ver: *O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, 29 jul 1875, p. 4.

[179] DINIZ, Francisca Senhorinha. [Sem título]. In:*O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*. Rio de Janeiro, nº 12, 15 dez 1889, p. 3.

as mulheres o "idioma" político, que pouco dominam.Na retomada do artigo "A racional emancipação da Mulher", a autora questiona:

> Teremos nosso 15 de novembro de 1889? Talvez! O juramento prestado pelo governo provisório na câmara municipal, despido da forma religiosa e afirmado sob palavra assentou que o primeiro governo republicano, aquele que simboliza a aspiração democrática nesta venturosa nação, aceita o princípio fecundo da liberdade e da igualdade[180]

Defende-se que a mudança na educação é o principal meio pelo qual a emancipação deve ocorrer, principalmente com a alteração na forma de governar, com ênfase nos princípios "da liberdade e da igualdade", como é destacado. A esperança de que esses mesmos preceitos sejam aplicados ao se considerar a situação feminina no Brasil é exposta com entusiasmo no periódico.

Entretanto, para que mudanças significativas acontecessem seria necessário ainda reformular as leis que determinavam as disciplinas ensinadas nos colégios, baseadas na diferença dos sexos. No Brasil uma lei de 1827, referente à educação, delimita o que pode ser ensinado para cada grupo de crianças, meninos e meninas, da seguinte maneira

> Art. 6º Os professores ensinarão a ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática de língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionados à compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil.
> (...)
> Art. 12. As Mestras, além do declarado no Art. 6º, *com exclusão das noções de geometria e limitado a instrução de aritmética só as suas quatro operações*, ensinarão também *as prendas que servem à economia doméstica*; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, aquelas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimento nos exames feitos na forma do Art. 7º.
> Art. 13. As Mestras vencerão os mesmos ordenados e gratificações concedidas aos Mestres.[181] (Grifo nosso)

Levando em consideração que uma mulher, ao trabalhar fora de casa fosse para o campo mais provável de trabalho feminino, que era o de preceptora ou professora, não seria necessário aprender muito mais do que o básico ensinado também a outras meninas.

Um exemplo interessante do jornal *O Domingo* a esse respeito, é o de uma série de artigos publicados em junho de 1874, estendendo-se até meados de julho, onde se aborda a questão da possibilidade de uma mulher lecionar em escolas mistas[182]. Em um momento no

---

[180] *Ibidem*, p. 3.

[181] Brasil. Lei Imperial, sem nº, 15 de outubro de 1827. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LIM/LIM-15-10-1827.htm Acesso em: 5 abr. 2015.

[182] MENDONÇA, Honorata M. C. de. "As escolas mistas". In:*O Domingo.* Rio de Janeiro, nº 30, 14 jun. 1874, p. 6.

qual se debate um projeto na assembleia a respeito desse assunto, de acordo com o que o próprio jornal indica, aparece esse novo elemento no periódico, o de uma mulher ser considerada *capaz* de ensinar tanto para meninos quanto para meninas, o que está embutido e justificado por uma série de valores que se repetem, visto que prevalece a ideia de que as mulheres atuam como boas educadoras pelo fato de terem em sua natureza a vocação de mães. Embora o próprio autor do projeto afirme motivos referentes a custos, pois em seu discurso transcrito no jornal ele assume certa apreensão com as despesas, visto que era necessário "nomear para cada freguesia uma escola para o sexo masculino e outra para o sexo feminino"[183], o que predomina é a ênfase de que a mulher pode e deve ensinar em escolas mistas porque essa é uma missão que lhe foi confiada: educadora. A repercussão ao assumir tal possibilidade de ensino abriria frente para diferentes mudanças, conforme é descrito na série de artigos. A paciência com que a mulher trataria as crianças, diferente de um homem, teriam aspectos positivos no sentido de serem mais afáveis com os alunos e na diminuição da aplicação de castigos corporais, o que é destacado como prejudicial[184].

Além do debate de a mulher ser capaz ou não de ensinar também rapazes, outro ponto que se apresenta é o de unir os dois sexos em uma escola, desde cedo. A resposta da autora, Honorata M. C. de Mendonça, a esse tipo de objeção, nos remete aos valores que temos destacado

> Na escola mista os dois sexos acostumam-se a respeitar-se e a amarem-se mutuamente, o menino aprenderá desde logo que é o defensor nato da mulher, (...) que sem ela não realizará o fim para que foi posto ao mundo, que tem de ser a mãe de seus filhos, a sua companheira nas lides da vida, e que portanto lhe deve o respeito mais religioso que se possa prestar a um ente terrestre destinado à uma missão sublime[185]

A escola é enfatizada como um espaço de socialização cujo aprendizado direciona para o comportamento futuro na relação entre sexos diferentes, destacando a maneira pela qual um menino deve compreender seu posicionamento perante uma menina, futura mãe, que merece ser respeitada enquanto tal, tão-somente pela perspectiva de vir a assumir esse papel.

A autora considera também benefícios para as mulheres de camadas sociais mais baixas, mesclando em seus argumentos as melhorias que viriam para a mulher ao não se sujeitarem a um casamento exclusivamente para ter dinheiro; ao se ocuparem de maneira que

---

[183] BRANDÃO, A. *apud*,. MENDONÇA, Honorata M. C. de. "As escolas mistas". In: *O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 30, 14 de junho de 1874, p. 6.

[184] *Ibidem.*

[185] MENDONÇA, Honorata M. C. de. "As escolas mistas". In:*O Domingo* – Jornal Litterario e Recreativo. Rio de Janeiro, nº 34, 12 de julho, p. 22.

não dariam margem para serem seduzidas ou conduzidas à prostituição, "a que muitas vezes a má educação ou a miséria arrasta!"[186], além do fato de a mulher que se dedica a ser instruída torna-se "necessariamente boa esposa, excelente mãe de família, um elemento de vida e animação para o estado e para a sociedade de que será o mais lisonjeiro ornato"[187].

A respeito da instrução pública do país, nos cinquenta e cinco números de *O Domingo* aos quais tivemos acesso pelo site da Biblioteca Nacional, quinze deles possuem artigos que expressam a opinião da redatora (localizados sempre na primeira ou segunda página do jornal) especificamente a respeito desse assunto. Tratando da obrigatoriedade de ensino, a redatora defende a ideia pautando-se no exemplo de países que, de acordo com o que afirma, alcançavam cada vez melhores resultados, como Alemanha, Suíça e Bélgica.[188]

Enfatizando a responsabilidade do governo no que concerne à educação, no artigo "A instrução popular" Violante afirma a necessidade do "ensino livre e a instrução popular"[189], e além de cobrar que haja instrução gratuita, a autora critica o estado como o ensino se encontra. Os alunos apenas decoram o que é dito ou escrito e não aprendem nada de proveitoso nem de "útil" para si. Os professores não atuam de maneira ideal sendo um verdadeiro exemplo em quem seus alunos possam confiar: "visto que não é o mestre simplesmente o indivíduo que ensina à criança o conhecimento das primeiras letras, mas deve ser o espelho no qual cotidianamente se veem os seus discípulos, portanto é a moralidade de sumo alcance"[190]. Como o país poderia avançar dessa maneira?

A respeito da organização do ensino, que deveria ser baseado nas necessidades do país, e de acordo com os costumes que havia, D. Violante Atabalipa questiona a prática de mandarem jovens para o exterior, que retornando apenas adultos, acabam por considerar sua pátria inferior

> Portanto, em vez de se mandar moços de 16, 18 ou 20 anos, estudarem na Europa ou nos Estados Unidos, deve o governo mandar para ali homens inteligentes estudar melhoramentos materiais que possam ser aproveitáveis entre nós, professores

[186] *Ibidem*.

[187] MENDONÇA, Honorata M. C. de. "As escolas mistas". In:*O Domingo.*. Rio de Janeiro, nº 34, 12 de jul. 1874, p. 23.

[188] "VELASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. "A instrução pública". In: *O Domingo.* Rio de Janeiro, nº 24, 3 mai. 1873, p. 1.

[189] VELASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. "A instrução popular". In:*O Domingo.*. Rio de Janeiro, nº 8, 11 jan. 1874, p. 2.

[190] VELASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. "A instrução do povo" In:*O Domingo.* Rio de Janeiro, nº 46, 4 out. 1874, p. 69.

> amigos do progresso que ali vão estudar os métodos do ensino mais geralmente adotados[191]

A redatora apresenta, nesse sentido, a preocupação com a educação enquanto propulsora de um aperfeiçoamento do país. D. Violante afirma que "Ensinar ao povo é o único meio de o afastar das escolhas do vício e da perdição, e transformá-lo em cidadãos úteis a si, à pátria e à família"[192]. Nesse artigo, intitulado "Os operários", é interessante destacar o fato de que se compreende a importância do conhecimento para o aperfeiçoamento do homem (e da mulher) e da nação, não apenas pelo aprendizado que levará a lucros por meio do trabalho. O conhecimento deve gerar no ser humano sentimentos nobres que o auxiliem a "governar seus atos, a dominar suas paixões, e dirigir seus pensamentos segundo a sua natureza [pois] o verdadeiro valor de um povo depende do caráter de seus filhos e não da forma de suas instituições"[193]. A importância da mulher então, indiretamente é elevada ao mais alto patamar nessas afirmações, visto que ao longo de todo o periódico a associação feita ao feminino é justamente a da mãe e de sua melhor qualificação para educar de maneira mais completa os filhos que lhes são concedidos. A forma de se compreender a educação nos periódicos femininos está singularmente ligada à forma como se compreende o papel da mulher em sociedade.

Embora frequentemente trate da instrução pública de maneira geral, a redatora destaca em um dos artigos, um questionário realizado pelo diretor da instrução pública no Rio de Janeiro, o conselheiro Josino do Nascimento Silva, o qual "submeteu em circular a diversos professores diretores de colégios, e outras pessoas pedindo a cada uma delas eu emitisse o seu juízo ou opinião sobre esta matéria"[194], ou seja, a instrução pública. A questão que a redatora destaca, por interesse e por falta de espaço para outras, é a que se refere à criação de um internato na capital, para senhoras. Enfatizando o apoio que dá a tal ideia, Violante Atabalipa publica a resposta do Sr. Epifaneo José dos Reis, diretor de um colégio naquele momento, que afirma que

> Na Prussia, no reino de Saxe, na Áustria, em quase todos os estados da Alemanha, na Bélgica, na Suíça, e na Dinamarca, na Suécia; na Holanda, os internatos são verdadeiros seminários.

---

[191] VELASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. "A instrução popular" In:*O Domingo*. Rio de Janeiro, nº17, 15 mar. 1874, p. 1.

[192] VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. "Os operários". In:*O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 47, 11 out. 1874, p.73.

[193] *Ibidem*.

[194] VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. "A instrução pública". In: *O Domingo*. Rio de Janeiro, 14 fev. 1875, nº 60, p. 21.

> Todos são unânimes em votar pela criação de tais estabelecimentos. A província da Bahia tem um internato bem montado e frequentado por mais de quarenta senhoras. Assim, não acho inconveniente na criação de um internato na capital para senhoras (...)[195].

Consideramos esse artigo interessante, pelo fato de que insere a questão da educação das mulheres em um problema de instrução pública, encarando essa necessidade como algo pertencente à demanda geral de melhoria da educação da sociedade do Rio de Janeiro nesse período e não apenas como uma reivindicação de um grupo isolado e insatisfeito de mulheres da elite. Sobressai nesses artigos a preocupação contínua da editora com respeito à civilidade brasileira e com a educação para além de uma questão referente aos direitos da mulher, embora esta associação esteja presente em grande parte das discussões propostas no jornal, tanto ao escrever quanto ao selecionar as publicações feitas.

Isto posto, retomamos a questão de que a diferenciação que se estabelece com força no século XIX a respeito dos papeis para homens e mulheres, define, referente à elite, o modelo predominante de homens dedicados ao público e mulheres ao privado. Esta definição mantém relação com valores que atribuídos à figura feminina, expostos a partir de ensinamentos religiosos aliados à ênfase na determinação de funções a partir da diferença biológica entre homem e mulher. Entretanto, se faz necessário considerar as variantes dentro deste modelo, sobretudo em um momento no qual as mulheres passam a ir a público dizer o que pensam e afirmam seus direitos de serem consideradas intelectualmente capazes de aprender o mesmo que os homens aprendem nos colégios. O debate sobre o direito de aprender para além do bordado e da economia doméstica, faz parte tanto do questionamento da educação para as mulheres, como da educação na sociedade em que vivem, o que evidencia o fato de que D. Violante, assim como outras editoras, são mulheres de seu tempo e espaço. Sua busca por voz se destaca em meio a um isolamento e temor para se expressar em que muitas viviam, mas tal atitude só é possível porque o momento também permite a abertura de brechas e a linha cada vez mais tênue da fronteira casa/rua em que vivem. Em um momento em que se afirma o ideal de mulher enquanto dedicada ao lar, ninguém as proíbe de publicarem seus jornais. A questão para conquistar espaço na sociedade não se encontra necessariamente no ato de lutar contra proibições explícitas, mas de garantir que não sejam ignoradas nas afirmações que se aventuram a fazer. Nesse sentido, a defesa da educação feminina atua como a busca por algo que embasaria perante a sociedade a capacidade de exercer funções além das que lhes

[195] VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. "A instrução pública". In: *O Domingo*. Rio de Janeiro, 14 fev. 1875, nº 60, p. 21.

designam. A educação é proclamada pelas editoras femininas, cada qual a seu modo, como a chave para ampliação de suas atividades na sociedade em que vivem.

3. A LITERATURA ENQUANTO FRONTEIRA: OS CAMINHOS DA LEITURA, ESCRITA E EDIÇÃO

O processo de leitura no Rio de Janeiro do século XIX tem como um dos principais fatores de mudança a propagação da imprensa e a associação feita entre jornalismo e literatura. O jornalismo literário assume um papel de difusor de ideias que nem sempre eram acessíveis às camadas mais populares e os folhetins se tornam um chamariz para o público, o que exerce influência direta na relação estabelecida entre os editores/colaboradores do periódico e o leitor. A necessidade de traçar um perfil mediante o objetivo de alcançar maiores vendas faz com que as narrativas sejam modificadas de acordo com a recepção feita pelos leitores, a qual é mensurada justamente pelo consumo. As diferenças nas histórias publicadas ocorrem de acordo com o sexo do público, por exemplo. O romance para as mulheres volta-se para as tramas sentimentais, com histórias de amor que prende sua atenção enquanto as narrativas para os homens contam com mais elementos de aventura, com guerras e relatos de viagens a locais considerados mais exóticos, como o Oriente.

A propagação de obras literárias neste período, além de estar ligada à circulação na imprensa, conta também com o impulso que será dado a partir de investimentos por parte dos livreiros que se estabelecem no Rio de Janeiro. A percepção dos livreiros franceses para o potencial a alcançar por meio dos periódicos está relacionada aos maiores lucros que podem obter devido aos custos mais baixos com a literatura publicada na imprensa. Pierre Plancher, por exemplo, após instalar sua primeira editora, na década de 1820, emprega seus recursos na publicação de periódicos como *O Espectador Brasileiro* e o *Jornal do Commercio*.[196] A atuação dos franceses nesse período é notável e corresponde também à parte da influência da cultura francesa no país, com outros nomes como os irmãos Laemmert e os irmãos Garnier. O sucesso ao se dedicarem às livrarias no Brasil, tem como um dos motivos a experiência e certa estabilidade alcançada pelos franceses nesse ramo, que desde os anos de 1840, ampliam e aprimoram seu sistema nacional de livrarias, uma situação diferente do que se encontra no Brasil, onde o processo de comercialização de livros tinha como base os vínculos de família, "sem um sistema de divisão de atividades que contemplasse editor, impressor e livreiro, no sentido mais contemporâneo".[197]

[196] FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. "Comércio de livros: livreiros, livrarias e impressos" In: *Revista Escritos* – Casa de Fundação Rui Barbosa, ano 5, nº 5, 2011, pp. 43-44.

[197] *Ibidem*, p. 43.

O aumento de livrarias e maior interesse pela leitura são fundamentais nas formas de sociabilidade e na configuração dos espaços público e privado, tornando possível o fortalecimento de grupos sociais com interesses semelhantes. A frequência a estes locais torna-se um dos hábitos partilhados pelas parcelas da sociedade com um interesse mais profundo pela leitura, o que permite o debate a respeito de assuntos políticos e triviais[198]. Além dos lugares disputados da Rua do Ouvidor, os saraus e as reuniões mais íntimas de família também se constituem em espaços nos quais a literatura está presente, onde circulam opiniões e o contato mais direto com as publicações debatidas no momento.

É possível afirmar que a apropriação feita por qualquer leitor deste período está relacionada também a estas novas formas de encontros e de expressão. A prática da leitura depende tanto de sua criatividade, leituras anteriores e experiências de vida, quanto de uma série de elementos independentes de sua escolha, referentes ao material que possui em mãos. O processo pelo qual o livro ou o periódico passa até ser adquirido é resultado de uma série de fatores, que interferem na maneira pela qual a leitura é realizada[199]. Uma leitora do século XIX ao abrir um jornal feminino depara-se com uma série de elementos visuais que fazem parte do conjunto de sua leitura. As páginas divididas em duas colunas, o título do periódico com letras enfeitadas e as seções do jornal bem separadas uma das outras, destacam os assuntos que se apresentam diante de si: textos de cunho religioso, modas, propagandas e literatura, distribuídos com maior ou menor destaque dependendo da orientação da editora da publicação. Além disso, o ambiente em que se encontra, o momento do dia, o contexto político, social e econômico que afetam também sua visão de mundo e a do escritor que produziu o texto[200] contribuem para a mescla que faz parte do processo de leitura, o qual ocorre por meio de "ordenamentos, de desvios, de reempregos singulares"[201]. Cada leitura se torna nova, mesmo que os símbolos registrados no papel não modifiquem, pois a cada instante, novos rumos direcionam para experiências únicas do ato de ler.

---

[198] FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. "Comércio de livros: livreiros, livrarias e impressos" In: *Revista Escritos* – Casa de Fundação Rui Barbosa, ano 5, nº 5, 2011, p. 48-49.
Disponível em: http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero05/FCRB_Escritos_5_3_Tania_Bessone.pdf
Acesso em: 30 jan. 2016.

[199] CHARTIER, Roger. "Textos, impressos, leituras". **In:** *História Cultural: entre práticas e representações*. Traduzido por Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.

[200] *Ibidem*, p. 123.

[201] *Ibidem*, p. 137.

3.1 **As práticas de ler, escrever e editar: entre o controle e a invenção**

As experiências de leitura das mulheres são regidas pela moralidade, aceitando-a ou negando-a, o que vale também para as colaboradoras dos periódicos em sua escrita, e orienta a seleção feita pela editora das histórias que podem ser publicadas. Neste caso lidamos com os mecanismos de disciplina e invenção[202], que não necessariamente são antagônicos, mas atuam juntos. O controle do que é considerado adequado para a leitura feminina ocorre em meio ao estranho ato de as mulheres irem a público expor suas ideias, estranho porque deveriam se dedicar ao lar e não utilizar um tempo destinado à família para se exporem reivindicando educação e melhores oportunidades na sociedade. Ao mesmo tempo, a produção literária enfatiza sempre o cuidado com os familiares, a dedicação quase exclusiva da mulher aos filhos e ao marido. Opor a coerção e as invenções para bloqueá-la simplifica o debate sobre os cenários das leituras realizadas, pois "o que é preciso reconhecer é o modo como se articulam as liberdades condicionadas e as disciplinas derrubadas"[203].

Os editores de periódicos são um elemento chave para a compreender a maneira pela qual determinadas convenções sociais podem ser burladas e ao mesmo tempo reproduzidas em seus trabalhos. O papel romântico atribuído aos editores e escritores do período é marcado pela ideia de missão[204], a começar com a dificuldade de driblar a durabilidade efêmera a que muitos periódicos acabam lançados, sendo, portanto, uma tarefa quase heroica manter a publicação. Aliado a isso encontra-se a dedicação para manifestar sua defesa de determinada posição política, escrevendo e selecionando textos que sejam condizentes com a proposta do periódico, além de enfrentar as críticas recebidas pela oposição. De acordo com essa perspectiva, sua vocação indica a importância e diferença que pode vir a fazer com seus escritos. No caso das editoras, é necessário reconhecer também a dificuldade de penetrar um espaço por muito tempo dominado por homens, fazendo com que as publicações dirigidas por mulheres assumam um tom de convocação para as leitoras no estabelecimento da atuação feminina em espaços para além da esfera doméstica. Entretanto, nem sempre a convocação é atendida da maneira como a editora espera, pois a colaboração feminina é um dos problemas enfrentados por D. Violante, cuja estratégia para lidar com a escassez da escrita era a publicação de pensamentos de autoras estrangeiras, em grande parte francesas. Encontramos

[202] CHARTIER, Roger. "Textos, impressos, leituras". In: *História Cultural: entre práticas e representações*. Traduzido por Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988, p. 137-138.

[203] *Ibidem*, p. 138.

[204] *Ibidem*, p. 344.

citações de Madame Puisieux (1720-1798): "Uma mulher quando se irrita muda de sexo"[205]; Madame Graffigny (1695-1758): "A mulher que troca a modéstia pela confiança perde metade de seus encantos"[206]; Madame de l'Espinasse: "As mulheres que se metem à casa dos homens, bem depressa se encontram a seus pés"[207] e Madame de Stäel: "Os prazeres do espirito são remédio contra as chagas do coração"[208]. O espaço para pequenas sentenças com lições de moral, foram preenchidos por frases de mulheres que haviam se dedicado à arte da escrita, embora isso aconteça com maior frequência apenas no fim de 1874 e ao longo de 1875. Antes disso encontramos frases de autoria masculina como de José de Alencar, ou sem nenhuma assinatura, o que pode indicar uma participação feminina anônima. A seleção feita pela redatora ocorre de acordo com o tom que procura dar ao jornal, em contínua preocupação com os bons costumes, aliada à defesa da ação imprescindível da mulher na sociedade, seja no lar ou fora dele. Em um pensamento, este de Madame de Genlis, lê-se que "quando as mulheres são verdadeiramente sensíveis, avantajam-se aos homens por uma delicadeza de que eles não são suscetíveis"[209]. É interessante destacar que tanto Madame de Staël quanto Madame de Genlis possuíam escritos voltados para a educação e política, entretanto a seleção de D. Violante se ateve ao cuidado com a conduta moral-religiosa.

Com a dificuldade de encontrar colaboradoras para o jornal, a prosa publicada por D. Violante Atabalipa é proveniente em grande parte de obras traduzidas. Na presente análise consideramos todas as narrativas publicadas na seção de Literatura, com exceção das "Mulheres Célebres", visto que o objetivo era tratar da obra ficcional. Referente aos autores, das trinta e sete publicações, há forte presença dos franceses: Stéphen de la Madeleine, Pierre Couer, Augusto Luchet, Lord Byron, Hermancia Lescuillon, Mme. de Stael, Gerárd de Nerval, Mme. Belmont, Paul de Kock, totalizando dez publicações (duas de Pierre Couer). Outros estrangeiros que aparecem são Ramalho Ortigão, escritor português e Dr. Lopez de La Vega, do qual não obtivemos informações. Quinze histórias encontram-se sem assinatura que não conseguimos identificar em outros locais. Entretanto, vemos ainda a influência estrangeira pelo fato de que há seis narrativas que retratam lendas de outros locais ou se remetem a fatos acontecidos em outros países: "A oração de São Nicolau", cujo cenário é a

[205] PUISIEUX, Madame. "Pensamentos". In: *O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 49, 25 out. 1874, p. 84.

[206] GRAFFIGNY, Madame. "Pensamentos". In: *O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 51, 8 nov. 1874, p. 91.

[207] L'ESPINASSE, Madame de. "Pensamentos". *O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 61, 28 fev. 1875, p. 26.

[208] STÄEL, Madame de. "Pensamentos". In:*O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 45, 27 set. 1874, p. 68.

[209] GENLIS, Madame. "Pensamentos". In:*O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 55, 10 jan. 1875, p. 2.

Rússia; “O castelo encantado – Lenda espanhola”; “Mari Santa – lenda”, passada na Espanha; “Um dia de entrudo em Milão”, “O Braz Tisana” (em referência às cartas de Braz Tisana, escritas pelo jornalista português José de Sousa Bandeira, que editou o periódico de mesmo título)[210]; “Dedicação e coragem”, que faz referência a líderes do exército que lutaram pela expansão francesa no período Napoleônico. Ou seja, quase metade das narrativas foram escritas por estrangeiros ou tem a ver com algum fato acontecido no exterior, deixando bem pouco espaço no jornal para obras nacionais, o que não podemos precisar se foi por mera escolha ou por dificuldade de conquistar participação no jornal.

As outras onze narrativas são assinadas por Olympio Catão, Mello Moraes Filho, J. Augusto da Silva, Lellis Teixeira, F. C. Marques, J. Nepomuceno e uma assinatura “X.”. Destes, os três primeiros são os mais conhecidos, tendo atuado em diferentes periódicos com poemas e artigos a respeito do país. Sobre a autora Lellis Teixeira, sabemos apenas que publicou também poemas no periódico. A respeito dos últimos três, temos apenas a publicação feita em *O Domingo*.

Não há no jornal prioridade para a publicação de folhetins ou histórias com muitos personagens, mas sim a opção de D. Violante Atabalipa por narrativas curtas, onde o ensinamento moral é logo destacado. Dos cinco folhetins selecionados, apenas um tem a publicação completa, feita em quatro edições. Classificamos como “Romance”, duas histórias mais longas e mais complexas do que os contos publicados, no que diz respeito à quantidade de personagens e situações apresentadas, mas que não foram expostos no pé da página, para que nomeássemos de “Folhetim”. A categoria de “Reflexão” aponta para pensamentos a respeito de diferentes questões da experiência humana, como a morte, escritos de maneira poética, carregados de lirismo que indicam justamente o aspecto moral prezado por D. Violante. O ideal de pureza e abnegação aparece praticamente em todas as histórias, e em algumas com intensa descrição dessas características nas personagens principais, como no caso de “Francesca”, “O amor-perfeito”, “A oração de São Nicolau”, “A Esperança”, “Mari Santa”, “A Virgem de Van Dick” e “Palavras que ouvi a um venerando cego”, que são exemplos do protagonista encarregado de uma missão que coloca sua virtude à prova. O casamento e o amor romântico também aparecem, com prioridade para a pureza que os dois amados deveriam desenvolver um pelo outro. Certamente, esses temas se misturam e aparecem de formas variadas nas histórias, podendo surgir na figura de uma senhora caridosa, de um general corajoso, de uma amizade inesperada.

[210] SOUSA, José Manuel Motta de; VELOSO, Lúcia Maria Mariano. *História da imprensa periódica portuguesa*: subsídios para uma bibliografia. Coimbra: Coimbra Editora Ltda.,1987, p. 103.

A participação das mulheres nas obras publicadas ocorre na produção de poemas, diferentemente do que se vê na prosa. Dos setenta e um poemas, há trinta e quatro com assinaturas com nomes de homens, vinte e quatro assinados com nomes de mulheres e treze sem assinatura. A associação da mulher com o tema romântico no periódico ocorre em grande parte pela descrição que os homens fazem da figura feminina e não necessariamente de mulheres discorrendo sobre este tema, com a escrita feminina dedicada principalmente a reflexões a respeito da natureza, religião e relações familiares.

A avaliação temática inicial remeteu-nos a uma série de associações que se assemelhavam às características próprias do que seria uma "essência feminina". Os temas em sua maioria pareciam tratar "propositalmente" de flores, saudade, amor. Afirmamos propositalmente, porque, a partir do momento em que se considera os periódicos femininos enquanto uma forma de educar o público a que se destina, enfatizando determinadas formas de ser, é um caminho tentador direcionar grande parte do que ali se encontra escrito apenas pelo viés do educar, o que vale também para a literatura. Se nos deparamos com uma sociedade que se esforça para tratar as moças enquanto seres frágeis, que devem ser recatadas, que precisam ser educadas para perpetuar os ideais de família que se apresentam, não se torna difícil ver a ênfase concedida aos temas apresentados buscando servir a este propósito.

O amor é o tema protagonista das histórias publicadas em diferentes jornais, voltados ou não para as mulheres, porém há forte apelo para o público feminino, ávido consumidor das folhas pelos dois carros chefes que apresentam: a moda e a literatura. Considera-se que o comportamento das mulheres das elites influencia no amplo consumo das narrativas devido ao próprio estilo de vida do momento, com os encontros realizados nos salões e também com o relativo ócio a que eram entregues[211]. Os momentos de lazer solitário contribuem para o cenário onde se entregam aos romances e poemas que lhes são oferecidos em livros e nos periódicos circulantes.

As editoras dos jornais, portanto, direcionam a literatura para este tipo de público: a leitora que se instiga com as tramas de amor que se apresentam a cada edição ou que suspiram com os poemas que descrevem os delicados dotes da mulher amada. D. Violante Atabalipa difere ligeiramente na seleção que faz para as narrativas de *O Domingo*. Em levantamento das histórias publicadas, há intensa descrição do amor, apresentado com pouca variação nos poemas. A prosa também é carregada de sentimentalismo, entretanto as situações modificam

[211] D'INCAO, Maria Ângela. "Mulher e família burguesa". In: PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla (coord. de textos). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997, p. 229.

mais e não se prendem apenas às tramas de encontros e desencontros amorosos. Apresentando um conservadorismo religioso, D. Violante não dá ênfase a narrativas que apresentem grandes conflitos amorosos, com exceção de um ou dois talvez, situação que não ocorre de maneira fortuita, se atentarmos para o cuidado que a editora tem em pregar os bons costumes e lembrar continuamente os deveres dos bons cristãos, como a pureza. Uma jovem lendo semanalmente em seu periódico aventuras de amor não parece muito adequado para o controle da imaginação. Portanto, as aventuras amorosas aparecem, mas de forma controlada. A editora, assim, faz com que seu trabalho tenha repercussão e seja divulgado por outros periódicos seguindo o caminho trilhado por suas antecessoras, investindo na literatura, porém, buscando também uma distinção[212] que recai na religiosidade que apesar de ser uma característica de outros periódicos, torna-se a marca registrada de *O Domingo*, sendo uma distinção que se refere justamente ao mecanismo de controle das publicações.

Considerando o movimento romântico, é quase como se o mesmo contribuísse para a percepção do feminino que se consolida também enquanto este movimento se propaga, com suas emoções, seu sentimentalismo aflorado. O que se manifesta é uma escrita feminina que se embebe de tal percepção e traz para si as descrições que largamente serão associadas ao que elas *podem* escrever. A forma com que as mulheres começam a se apresentar na escrita, combina intensamente com certos temas trabalhados pelo romantismo, como o casamento idealizado pela escolha do amor puro e a heroína que luta por manter sua castidade a todo o custo, mesmo contra as investidas do mais pretendente sedutor. As obras envolvendo este enredo, com a percepção moderna do casamento, tem como marco inicial a publicação da obra de Richardson, *Pamela – Ou a virtude recompensada*[213]. Tratando de uma criada que desenvolve um relacionamento ambíguo com o patrão, pois questiona suas atitudes morais, mas por fim acaba se apaixonando por ele, Pamela se torna a heroína de muitas mulheres na mesma posição de serviço, que buscam no casamento idealizado, uma forma de fugirem de uma realidade que pode ser penosa, levando em consideração a maneira pela qual as mulheres são encaradas legalmente na sociedade[214]. Samuel Richardson aposta em uma fórmula que

[212] CHARTIER, Roger. "Textos, impressos, leituras". In: *História Cultural: entre práticas e representações*. Traduzido por Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988, p. 139.

[213] WATT, Ian. "O amor e o romance: *Pamela*". In:*A ascensão do romance*: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Traduzido por: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

[214] WATT, Ian. "O amor e o romance: *Pamela*". In:*A ascensão do romance*: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Traduzido por: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 152.

será utilizada largamente pelos escritores posteriores: a ideia do namoro que deve conduzir ao casamento[215].

Este enredo tem como um dos elementos básicos, a moça que possui virtudes admiráveis e é cercada de outras mulheres que por mais que sejam boas, não se destacam como a protagonista da história. Pamela, por exemplo, apesar de ter uma condição inferior, possui modos de alguém pertencente à aristocracia, pois fala e escreve bem, é sensível e domina certos tratos sociais[216]. Suas críticas e sua forma direta de dizer o que pensa, na verdade não devem soar aos leitores como um comportamento grosseiro, pelo fato de que sua ousadia em julgar os aristocratas é sempre no intuito de desmascarar seus vícios e a maneira fútil pela qual encaram a vida[217]. Em meio à tensão entre Pamela e o patrão, se estabelece a questão do código moral a ser mantido e o desejo sexual controlado, o que é a tônica do amor romântico desenvolvido no século XVIII e propagado com força no século XIX: o amor adaptado à questão religiosa juntamente com a constituição de uma família por meio do casamento[218]. A preocupação com o decoro, recato e virtude indicam o controle sobretudo das paixões sexuais.

Além disso, a ideia de um casamento por amor tem ligação com uma maior liberdade feminina na escolha da formação de sua família conjugal, o que assume extrema importância ao se considerar que a nova família será constituída pela esposa e o marido, em um novo modelo de família, centrada nestes e nos filhos[219]. Jane Austen é uma das escritoras que enfatiza a questão da escolha feminina, e do sentimento orientando a decisão, baseado em um compromisso de amor e amizade com o cônjuge[220]. O apelo sentimental das tramas não representa apenas uma forma de distração para as leitoras, mas indica a preocupação da garantia de uma convivência pacífica com alguém que será a base para a vida íntima todos os dias.

---

[215] *Ibidem*, p. 158.

[216] SILVA, Felipe Vale da. "A virtude e a forma epistolar: uma leitura de *Pamela, or virtue reward"*. In:*Revista Letrônica* PUC – RS. Porto Alegre, v. 8, n. 1, janeiro-junho 2015, p. 168-181, p. 174. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/18423 Acesso em: 11 jan. 2016.

[217] *Ibidem*, p. 175.

[218] *Ibidem*, p. 147.

[219] *Ibidem*, p. 148.

[220] AUSTEN, Jane. *Orgulho e preconceito*. Traduzido por Alexandre Barbosa de Souza. São Paulo: Penguin Companhia, 2011.

A maneira pela qual esses valores são retratados na literatura de *O Domingo* acaba por seguir uma mescla entre a percepção protestante do casamento que vigora na literatura inglesa e francesa e o vigor católico propagado por D. Violante Atabalipa com sua enraizada percepção da Virgem Maria enquanto modelo de mulher. Embora o catolicismo seja defendido veementemente D. Violante, a editora não defende exatamente o celibato, este sim considerado pelo catolicismo enquanto o ideal de pureza para a vivência plena da religião[221], mas adere ao amor romântico marcadamente protestante, apresentando uma religiosidade mista, mas que segundo suas declarações, é essencialmente católica, fazendo com que seu trabalho de maneira singular dê continuidade à literatura que associa o feminino ao romântico amoroso.

3.2 **Poetisas e sensibilidade**

O primeiro poema com autoria feminina de *O Domingo,* "Nhosinho", é publicado apenas na edição de número quinze, após quatro meses da estreia do semanário, com assinatura de Honorata Carneiro de Mendonça. Com versos simples, apresenta o apego de uma mulher a um cachorrinho perdido, que se torna seu animal de estimação, até que a verdadeira dona o reclama. Os versos chamam atenção pelo tom de um relato do cotidiano, e um linguajar despretensioso, como se tentasse conquistar o leitor com sua narrativa quase ingênua. A versatilidade demonstrada por Honorata de Mendonça é uma marca que a poetisa deixa no periódico, pois a autora, que após a publicação deste poema, participa continuamente de *O Domingo*, apresenta no número vinte e cinco, baseada na "Canção do Exílio" de Gonçalves Dias, sua versão da saudade do lugar em que nasceu, em um poema mais complexo do que o de sua estreia, principalmente pela referência escolhida

> Nossa terra tem primores
> Como ainda nunca eu vi
> As campinas verdes cores
> Lá viceja o Buriti
> Nossas flores tem perfumes
> Que n'infância eu colhi;
> Nossas brenhas mais negrumes
> Lá descanta a Juriti.
> (...)

[221] WATT, Ian. "O amor e o romance: *Pamela*". In: *A ascensão do romance*: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Traduzido por: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 165.

A autora, nascida na Província de Goiás é considerada a primeira escritora da região a estrear em livro, com a publicação da obra *A redenção,* em 1875, de temática religiosa[222]. Em 1874, Honorata de Mendonça havia publicado o poema "A redenção", no jornal *O Domingo*, tratando de momentos que antecedem a morte na cruz, segundo a tradição cristã, e o sofrimento da crucificação propriamente dita. Com um tom de reprovação aos que teriam traído Cristo, a ênfase recai sobre a ingratidão concernente ao sacrifício feito, e a indiferença de muitos pelo ato redentor, indicando também uma exortação ao leitor para que não cometa o mesmo erro ao deixar de seguir os ensinamentos propostos.[223] As imagens utilizadas são repletas de emoção, retratando em cada estrofe uma situação na qual Cristo teria demonstrado compaixão a um ato de traição, montando um quadro de oposição no poema em que se destaca a figura do pecador completamente apartada dos princípios ensinados pelo cristianismo.

Em 1875, com a publicação do livro de mesmo nome, Dona Violante expõe sua crítica positiva ao trabalho, reafirmando em seu comentário os valores defendidos na obra e destacando a reverência que ela mesma presta aos princípios ensinados pelo "*Homem Deus* que tanto sofreu e padeceu para remir a nós pecadores".[224]A redatora destaca que o trabalho de Honorata se apresenta mais maduro, com melhor desenvolvimento, elogia a escolha do assunto, que considera de proveitosa instrução para todos e aproveita o momento para afirmar a importância da religião católica na propagação dos fundamentos cristãos e sua força indiscutível enquanto religião oficial do Estado.[225]

A religiosidade presente nos escritos de Honorata de Mendonça e de outras colaboradoras do periódico faz parte do movimento romântico, não necessariamente representada por uma defesa do catolicismo, mas pautada em um sentimento espiritual, voltada para uma sensibilidade na percepção do mundo.[226] O sentimento religioso se encontra mesmo que não haja uma explicitação ao mundo cristão. As poesias que demonstram

---

[222] Vasconcellos, Eliane. "Precursoras da literatura goiana". **In:** *Revista UFG*. Goiás, julho de 2010, ano XII, nº 8, p. 88. Disponível em: http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/Revista%20UFG%20-%202010/Files/PRECURSORAS%20DA%20LITERATURA%20GOIANA.pdf
Acesso em: 2/5/2015.

[223] MENDONÇA, Honorata M. Carneiro de. "A Redempção". **In:***O Domingo.* Rio de Janeiro: nº 20, 5 abr. 1874, p. 4.

[224] VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e. "Noticiario". **In:***O Domingo.* Rio de Janeiro: nº70, de maio de 1875, p. 2.

[225] *Ibidem.*

[226] CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira* – Momentos Decisivos: 1750-1880. 10ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 335.

contemplação à natureza, por exemplo, sugerem muitas vezes uma associação ao divino, sem necessariamente citar algum atributo de qualquer religião, destacando justamente uma ideia de emoção provocada pelas belezas naturais, que conduzem à serenidade, ou, em alguns casos, a comoções mais fortes. Entretanto, a leitura feita por D. Violante Atabalipa a respeito da publicação de Honorata associa os versos ao universo católico, sendo condizente com a defesa realizada pela autora nos artigos que publica ao exaltar esta religião.

Embora o apelo do trabalho de Honorata seja voltado para um sentimento religioso, a autora tem publicado também versos em que recrimina o que seria uma hipocrisia no cumprimento de ensinamentos católicos. No mês da Páscoa, a escritora apresenta em tom sarcástico uma epigrama criticando os que pregam o jejum durante a observância da semana santa, mas que não conseguem fazer com que suas refeições sejam mais simples como deveriam: "Eu nesta quadra do ano, /Tenho ovo todo o dia! / Quem diria?! /Nestas coisas sou magano!"[227]. A maneira pela qual trata a glutonaria indica uma visão crítica da autora a respeito do destoar entre o que é ensinado e o que é praticado pelos devotos, que não se preocupariam com a singeleza que tal época do ano requer.Esta análise crítica de Honorata lê-se também no poema "Epidemia excêntrica", onde é descrita uma situação em que uma cortesã e uma senhora da elite sentam juntas em uma festa religiosa que ocorria na cidade, e há um sentimento de desprezo por parte da senhora, mediante o ocorrido.

> Pelo que toda ofendida,
> A fidalga presumida,
> Antes quis se retirar,
> que orar!
>
> (...)
> Não tenha receio vão,
> Que lhe pegue o meu senão!
> Esta minha epidemia,
> Só afeta a quem o quer!
> A vaidade é quem a cria
> na mulher![228]

A autora apresenta uma figura que é citada nos artigos de *O Domingo* como o oposto do que uma mulher deveria ser. Entretanto, neste poema, mais do que o moralismo no final, afirmando o malefício da vaidade, é interessante destacar que a cortesã ganha voz criticando o comportamento da senhora de elite e reafirmando sua presença no local. Ela existe e não deve ser ignorada, e mais do que isso, ela é quem dá voz ao ocorrido, demonstrando sua crítica ao comportamento da "fidalga", comportando-se enquanto alguém que se considera melhor que

---

[227] MENDONÇA, Honorata Carneiro de. Sem título. In*: O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 21, 12 abr. 1874, p. 4.

[228] *Idem.* "Epydemia excêntrica". In: *O Domingo.* Rio de Janeiro, nº 27, 24 mai. 1874, p. 4.

o outro. Novamente há a indicação de reprovação da escritora ao comportamento religioso, uma vez que a senhora se recusa a orar devido ao julgamento que faz de quem está ao seu lado. Em teoria, tal comportamento não era realmente condizente com o que se espera de um cristão. Além disso, encontra-se nesses versos uma indicação do cotidiano no Rio de Janeiro, com um assunto diferente do que se espera de uma mulher no período, visto que não trata de religião, amor, relações familiares ou elogios à natureza, mas a percepção de uma situação em que o constrangimento existe por não haver uma forma de fugir de uma figura indesejável para as mulheres que se consideram "de família". O equilíbrio que Honorata utiliza entre imaginação e a percepção dos acontecimentos ao seu redor são a principal característica do trabalho que apresenta em *O Domingo*, com poesias que em alguns momentos parecem ser uma crônica em forma de versos.

A irmã de Honorata, Maria Leonilda Carneiro de Mendonça, também escreve para o jornal. Em *O Domingo* há sete poemas seus publicados, combinando em suas publicações a valorização da natureza para descrever sentimentos amorosos, reflexões sobre a vida e características para definir a mulher e a religião. A representação feminina é feita a partir de elementos que indicam delicadeza e fragilidade, como as flores, e sua descrição é voltada para indicar a sensibilidade existente na mulher.[229] Seus versos assumem também uma característica melancólica e certo sentimento de isolamento, como ocorre no poema "À tarde", no qual Maria de Mendonça afirma haver uma poesia existente neste período do dia, provocada pelo pôr do sol e o silêncio, o qual é posteriormente interrompido pelos sinos da igreja. O período de calma descrito no poema e as cores que destaca, com um jogo de claro que gradativamente se torna escuro são convidativos à reflexão, e o ressoar dos sinos dá continuidade ao momento meditativo, conduzindo à oração.[230] Ao longo do periódico vê-se que este tema é recorrente e desperta a imaginação poética das colaboradoras do jornal. A mesma referência feita a este assunto, em um texto em prosa de outra autora, também destaca a ideia do isolar-se para refletir e a tristeza a que esta hora remete, pois é o instante de "meditação e melancolia! (...) Hora de poesia e encanto (...) Sim, é nesta hora que eu, a sós com meu vago e duvidoso imaginar, procuro minorar a saudade que sente meu coração!".[231] A maneira com que a tarde é descrita é muito semelhante ao poema de Maria de Mendonça, sobretudo pela indicação da melancolia enquanto uma força que se impõe e preenche os

[229] MENDONÇA, Maria Leonilda Carneiro de. "A Mulher". In:*O Domingo.* Rio de Janeiro, nº 23, 26 de abril de 1874, p. 4.

[230] *Idem.* "À tarde". In:*O Domingo.* Rio de Janeiro, nº 58, 31 de janeiro de 1875, p. 15-16.

[231] Candilia. "À tarde". In: *O Domingo.* Rio de Janeiro, º 60, 14 de fevereiro de 1875, p. 23.

pensamentos e sentidos de quem está atento às transformações ocorridas nesta parte do dia, porém possui algo de mais pessoal inserido na descrição expõe o próprio ato de imaginar e escrever as meditações sob a influência desta hora do dia.

Embora os poemas de Maria de Mendonça estejam mais voltados para a temática da natureza e dos sentimentos provocados pela mesma, a escritora, assim como sua irmã, também apresenta um poema no qual analisa certos aspectos da sociedade. Indicando a desigualdade social, a autora descreve a figura do pobre presente na cidade e a ajuda que o mesmo precisa para sobreviver diariamente. A exposição feita, entretanto, não aponta uma crítica voltada para a política ou questiona os motivos pelos quais tal desigualdade ocorre, mas direciona para o cuidado do indivíduo frente ao problema encontrado na sociedade, com um apelo à crença cristã, enfatizando, portanto, o aspecto religioso do problema. A forma pela qual a poetisa descreve o maior cuidado que se deveria ter com quem deveria considerar enquanto irmão, é interpelando o leitor, direcionando-se a ele, como se ocorresse um diálogo

> Quando vires o pobre estender-te a mão,
> Não fujas não!
> (...)
>
> Não fujas daquele, que a pedir vem,
> Com desdém!
> Que a sorte varia, qual roda que gira![232]

Seus versos chamam a atenção de quem os lê para uma responsabilidade individual, que se refere não apenas a um ato caridoso, mas à preocupação quanto às consequências da negligência com um semelhante, visto que todos estariam sujeitos a reviravoltas na vida. Um dos preceitos do cristianismo que se faz presente alude à máxima de fazer aos homens o que deseja que se faça a si mesmo.

Após as irmãs Honorata e Maria Mendonça participarem com frequência enviando poemas ao jornal, os trabalhos de outras colaboradoras são publicados com mais regularidade, embora a atuação não seja constante como a das irmãs Mendonça. A autora Lellis Teixeira, sobre quem não obtivemos informações além das publicações em *O Domingo,* publica três poemas e um conto, nos quais descreve características que considera específicas da mulher, apontando para o que seria uma "essência feminina", aborda as relações familiares e faz também reflexões sobre a morte.[233] Em seu conto, único no periódico com autoria feminina, há o relato de um personagem a respeito de um acontecimento corriqueiro, familiar, de um dia

[232] MENDONÇA, Maria Leonilda Carneiro de. "O Mendigo". In:*O Domingo.* Rio de Janeiro, nº 16, 8 mar. 1874, p. 4.

[233] TEIXEIRA, Lellis. "Se eu morresse sorrindo". In: *O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 34, 12 jul. 1874, p. 24.

de passeio. Nele, sobressaem as descrições das duas crianças que acompanham o personagem narrador, com destaque para a ingenuidade e espontaneidade infantis

> Risonhas, como anjo, descuidosas, como crianças que eram, nem viam que eu as espreitava sorrindo, oculto por trás dos arbustos, sem ousar dar um passo, receoso de interromper-lhes as carreiras loucas, que tão satisfeitas soltavam, quase duas gazelas nas campinas.[234]

Referente a contribuições de outras autoras, há a publicação de apenas um poema de cada colaboradora, como no caso de Dona Julia da Costa, paranaense. Abordando o tema de um amor não correspondido em "Vi-te passar", o leitor é apresentado neste poema, ao objeto de desejo de quem se expressa, de maneira forte, com um amor mais próximo à paixão do que aos sentimentos tranquilos, geralmente louvados pela pureza que desperta nos amantes. O amor descrito é comparado a uma borboleta, com seu voo constante indicando a efemeridade dos sentimentos, sendo apenas uma "meiga luz que passou!".[235] Dona Julia da Costa na maior parte das vezes apresenta certo pessimismo e melancolia em seus escritos, desenvolvendo também em seus poemas a percepção que possui da tarde e o pesar que a mesma traz, ao apresentar o sol se pondo e resgatar lembranças indesejadas.[236] Considerada pelos estudiosos de sua vida como uma figura controversa, Dona Júlia, mesmo depois de casada, conserva um amor intenso por um professor de escola pública, a quem propõe a fuga para viverem juntos, sendo, porém, recusada. Além da criatividade que demonstra nos poemas publicados, a experiência deste amor malogrado auxilia a inserção de sua escrita no movimento romântico ao tratar de um amor impossível.[237]

Outra colaboradora do periódico é D. Adelia Josefina de Castro Rebello, que após o casamento adotou o sobrenome Fonseca. Nascida na Bahia em 1827, faleceu no Rio de Janeiro, em 1920.[238] Com grande reconhecimento em seu local de nascimento, recebe elogios de Machado de Assis e a preocupação que possui com a estrutura do poema a diferencia de

---

[234] TEIXEIRA, Lellis. "As ondinas". In: *O Domingo.* Rio de Janeiro, nº 22, 19 abr. 1874, p. 2-3.

[235] COSTA, Dona Julia da. "Vi-te passar". In: *O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 51, 8 nov. 1874, p. 92.

[236] COSTA, Júlia da. "Queixumes". In: *Itiberê, Bouquet de violetas.* Também publicado em *O Conservador*, Desterro, 23 de setembro de 1874, com o título "Páginas soltas". *Apud* MUZART, Zahidé Lupinacci. "Júlia da Costa". In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, P. 413.

[237] GOMES, Roberto. "Julia Maria da Costa". In:*Helena*. Nº 5, março de 2014. p. 16-23. Acesso em 22 dez. 2015.
<http://issuu.com/revistahelena/docs/helena_5_issu>

[238] MUZART, Zahidé Lupinacci. "Adélia Fonseca". In:MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 285.

outras escritoras do mesmo período[239]. Em *O Domingo*, lê-se o elogio que a autora faz às terras brasileiras, inquirindo um "luso cantor", que em nota da escritora, é explicado ser o poeta João de Lemos, cujo famoso poema "A Lua de Londres", descreve o céu londrino comparando-o com as belezas de Portugal. Sendo esse ou não o poema ao qual Adélia Fonseca se referia, o tom laudatório é semelhante ao do poeta, descrevendo com detalhes o que considera encantos do Brasil.

A Aurora Brasileira

Quando tu, luso cantor
Na tua lira dourada
Modulaste com primor
Uma linda madrugada,
Porque dizer não quiseste
Que a aurora que descreveste
No teu canto tão gentil,
E o mar da lisa praia,
Que o arvoredo retrata,
Eram só do meu Brasil?
(...)
Que tem noites tão formosas
De prateado luar?!
Que possui manhãs de rosas,
E tardes... de arrebatar?![240]

A atenção dada à natureza, seja exaltando sua beleza, destacando a capacidade de levar a reflexões a respeito da própria vida ou utilizando-a como elemento de comparação para sentimentos, como no caso das tramas amorosas, remete-nos às palavras da autora Maria Ângela D'Incao, em que "as leituras animadas pelos encontros sociais, ou feitas à sombra das árvores ou na mornidão das alcovas, geraram um público leitor eminentemente feminino"[241], com o ócio atuando enquanto um cenário propício para a aproximação cada vez maior com as novelas escolhidas pelas leitoras.

As escritoras deste período desenvolvem os temas referentes à natureza e à solidão pelo fato de que seu cotidiano lhes permite ter esse tipo de experiência, mas se baseiam também na forma romântica de compreender o mundo, tanto em verso quanto em prosa, tendo sua imaginação e criatividade preenchidas pelos elementos do movimento romântico. Escrevem sobre tais temas porque ao mesmo tempo em que lhes é socialmente permitido fazê-lo, correspondem também à literatura feita neste período. A tentativa de deixar em cada

[239] *Ibidem.*

[240] REBELLO, Adelia Josefina de Castro. "A Aurora Brasileira". **In:***O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 59, 7 de fevereiro de 1875, p. 20.

[241] D'INCAO, Maria Ângela. "Mulher e família burguesa". **In:** PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla (coord. de textos). História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997, p. 229.

cena descrita sua impressão pessoal e as memórias das reflexões feitas ao cair da tarde, é enfatizada pelos escritores românticos, o que também se vê nas publicações das escritoras de *O Domingo*. A individualização de cada momento destaca a busca do eu, de uma compreensão mais profunda a respeito de si mesmo que não se identifica apenas com o subjetivismo[242], mas com a relação estabelecida entre quem lê, quem escreve e o ambiente que os cerca. A meditação a que o leitor é convidado baseia-se na combinação desses fatores, levado a uma situação de profundo relativismo uma vez que cada situação é única, mesmo que analisada em diferentes poemas: "Daí a noção de que a palavra é um molde renovável a cada experiência, permanecendo sempre aquém da sua plenitude fugaz e irreproduzível"[243]. Embora Adélia Fonseca trate das belezas naturais do país em a "Aurora Brasileira", se novamente escrevesse sobre o mesmo tema, a experiência deveria ser outra, com o leitor se encontrando diante de outra situação, vide a experiência única de cada aurora, com escritores diferentes e com leitores com suas múltiplas percepções de mundo.

As flores, por exemplo, são um elemento explícito de uma compreensão que varia a cada poema, podendo representar tristeza, alegrias, lembranças de outro momento da vida e são extremamente utilizadas pelos poetas românticos brasileiros. Os poetas Laurindo Rabelo[244], Bernardo Guimarães[245] e Casimiro de Abreu[246] apresentam em seus poemas a imagem floral, com uma fluência que transforma os poemas com estas imagens em suas maiores obras.

Sempre teu lábio severo
Me chama de borboleta!
- Se eu deixo as rosas do prado
É só por ti – violeta!
(...)
A borboleta travessa
Vive de sol e de flores...
- Eu quero o sol de teus olhos,
O néctar dos teus amores!

Cativo do teu perfume
Não serei mais borboleta
- Deixa eu dormir no teu seio,

[242] CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira* – Momentos Decisivos: 1750-1880. 10ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 289-290.

[243] *Ibidem*, p. 346-348.

[244] *Ibidem*, p. 478-479.

[245] *Ibidem*, p. 488.

[246] *Ibidem*, p. 513.

Dá-me o teu mel – violeta![247]

Neste poema de Casimiro de Abreu, a parte carnal do amor romântico burguês é ressaltada, descrevendo de maneira delicada a sensualidade e o desejo de ambos os amantes: "Uma aparente mediocridade afetiva que, sendo principalmente social, apenas recobre o veio rico de uma sensualidade ávida por manifestar-se (...)"[248].

O uso das flores nos poemas de periódicos femininos, embora apresentem uma associação mais voltada para indicar a pureza da amada, destacam também o amor carnal. Ao surgir nas publicações a questão do desejo, vê-se geralmente um jogo de palavras para descrever a conquista ou decepção amorosa. No poema seguinte, publicado em *O Jornal das Senhoras*, vemos a maneira com que é descrita a comparação do eu lírico, uma figura feminina, com uma flor

> Linda flor, ó meiga rosa,
> Melindrosa,
> Vem pousar sobre meu seio,
> Vem ser minha companheira,
> Qu'em ti leio
> Minha imagem toda inteira.
> (...)
> Para as pétalas roubar-te,
> Derribar-te,
> Basta da brisa um bafejo?
> Pra roubar-nos o primor
> Basta um beijo,
> Um mais livre olhar d'amor!...
> (...)[249]

A descrição das imagens "pousar sobre meu seio" e "pétalas roubar-te" indicam forte sensualidade em meados do século XIX e aparecem em *O Jornal das Senhoras* com um nome feminino assinando o poema, como ocorre com outros versos do mesmo tipo. Em *O Domingo*, contudo, há apenas três poemas em que se descrevem de maneira mais intensa o desejo e o elogio à beleza física da mulher, mas são assinados por homens. Com a intensa religiosidade de D. Violante Atabalipa é surpreendente que até mesmo estes três poemas tenham entrado no repertório do periódico, tratando do desejo pelo beijo da amada, por exemplo, enquanto a redatora em seus artigos de opinião condena o namoro e o contato físico entre os pretendentes. Mas mesmo tratando de desejos, os poemas se "redimem" no final, ao afirmarem que o beijo deveria ser puro. Assim, ao mesmo tempo em que se tem no poema

---

[247] *Ibidem*.

[248] CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira* – Momentos Decisivos: 1750-1880. 10ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006, p. 513.

[249] Elisa. "A minha flor". In:*O Jornal das Senhoras.* Rio de Janeiro, nº 5, 4 fev. 1852, p. 36.

versos como: "Não há, quem dizer-me possa,/ Qual o sabor de teus beijos;/Se houvesse, a inveja mataria/Meus frenéticos desejos"[250] no final encontra-se a recomendação para que os carinhos não sejam feitos escondidos, pois "Pode fartar o desejo/Mas não farta o coração"[251]. Esconder-se para beijar seria um atentado contra o amor puro, casto e vigiado pela família. Afinal, a escolha de D. Violante deste poema não destoa em demasia do que propõe em seu jornal.

Acompanhando as flores, há o simbolismo carregado pelas características da borboleta e do beija-flor. O ato de tocarem diferentes flores em seus voos simboliza na maioria dos poemas a fragilidade do flerte praticado nos salões e os desencontros amorosos a que conduzem

> De um jardim por entre as flores
> Beijando a todas e rindo
> Andava ali o mais lindo
> Beija-flor louco de amores.
>
> Porém quis sua má sina
> Que fosse dar com seus beijos
> Abrasados em desejos
> Juntas a rosa e a bonina.[252]

A bonina, diferentemente da rosa, chora ao ver o amado beija-flor se dedicar a outras flores, enquanto a rosa o despreza e espera por outro que a agrade mais. O poema nos conta a história de duas reações frente ao modo com que o beija-flor "louco de amores" se comporta, o que é bem comum na sociabilidade mantida entre as diferentes famílias com os jovens em idade de casar. O aparente compromisso que um rapaz assumia com uma jovem nem sempre era levado adiante, o que poderia causar imenso desgosto, principalmente pelos comentários provenientes das rodas nos salões. Da mesma forma, a mulher que flerta com diferentes homens pode causar profundos desapontamentos nos preteridos. Até certo ponto o flerte é considerado saudável e permitido na vivência em sociedade, porém quando passa a representar apenas o luxo e a vaidade de alguém que deseja se exibir, é considerado um excesso. Em alguns poemas a figura da borboleta, tal como o beija-flor, é censurada e alertada a respeito de seu comportamento inconstante nas relações que desenvolve, visto que, baseada na beleza que possui, um dia não poderá contar com este recurso, passageiro como sua

[250] Visconde de Pedra Branca. "O beijo". In: *O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 11, 2 fev.1874, p. 4.

[251] *Ibidem*.

[252] "A bonina e a rosa". In: *O Jornal das Senhoras*. Rio de Janeiro, nº 48, 26 nov. 1854, p. 381.

inconstância ao pousar em diferentes flores.[253] A representação feminina na literatura, seja enquanto personagem, escritora ou leitora, é proveniente da mescla do que se produzia literariamente até o momento, com a percepção social que se produzia da figura feminina

Embora a representação feminina na literatura em periódicos do século XIX retrate basicamente as características que temos citado até o momento: valorização da natureza e exposição de sentimentos amorosos, religiosos e familiares, não necessariamente as escritoras produzem apenas este tipo de texto, nem tampouco significa que a descrição feita a respeito das mulheres estava sempre relacionada à delicadeza, bondade e dedicação a casamentos. Esta é a seleção realizada pela maior parte dos jornais voltados para mulheres e famílias, porém, a literatura produzida por mulheres não se restringe aos tópicos mencionados, a começar pelo exemplo de Nísia Floresta Brasileira Augusta, nascida no Rio Grande do Norte. Em 1838, Nísia funda um colégio voltado para o ensino de meninas "com o ensino de línguas (Latim, Francês, Inglês, e Italiano), de Geografia, de História do Brasil e de Educação Física"[254]. Elogiada pela boa qualidade de ensino das alunas, a diretora também é questionada pelo fato de não incentivar como deveria, os trabalhos manuais, dando preferência ao ensino de idiomas[255]. Apesar destes questionamentos, o estabelecimento é mantido por dezessete anos, um indicativo significativo de que havia um público que pensava de forma semelhante à Nísia, ao permitir que a educação de suas filhas fosse voltada para um modo diferente do que era considerado o ideal.

A participação de Nísia Floresta na imprensa ocorre de forma contínua, com vasta produção literária. Sua tradução de *Vindications of the rights of woman*, de Mary Wollstonecraft, recebe muito das próprias ideias da tradutora. Com o título em português de *Direitos das Mulheres e injustiça dos homens*, a escritora enfatiza o desprezo com que as mulheres são tratadas no Brasil, e nega que haja qualquer superioridade masculina frente à atuação das mulheres na sociedade, denunciando que as causas do descrédito referente à capacidade feminina para uma educação mais sólida é justamente o fato de não a concederem desde tenra idade, o que exclui as mulheres da vida pública. [256] A obra que publica em 1853,

---

[253] "À borboleta". In: *O Jornal das Senhoras.* Rio de Janeiro,nº 6, 11 fev. 1855, p. 45.

[254] DUARTE, Constância Lima. "Nísia Floresta Brasileira Augusta". In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 175.

[255] *Ibidem*.

[256] *Ibidem*, p. 176-177.

Opúsculo Humanitário, contém sessenta e dois artigos apenas a respeito de educação, que Nísia havia escrito e que já haviam sido publicados nos jornais da Corte. Além disso, a escritora na parte literária também se dedicava à questão da educação, com novelas escritas para as estudantes de seu colégio, como *Fanny ou A jovem completa.*[257] Lidando com outros temas, Nísia Floresta aborda a questão do indígena brasileiro, no poema "A lágrima de um caeté", publicado em 1849. Além de explorar a exuberância da natureza, a escritora apresenta o índio sob uma perspectiva ligeiramente diferente do que era comum expor até então, destacando a visão dos derrotados e não do herói que luta, enfatizando as indagações do índio frente a uma opressão sofrida pelo colonizador[258], negando traços de passividade. Considerada revolucionária para a época e com uma literatura e participação na imprensa bem diferente da escrita que se tenta fazer com que seja a ideal para as mulheres, Nísia Floresta abre espaço para outras que se aventuram em ao menos esboçar opiniões políticas em um espaço e tempo em que a mulher não é considerada séria ou racional o suficiente para debater estes tópicos. A recepção feita ao trabalho da escritora, jornalista e diretora, ora com críticas ferrenhas às ideias que apresenta, ora com elogios que recebem, mesmo que cautelosamente suas opiniões, nos remete à lembrança que o historiador Roger Chartier apresenta, de um antigo texto espanhol no qual se questiona: como é que um texto apresentado igualmente às pessoas, pode levar a debates e contendas entre seus leitores?[259] Neste caso especificamente, embora os textos de Nísia circulem para um público aparentemente homogêneo, homens e mulheres brancos, de classe mais elevada que a maioria, e uma parcela aceite sua opinião, há de se considerar que a escritora rompe barreiras, se levarmos em conta o fato de que em fins do século XIX e nas primeiras décadas do XX ainda se debate o posicionamento da mulher enquanto escritora e participante ativa no espaço público.

Se Nísia Floresta foi uma das bases para a escrita das mulheres na literatura na primeira metade do século, pode-se considerar a poetisa Narcisa Amália (1852-1924) como uma das literatas mais críticas da segunda metade dos oitocentos. Filha de professores e nascida em São João da Barra (RJ), a escritora se muda, em 1863, com a família para Resende e no ano de 1872 lança seu livro de poemas intitulado *Nebulosas* e com este trabalho alcança muitas críticas positivas que a destacam no mundo literário. Um de seus poemas, "Saudade",

[257] *Ibidem*, p. 177.

[258] *Ibidem*, p. 178.

[259] CHARTIER, Roger. "Textos, impressos, leituras". **In:** *História Cultural: entre práticas e representações*. Traduzido por Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988, p. 122.

trata de algumas lembranças da sua infância e a vivência com a família, tendo um toque de nostalgia sob a perspectiva de que não viverá mais o que carrega na memória.

> Eu era de meu pai pobre poeta,
> O astro que o porvir lhe iluminava,
> De minha mãe que louca me adorava
> Era na vida a rosa predileta.
> Mas...
> ...tudo se acabou. A trilha olente
> Não mais percorrerei desses caminhos
> Não mais verei os míseros anjinhos
> Que aqueciam na minha mão algente![260]

A respeito do livro e do trecho do poema destacados, é publicada uma análise no periódico *A Semana Ilustrada*, com provável autoria de Machado de Assis. A crítica ocupa um espaço significativo nas folhas do jornal, e o autor se demora em destacar os aspectos positivos e alguns erros de iniciante por parte de Narcisa. De maneira geral, entretanto, os elogios feitos à autora são maiores do que uma postura negativa em relação ao seu trabalho. O autor afirma que

> *Não sem receio* abro um livro assinado por uma senhora. É certo que uma senhora pode poetar e filosofar, e muitas há que neste particular *valem homens e dos melhores*. Mas não são vulgares as que trazem legítimos talentos
> (...)
> A leitura das Nebulosas causou-me a este respeito excelente impressão. Achei uma poetisa, dotada de sentimento verdadeiro e real inspiração, a espaços de muito vigor, reinando em todo o livro um ar de sinceridade e modéstia que encanta, e todos estes predicados juntos, e os mais que lhe notar a crítica, é certo que não são comuns a todas as cultoras de poesia. (...) [261] (grifo nosso)

Crítica favorável ao trabalho de Narcisa, que ao mesmo tempo indica a recepção feita por um livro que fosse escrito por uma mulher: causador de receio. Mesmo com a participação feminina desde meados do século na imprensa e na literatura, o crítico afirma a não naturalidade em lidar com uma obra que fosse elaborada por mãos femininas. A justificativa se encontra no fato de que mesmo que se reconheça o fato de que a mulher "pode poetar e filosofar", não necessariamente ela o faz bem. Em seguida é afirmado o parâmetro para as mulheres a fim de que um texto seja considerado bom, que é a capacidade de escrever melhor ou igual a um homem. O autor desconsidera em sua crítica a questão das

---

[260] Narcisa Amália. *Nebulosas*. *Apud* MASSA, Jean-Michel. "Outros textos encontrados de Machado de Assis". Traduzido por Lúcia Granja. In:*Machado de Assis em linha*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 96-116, dez. 2013, p. 112-113.
Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/mael/v6n12/a08v6n12.pdf 17 dez.2015

[261] M. *Semana Ilustrada*. *Apud* MASSA, Jean-Michel. "Outros textos encontrados de Machado de Assis". Traduzido por Lúcia Granja. In: *Machado de Assis em linha*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 96-116, dez. 2013, p. 112.
Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/mael/v6n12/a08v6n12.pdf
Acesso em: 17 dez. 2015

oportunidades para que as mulheres exerçam tal ofício e destaca Narcisa Amália enquanto uma poetisa realmente rara, destacando-se entre as mulheres. O tom da crítica recai em um elogio à Narcisa quando comparada a outras mulheres, pois ela é considerada melhor que as outras escritoras que o autor tem encontrado, e em uma comparação com os homens, afirmando que Narcisa escreve tão bem quanto eles, embora falhe em uma ou outra parte na composição dos versos. Esta percepção deixa clara a maneira pela qual o autor da crítica encara a escrita da mulher e ainda indica o modo com que de maneira geral seu trabalho é visto, pois sua surpresa demonstra a falta de reconhecimento pelo trabalho feminino nesta área, o que ocorre pelos motivos que temos debatido neste trabalho. Discorrendo ainda sobre sua obra, o crítico afirma que os poemas de Narcisa são tristes

> (...) *quando não são políticos (que também os há bons e de energia não vulgar)*: a musa da Sra. Narcisa Amália não é alegria; ela mesma o diz na poesia que intitulou "Sadness", e que transcrevo por inteiro e será essa a última citação:
>
> (...)
> Meu anjo inspirador é frio e triste
> Como o sol que enrubesce o céu polar
> Trai-lhe o semblante pálido – do artista
> O acerbo meditar.
>
> Traz na cabeça estema de saudades,
> Tem no lânguido olhar a morbideza
> Veste a clâmide eril das tempestades
> E chama-se Tristeza.
>
> Termino as transcrições e a notícia, recomendando às leitoras as Nebulosas.[262]
> (Grifo nosso)

Destacamos que o autor não seleciona para seu texto nenhum dos versos carregados de críticas político-sociais de Narcisa. O reconhecimento enquanto escritora por meio de opiniões a respeito de política ou críticas sociais seria uma situação atípica para este período, mas provavelmente um dos pontos que chamou atenção do crítico foi justamente o fato de ela tratar deste assunto, devido à raridade deste tipo de texto ser proveniente de mãos femininas. Ora, se até mesmo o escrever bem utilizando-se de temas associados à mulher, causa espanto ao redator da crítica, quão maior não deve ter sido a surpresa ao ler sua posição política, que não era declarada de maneira tímida, mas sempre claramente republicana. Entretanto, apesar de suas opiniões fortes a respeito da sociedade em que vive, a própria Narcisa Amália muitas vezes nega um reconhecimento para si mesma, afirmando-se enquanto uma escritora sem as

[262] M. *Semana Ilustrada*. *Apud* MASSA, Jean-Michel. "Outros textos encontrados de Machado de Assis". Traduzido por Lúcia Granja. In:*Machado de Assis em linha*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 96-116, dezembro de 2013, p. 112.
Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/mael/v6n12/a08v6n12.pdf
Acesso em: 17 dez. 2015.

qualidades necessárias para ter sucesso na carreira.[263] Porém, essa prática é recorrente e considerada necessária pelas mulheres para que seus trabalhos sejam aceitos sem serem considerados uma pretensão feminina de dedicarem-se exclusivamente a esta tarefa, abandonando o lar e a família, algo que, por dados da vida pessoal de Narcisa, pode-se destacar enquanto algo que ela tentava equilibrar.

A omissão referente aos poemas de Narcisa voltados para a política também ocorre em *O Domingo*, na escassa colaboração da escritora, visto que há apenas dois poemas seus no periódico. Em carta que remete à D. Violante, publicada no jornal, a escritora se queixa da pouca adesão feminina ao ambiente literário e a escassez de recursos nesse meio. Afirmando que considera difícil conseguir assinaturas para o periódico, a literata escreve

> Se V. nota frieza e pouco amor à leitura no Rio de Janeiro (...) onde as bibliotecas oferecem aos curiosos seus raios carregados de obras primorosas, e as *Conferências* populares sacodem hoje a apatia dos espíritos mais refratários ao belo, o que deve esperar de uma pequenina cidade do interior, onde não se encontra uma só associação literária, nem uma biblioteca, e apenas uma folha semanal (...)?
> (...)
> O meu concurso literário, fraco como é, *O Domingo* tê-lo-á, por vezes; isto é, quando os labores do lar deixarem-me um ou outro momento de repouso.[264]

Mesmo se propondo a auxiliar o periódico enviando poemas à redação, Narcisa Amália afirma que contribuirá para tal quando estiver livre dos "labores do lar". Sendo ou não este o motivo da escassa produção de Narcisa Amália enviada à D. Violante Atabalipa, surge aqui a possibilidade de a função da mulher no âmbito privado interferir de alguma forma na sua relação com a produção escrita. As práticas de leitura e escrita implicam no isolamento que aparece nos poemas que refletem a respeito da tarde e sua calmaria, e não são atos neutros ou de mero descanso do local em que se vive. Este exercício de individualização contribui para a caracterização da carreira de escritora enquanto um perigo para a estrutura familiar, por certo afastamento dos familiares e também pela afirmação da mulher enquanto alguém independente dessas relações. É uma escolha e toda escolha é, necessariamente a renúncia de algo, mesmo que seja de forma momentânea. A escolha de dedicar uma parte de seu tempo a algo que unicamente lhe diz respeito, aponta para uma autonomia que até então não era aceita ou era aceita com relutância. Ser escritora não implica em ter que ser mãe ou esposa, mas leva

[263] TELLES, Norma. Encantações: Escritoras e Imaginação literária no Brasil. São Paulo: Intermeios, 2012, p. 268.

[264] Narcisa Amália. Carta enviada à D. Violante Atabalipa. In: *O Domingo*. Rio de Janeiro, nº 18, 22 mar. 1874, p. 1.

em consideração desenvolver um talento que depende apenas da mulher e do estudo que lhe é permitido ter em uma sociedade que não enxerga com naturalidade esta atitude.[265]

Ainda assim, a literata publica no periódico dois poemas: o primeiro, "Stancias a B."[266] são versos que se constituem em uma espécie de conselhos para lidar com algumas questões da vida, como o amor, lembrando a maneira de um pai ou uma mãe ensinarem o filho algumas coisas a respeito da vida e das experiências que provavelmente vai encontrar. O segundo trata de um elogio do eu lírico à mulher amada, onde se destaca sua beleza. Intitulado "Os cabellos de Bertha", no poema o cabelo é descrito como um manto para a mulher, uma espécie de véu que a auxilia a manter uma aura de mistério, o que leva a uma comparação com seres celestes, como um arcanjo.[267] A beleza angélica remetendo à pureza é bem destacada nos versos, onde há associação da figura feminina com estas características. Comparando-se estes dois poemas publicados com os de outras autoras que atuam no periódico, há uma variação apenas de situações, que, entretanto, voltam sempre para o amor, a beleza e delicadeza como pano de fundo para o desenvolvimento do poema.

Contudo, não se pode afirmar que a literata tenha escrito apenas a respeito de amor e relações familiares. De fato, a seleção feita tanto por D. Violante, quanto pelo crítico que expôs sua obra em *A Semana Ilustrada*, enfatizam o aspecto saudosista da escritora, embora ela tenha se engajado na escrita voltada para causas sociais, como o próprio M. A. expõe, mas não analisa em seu artigo. Narcisa Amália, mesmo no início de sua carreira, demonstra uma postura firme nas opiniões que possui a respeito de como encara a atividade que escolheu. Em 1874, ao escrever a respeito da missão que um poeta deve cumprir, a escritora afirma que os poetas devem se voltar para as causas que afligem a sociedade em que vivem e que devem lutar pois, "O ideal de nosso século é a divindade que roubou a França ao abismo: a Liberdade"[268]. De fato, vê-se que o final da década de 1860 e a década seguinte são momentos em que os poetas românticos começam a incorporar temas com críticas voltadas para a

---

[265] TELLES, Norma. Encantações: Escritoras e Imaginação literária no Brasil. São Paulo: Intermeios, 2012, p. 271.

[266] Narcisa Amália. "Stancias a B.". In:*O Domingo.* Rio de Janeiro, nº 52, 15 de novembro de 1874, p. 96.

[267] *Ibidem*. "Os cabellos de Bertha". In:*O Domingo.* Rio de Janeiro, nº 66, 4 de abril de 1875, p. 48.

[268] Narcisa Amália. Prefácio do livro *Flores do Campo* de Ezequiel Freire. *Apud* BARBOSA, Gisele Oliveira Ayres. "Aspectos sociais e políticos da poesia de Narcisa Amália". In:*ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História* – João Pessoa, 2003, p. 2.
Disponível em: http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S22.274.pdf
Acesso em: 5 dez. 2015.

política e os problemas sociais, como Tobias Barreto[269], ao questionar a existência de líderes políticos fortes, que levem a mudanças significativas no país, recusando-se a aceitar que o Brasil seja conhecido no exterior apenas por ter uma natureza exuberante, e Castro Alves, considerado um dos escritores representativos do período, ao fazer com que sua obra assuma um tom de denúncia às condições a que os escravos eram submetidos, principalmente por se dedicar a expressar com muita nitidez a tortura e cenas de maus tratos a que muitos eram submetidos

> Presa nos elos de uma só cadeia,
> A multidão faminta cambaleia,
> E chora e dança ali!
> (...)
> No entanto o capitão manda a manobra
> E após, fitando o céu que se desdobra
> Tão puro sobre o mar,
> Diz do fumo entre os densos nevoeiros:
> " Vibrai rijo o chicote, marinheiros!
> Fazei-os mais dançar!"[270]

Narcisa, em relação a esse tema, trata também das dores que os escravos sofrem, ressaltando a tristeza de serem arrancados de seus lugares de origem e terem que se separar de seus familiares. Embora seus poemas não tratem dos africanos enquanto resistentes às situações com que se deparavam, enfatizando o caráter de sofredores, as denúncias que a escritora traz em alguns de seus versos apontam para a necessidade de mudanças, mesmo que seus poemas ajam mais fortemente como uma maneira de apelar para o emocional daqueles que se deparam em sua leitura com as tribulações apontadas pela poetisa, como apresentado nos seguintes versos do poema "Vem", publicado também na sua obra *Nebulosas*.

> O pobre escravo num langor benéfico
> Recobra forças para a luta insana,
> Lasso proscrito, todo o horror do exílio
> Mísero! – esquece[271]

Este tema aparece ainda no poema "Miragem", em que a autora, explicita mais uma vez o horror à escravidão, dessa vez concedendo mais movimentação às imagens com que trabalha, apontando o questionamento de quando o escravo será visto de uma condição em

---

[269] BARRETO, Tobias. *Dias e Noites*. Rio de Janeiro; São Paulo: Laemmert, 1903. p. 158-59.

[270] ALVES, Castro. *O Navio Negreiro*, p. 4.
Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000074.pdf
Acesso em: 18/12/2015

[271] Narcisa Amália. *Nebulosas*, p.83-85. *Apud* BARBOSA, Gisele Oliveira Ayres. "Aspectos sociais e políticos da poesia de Narcisa Amália". ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003, p. 3.

que se acha ajoelhado, para o erguer-se de maneira firme. A poetisa expõe também a admiração pela Revolução Francesa ao citar um dos personagens destacados como símbolos de defesa da liberdade.

> Meu Deus, quando há de esta raça,
> Que genuflexa rebrama,
> Erguer-se de pé, ungida,
> Das crenças livres na chama
> Quando há de o tufão bendito
> Trazer, das turbas ao grito,
> O verbo de Mirabeau?[272]

Em outra crítica feita a seu livro, *Nebulosas*, há entusiasmado elogio e destaque para suas poesias voltadas aos problemas sociais, citando os versos acima, de maneira diferente da crítica do autor desconfiado ao abrir seu livro, que expõe apenas o caráter melancólico da poetisa. A autora da crítica, Guiomar Torrezão, escritora portuguesa que se dedicava à contos, romances e crônicas, além de colaborar para a imprensa com resenhas a respeito de obras que se destacavam no ambiente literário,[273] afirma que Narcisa Amália

> Tem a culpa feliz da exuberância; os seus versos são pródigos de imagens, luxuosos e perfumados como a vegetação da sua América, outras vezes arrojados e altivos como os píncaros do Itatiaia. Canta em mélicos gorjeios como o sabiá, seu irmão, entre a bastura esmeraldina do palmar; mas de súbito, suspende-se, bate as asas, e enérgica, varonil, [torna-se] exaltada como Joanna D'Arc, patriota como mad. Rolland[274]

Crítica do regime imperial[275], Narcisa repudia a monarquia e trata o regime enquanto uma forma de enganar a população e tirar o que era necessário ao povo, negando à maioria condições de vida que fossem menos árduas. A questão da desigualdade social surge de maneira bem diferente do que é publicado em *O Domingo*, pela poetisa Maria de Mendonça, visto que Narcisa não faz nenhuma associação ao cristianismo, ou apelo à caridade religiosa, mas trata do que considera uma atuação falha dos líderes, visando a interesses pessoais. Suas afirmações não se dirigem a pontuar problemas, mas destacar os obstáculos para o desenvolvimento da pátria a partir de avaliações da conjuntura política. No dia 25 de março, o

---

[272] TORRESÃO, Guiomar. "Narcisa Amalia". In:*A Republica*. Rio de Janeiro, nº 621, 27 abr. 1873. [Sem página]

[273] OUTEIRINHO, Maria de Fátima. "Guiomar Torrezão ou memória de uma mulher de letras oitocentista". In: *Intercambio,*Universidade do Porto, 1998, p.163-176.
Disponível em: http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/5922.pdf Acesso em 1 fev. 2016.

[274] TORRESÃO, Guiomar. "Narcisa Amalia". In: *A Republica*. Rio de Janeiro, nº 621, 27 abr. 1873. [Sem página].

[275] BARBOSA, Gisele Oliveira Ayres. "Aspectos sociais e políticos da poesia de Narcisa Amália". ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003, p. 5.

jornal *A Republica* publica o poema "25 de Março", de Narcisa Amalia. O título e a data da publicação não são aleatórios, visto que se referem à data da promulgação da Constituição de 1824. Narcisa indica a percepção a respeito das decisões tomadas para melhoria do país enquanto modificações que não representam, de fato, qualquer benefício para a população: "Roubaste ao povo a palma do triunfo, /*Recompuseste a algema ao pé lançada*, /E moldaste no bronze a estátua fria/ Da mentira loquaz!"[276] (grifo nosso). Em tom revolucionário, nos versos lê-se o pedido para que se rasgue a folha (representando a carta constitucional), enquanto forma de negar um registro que afirma a pouca preocupação com a maior parte do povo. Em um momento no qual se lutava pela educação feminina e se questionava até quando as mulheres seriam tratadas de maneira diversa no que concerne aos assuntos que poderiam estudar, Narcisa direciona também o olhar para as leis enquanto ratificadoras de uma opinião pública opressora.

Defensora da liberdade, a poetisa afirma o apreço pela Revolução Francesa e os ideais que esta pregava, chamando a revolução de deusa e destacando o que considera ser um heroísmo do povo francês ao lutar pelos ideais de igualdade, liberdade e fraternidade[277]. Encara a escrita e em particular a imprensa, enquanto uma forma de arma na luta por melhores condições, como acontecera na França. O contínuo registro enquanto denúncia do que considera injustiças na sociedade é uma das maneiras de lentamente levar aqueles que ainda não se convenceram da necessidade de questionar a situação do país, de buscar melhorias[278]. Primeira mulher a se profissionalizar como jornalista no Brasil, Narcisa Amália colabora intensamente para os jornais de Resende e funda em 1884 o periódico quinzenal *Gazetinha*, suplemento do *Tymburitá*, ao qual não tivemos acesso. Sua contribuição na imprensa a auxilia a desenvolver cada vez mais um olhar crítico sobre a política do país, o que se nota em 1889, ao publicar o poema "Condolência", em uma perspectiva relativamente pessimista a respeito da proclamação da República e da Abolição[279], questionando a falta de acesso à educação por grande parte da sociedade: "Como alçar-te na pátria, águia cativa (...)/

[276] Narcisa Amalia. "25 de março". In*: A República*. Rio de Janeiro, nº 306, 25 mar. 1872.

[277] Narcisa Amália. *Nebulosas*. *Apud* BARBOSA, Gisele Oliveira Ayres. "Aspectos sociais e políticos da poesia de Narcisa Amália". *ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História* – João Pessoa, 2003, p. 4.

[278] TELLES, Norma. "Rebeldes, escritoras, abolicionistas". In:*Revista de História*, São Paulo, nº 120, p. 73-83, jan/jul, 1989, p. 80.

[279] *Ibidem*, p. 81.

Em vão suplicas da ciência a esmola/(...)/Abrem-te a detenção, fecham-te a escola!"[280]. Seu poema questiona reformas que aconteçam na base da sociedade e não apenas nas formas de governar, apontando mais uma vez para uma reforma necessária na educação.

Posteriormente Narcisa Amália se mantém isolada da imprensa devido a questionamentos a respeito da autoria de seu trabalho, difamação provavelmente elaborada pelo marido enciumado de suas relações e os constantes elogios que recebia devido a suas publicações[281]. Após o divórcio, a literata se muda para o Rio de Janeiro, onde falece em 1924. A mudança e o isolamento em que se coloca leva a escritora a publicações cada vez mais raras, dedicando-se mais ao trabalho de professora e cessando a publicação literária. A perseguição que sofre em Resende indica a imposição dos bons costumes à mulher e a submissão à vontade final do marido, visto que mesmo ajudando-o em seu trabalho, Narcisa Amália recebe ainda os amigos literatos em casa, como Raimundo Correia e Alfredo Sodré, o que não é bem aceito nem pelo marido nem pelo local em que vive. A tentativa de viver sua carreira não é considerada, nesse caso, compatível com os deveres do lar, e a maneira pela qual vive uma vida de reclusão após sua tentativa de conciliar as atividades enquanto poetisa e jornalista com o casamento e as atividades domésticas falhar, indica o peso sob o qual as mulheres vivem neste período ao optarem por acrescentar em suas experiências a escrita e a exposição de suas opiniões em público. Embora tenha escolhido abdicar da carreira de escritora, sua produção e participação em periódicos demonstram que em meio à delicadeza na escrita a que as mulheres deveriam desenvolver para terem seus textos aprovados pelos homens que as julgavam, era possível se destacar enquanto voz crítica de uma sociedade que tentava lidar com as novas experiências propostas pela participação das mulheres em espaços públicos, por meio do poder da escrita.

O silêncio dos poemas de Narcisa Amália de cunho político-social no jornal *O Domingo*, os quais foram produzidos no mesmo período de sua publicação, reforça o caráter da literatura no periódico utilizada como uma forma de legitimação do jornal enquanto boa leitura, que não perturbaria a ordem estabelecida. Em um período em que a escritora recebe diferentes críticas por seu trabalho, seja elogiando ou desaprovando sua postura política, essa parte de sua produção é, de alguma forma, destacada, enquanto que em *O Domingo*, embora Narcisa seja elogiada, a questão política nem ao menos é citada. De fato, a literatura

[280] BARBOSA. Gisele Oliveira Ayres. "Aspectos sociais e políticos da poesia de Narcisa Amália". *ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História* – João Pessoa, 2003. P. 5.

[281] PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. "Narcisa Amalia". In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 534.

selecionada por D. Violante Atabalipa tem um ritmo que se aproxima e se distancia dos artigos de opinião publicados no jornal. Se aproxima, no sentido de que as lutas propostas por D. Violante são delimitadas ao questionamento das atribuições da mulher na sociedade, referentes ao acesso que a mesma possui à educação, sem aludir a tomadas de atitudes mais radicais, como a abolição da escravidão, por exemplo, ou mesmo ao questionamento do uso de escravos na sociedade. A literatura se distancia ao ocorrer uma seleção de poemas que aponta para um modelo que ameniza uma perspectiva da escritora enquanto questionadora social, quando justamente o que D. Violante faz é indagar veementemente a condição da mulher no que concerne à educação. Nesse sentido ressaltamos até que ponto a redatora e as colaboradoras de seu periódico estavam envolvidas com as questões políticas e sociais, e ainda, que tipo de "liberdade" possuíam para publicar críticas relevantes às políticas vigentes no momento, visto que se almejava a continuidade da publicação. Dois problemas se destacam nesta situação, pois a questão da venda era importante e assuntos políticos não eram considerados necessariamente o forte interesse do público feminino, posto o desconhecimento a que eram relegadas. O segundo se refere à não aceitação do público masculino, posto que as mulheres atuando enquanto escritoras era considerado com estranheza e questionamentos. O atrevimento em tratar de assuntos que socialmente não lhe eram permitidos, seria um passo direcionado à pouca divulgação em outros periódicos e provavelmente à crítica negativa, resultando em uma vida curta à publicação, como ocorre com tantas outras. A decisão de D. Violante em fazer com que seu periódico tenha continuidade resulta em uma seleção pautada no que a sociedade aceitaria ler. A ênfase que a redatora concede aos questionamentos da educação indica o fato de que este assunto era mais aceito entre a sociedade, o que não desmerece o trabalho de D. Violante enquanto indagações necessárias, pois se a aceitação destas era maior, as atitudes para mudanças efetivas na inserção da mulher em uma educação mais ampla, com acesso às diferentes disciplinas propostas para o sexo masculino que consequentemente abririam portas a uma maior participação no espaço público, ainda tinham um longo caminho a percorrer.

CONCLUSÃO

A imprensa feminina no Rio de Janeiro é configurada a partir de dois elementos fundamentais: a apresentação dos impressos femininos enquanto um manual de comportamento para a leitora ea proposta de reivindicaro direito a uma educação similar à que era oferecida aos homens.A ênfase nesses dois elementos indica um movimento de equilíbrio na maneira como aos poucos se configura uma nova representação da mulher: leitora, escritora e alguém que vai a público afirmar suas opiniões. Esta nova concepção desenvolve-se mediante uma complexidade de fatores que resultam na mescla de uma percepção na qual a mulher é um ser delicado, orientado pela emoção e ao mesmo tempo é capaz de dominar os sentimentos e aperfeiçoar o conhecimento intelectual para melhor proveito no fortalecimento da família e na formação de cidadãos para o país.

A crítica e oposição que se apresentam em alguns casos, sobretudo em meados do século, quando há a primeira publicação com esse viés, é causada principalmente pelo ineditismo da circunstância. Uma das estratégias utilizadas para a aceitação desta atividade envolve a publicação de uma série de textos que visamconvencer o público leitor, especialmente os homens, de que o fato de as mulheres se dedicarem a tarefas que não tratem de algum serviço à família, não indica uma abdicação desta responsabilidade, mas um acréscimo às funções que já exercem. Esta se torna sua moeda de troca: não renegar uma missão que lhes é ensinada ser divinamente concedida, como a maternidade, enquanto os homens abrem espaço para sua participação em um local predominantemente masculino. O contínuo direcionamento dos textos para os homens com esse objetivo, demonstra a dificuldade social de lidar com a busca feminina por outras posições além das que lhe eram propostas enquanto filha, esposa e mãe.

Embora haja elementos basilares para o desenvolvimento das publicações femininas, há de se ressaltar as diferenças que cada editora infunde em seu periódico. As percepções a respeito de educação e maneira que as mulheres deveriam ter para se comportar em sociedade são expostas de forma singular pelas que se colocam à frente de um jornal. Seus pontos de vista podem ser analisados pelos artigos de opinião que expõem a cada primeira página da edição, mas também, com uma análise mais minuciosa, por meio da seleção realizada para sua publicação. É a partir desses recortes que a editora constrói a cada semana o caminho que considera o mais adequado de acordo com sua visão de mundo. A formulação não ocorre de maneira coerente e com opiniões que se ajustam perfeitamente a um ideal declarado, mas tem

repetições e maneiras de expor temas que acabam por caracterizar a publicação com determinado atributo.

No caso do jornal *O Domingo*, o destaque para a religiosidade católica, concede a esta publicação um apelo moral mais intenso do que em outros periódicos que haviam sido publicados até o momento. Podemos afirmar que em relação aos anteriores, o aspecto de manual para as mulheres prevaleceu mais do que nos anteriores, visto que ao não apresentar nem mesmo a seção de modas, o que era característico de outras publicações, a editora evitou de toda forma a associação da mulher com o luxo excessivo e com o que seriam possíveis distrações. O carro chefe de *O Domingo* torna-se a literatura, que, com o conservadorismo de D. Violante, leva a uma seleção que retrata uma imagem da mulher elevada ao divino. Assim, a escrita literária exerce também sua função dentro do periódico, atrelada aos dois elementos que destacamos – questionamento da educação e manual de comportamento – ao abrir espaço para que as mulheres se expressem e comprovem a capacidade intelectual que possuem ao mesmo tempo em que discorrem apenas sobre assuntos considerados adequados de serem tratados pelo sexo feminino. O cuidado que D. Violante tem em não selecionar os temas políticos da poesia de Narcisa Amália, por exemplo, é mais um indicativo da forma pela qual concebe a representação feminina: uma mulher sensível não deveria escrever a respeito de política nem se exaltar com este tema.

No decorrer da pesquisa, atentos aos conceitos de *habitus*e sistema de símbolos[282] empregados por Pierre Bourdieu, identificamos três bases que atuam em conjunto para a tentativa da conformação de uma mulher ideal que atenda tanto aos interesses dos homens que se opõem às ideias de "emancipação moral da mulher" quanto as mulheres que defendem estes princípios: 1) A religião enquanto elemento de continuidade para a representação da mulher como mãe e esposa, com apelo para a ideia de uma missão divina que ela deveria cumprir, conforme relembramos acima, com a atuação de D. Violante Atabalipa; 2) A importação de produtos/comportamento franceses, que indicam brechas na maneira reclusa de considerar as mulheres não apenas no Rio de Janeiro, mas no restante do país. A moda francesa, por exemplo, auxilia na tentativa da mulher de se individualizar e se reconhecer visualmente para além das relações familiares. A questão da moda e da beleza engloba um mostrar-se que, neste período, envolve intensamente o debate a respeito da personalidade. Por

[282] BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.

meio de uma psicologização[283] das roupas, a mulher pode, mesmo que momentaneamente, apresentar-se como alguém diferente do que habitualmente se mostra, sobretudo nas reuniões realizadas na própria casa ou na casa de conhecidos; 3) A literatura enquanto elemento de continuidade e de ruptura na representação da mulher. A princípio, a leitura temática que fizemos das obras que se apresentavam nos periódicos femininos visava a forma como as personagens eram expostas nas publicações. A mulher enquanto leitora se mantém exposta a um modo de representação feminina muito trabalhada nos romances, com a figura do casamento baseado no amor. Este tipo de casamento se torna o ideal para toda jovem que deseja se sentir realizada. Para alcançar este objetivo, é necessária uma série de preparações que envolvem o seu comportamento e o conhecimento básico para desempenhar as funções como futura esposa. Neste sentido, as heroínas das narrativas são mostradas como verdadeiras guardiãs da virtude e de uma busca de sabedoria a ser aplicada na vida de casada que reforçam as características da mulher submissa. Desta forma, a literatura apresenta durante todo o século XIX exemplos que são reforçados continuamente nos jornais femininos, seja na prosa ou na poesia. Devido a esta constatação inicial, a tendência para considerarmos a literatura muito mais como elemento de continuidade desses valores esteve presente ao longo da pesquisa, principalmente porque os princípios contidos nas narrativas dos periódicos, reforçam o caráter de manual de comportamento feminino, com as ideias

Entretanto, a literatura enquanto um elemento de ruptura da docilidade feminina, é também indicada pela própria ideia do casamento pautado no amor. A partir do momento em que ocorre a possibilidade da união acontecer não apenas enquanto um negócio de família, há indicação de maior liberdade da atuação feminina na possibilidade de afirmar a vontade a respeito de alguém[284]. Juntamente a isto, a literatura dos periódicos femininos não foi apenas feita para mulheres, mas por mulheres. Embora a maior parte de contos e romances seja de uma produção realizada por homens, as poesias e pensamentos que são expostos em diferentes periódicos, são um fator fundamental na afirmação da presença feminina no espaço público, não apenas como leitora, mas como escritora, indicando a complexidade da participação das mulheres no espaço público, que reside em um contínuo jogo de concessões e reivindicações para seu fortalecimento neste local e o convencimento não apenas dos homens, mas das próprias mulheres, de que elas podem ocupar este espaço.

---

[283] LIPOVETSKY. Giles. *O império do efêmero*: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

[284] WATT, Ian. "O amor e o romance: Pamela". **In:** *A ascensão do romance*: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Tabela de narrativas em prosa publicadas em O Domingo			
1. Título	**2. Publicação/Autor**	**3. Tipo: Conto, Romance, Reflexão, Folhetim**	**4. Tema**
1. "Francesca"	Nº1 (23/11/1873) ao nº5, (21/12/1873). Stéphen de la Madeleine	Romance	Uma jovem passa a cantar na rua, para auxiliar sua mãe enferma. Há destaque para o cuidado com os perigos de se expor em público.
2. "A um ramilhete seco"	Nº6 (28/12/1873) Pierre Couer	Reflexão	Compara situações da vida dos homens às características de flores.
3. "O jovem doutor"	Nº 7 (4/1/1874) Sem assinatura.	Reflexão	Situações difíceis vividas por um médico ao ter que lidar com a vida e a morte.
4. "Conto algeriano – saudades dos meus vinte anos"	Nº7 (4/1/1874) e nº 8 (11/1/1874) Pierre Couer	Conto	Rapaz que se interessa por sua vizinha, jovem e viúva, mas que não o corresponde como ele espera.

5. “O amor-perfeito”	Nº 8 (11/1/1874) Sem Assinatura	Reflexão	Desilusão por um amor perdido por causa da morte da amada.
6. “Antes que cazes olha o que fazes”	Nº 9 (18/1/1874) Sem assinatura	Conto	Rapaz rico se disfarça para encontrar uma pretendente.
7. “O gyrasol, a ortiga e a sensitiva”	Nº 9 (18/1/1874) Sem assinatura	Reflexão	Atribui determinadas características humanas às flores.
8. O casamento	Nº 10 (25/1/1874) ao Nº 11 (1/2/1874) F. C. Marques	Conto	Um marinheiro vai pedir licença ao seu comandante porque deseja casar-se. Um poeta ouve a situação e tenta dissuadi-lo do que seria um mau negócio, devido a algumas características das mulheres.
9. “Clotilde”	Nº 11(1/2/1874) ao Nº 13, 15/2/1874 L. de B.	Conto	Romance de um casal que se conhece em um baile.
10. “O vaso de flores”	Nº 14 (22/2/2014) ao nº 19 (29/3/1874) Augusto Luchet	Romance	Injustiça social na França, em 1830. Um pintor se apaixona e pretende se casar com uma jovem de família rica, mas é preso injustamente.
11. “A Oração de São Nicolau”	Nº 20 (5/4/1874) ao nº22 (19/4/1874) Sem assinatura	Conto	Uma jovem pobre, que se casaria para salvar os irmãos,

			desperta o interesse de um rapaz, que decide ajudar.
12. “As ondinas”	Nº 22 (19/4/1874) Lellis Teixeira	Conto	Relações familiares
13. “História de um cão”	Nº 23 (26/4/1874) a Nº 24 (3/5/1874) Ramalho Ortigão	Conto	Cão salva a vida de um bebê colocado na roda dos expostos.
14. “A Esperança”	Nº 23 (26/4/1874) Sem assinatura	Reflexão	Cita a dor de uma mãe que perde o único filho para enfatizar a necessidade de ter esperança em momentos difíceis.
15. “O doente e o médico”	Nº 24 (3/5/1874) Dr. Lopez de La Vega	Reflexão	Critica a ingratidão de muitos com o árduo trabalho do médico
16. “Murmurios d’alma”	Nº 24 (3/5/1874) Sem assinatura	Reflexão	Mulher apresentada enquanto ser que age de maneira contrária ao que deseja.
17. “O castelo encantado” (lenda espanhola)	Nº 25 (10/5/1874) ao nº 26 (17/5/1874) Sem assinatura	Conto	Casal apaixonado é separado na juventude e se encontra anos depois.
18. “Iris”	Nº 25 (10/5/1874) Sem assinatura	Reflexão	Destaca a valorização que se dá aos olhos enquanto elemento de

			beleza
19. “Conto a esmo”	Nº 27 (24/5/1874) Olympio Catão	Conto	Homem sonha que está em um baile e que encontra uma mulher que passa a amar. Desperta e vê vestígios do sonho no quarto.
20. “Mari Santa” – lenda	Nº 28 (31/5/1874) ao nº 29 (7/6/1874) Sem assinatura	Conto	Cristã muito devota que dedica a vida a servir o próximo.
21. “A mulher” (folhas soltas)	Nº 29 (7/6/1874) Sem assinatura	Reflexão	Mulher descrita como mistério, tem dupla personalidade, descrita como gelo e fogo.
22. “O Corsário”	Dos números disponíveis, nº 34 (12/6/1874), 40, 41, 46, 47 De Lord Byron, traduzido por Alice de Sá Rego	Conto	*publicação fragmentada, definição não pode ser detalhada. Aventura.
23. “Um dia de entrudo em Milão”	Nº 50 (1/11/1874) ao nº 53 (22/11/1874) Sem assinatura	Folhetim	Uma princesa pede a uma cantora que troquem de lugar por uma noite, para que a princesa possa fazer uma apresentação em seu lugar.
24. “A virgem de Vandick”	Nº 51 (8/11/1874) ao nº 53 (22/11/1874) Sem assinatura. (No *Jornal da Tarde*, nº 7, há assinatura de Hermancia Lescuillon.	Conto	Van Dick precisa de uma jovem que o inspire a desenhar a Virgem. Associação da mulher ideal com a pureza
25. “Palavras que	Nº 54 (29/11/1874)	Reflexão	Mulher que

ouvi a um venerando cego”	Mme. de Stael		decide se casar com um cego e se dedicar a ele. Ideal da mulher abnegada.
26. “O monstro verde” Folhetim do Domingo	Nº 54 (29/11/1874) a Nº 55 Gerárd de Nerval	Conto	Lenda do diabo Vauvert, que residiria em Paris e Tratando de uma de suas peripécias.
27. O Braz Tisana	Nº 56 (17/01/1875) Não teve continuação. Sem assinatura	Folhetim	Sarcasmo nas cartas de Braz Tizana
28. A Peccadora	Nº 56 (17/01/1875) a 57 (24/01/1875) Mello Moraes Filho	Conto	Redenção de um anjo (Maria) que havia desejado morar com os humanos e perdido sua virtude. A imagem da Virgem Maria aparece como sua redentora.
29. O par de brincos	Nº 58 (31/01/ 1875) a 59 (7/2/1875) J. Augusto da Silva	Conto	Padre que se recusa a visitar uma doente até haver alguém que lhe pague a visita. Ele exige da família um par de brincos valiosos.
30. A tarde	Nº 60 (21/2/1875) Candilia	Reflexão	Descrição poética desse momento do dia e valorização da natureza.
31. A felicidade da mulher	Nº 61 (28/2/1875) Mme. Belmont	Reflexão	Felicidade da mulher associada ao marido.
32. A pobrezinha das crianças	Nº 62 (não disponível) a 63 (14/3/1875) D. Virginia	Folhetim	Jovem viúva cuja filha havia sido entregue a uma Casa de Misericórdia,

			reencontra-a anos depois.
33. Dedicação e coragem	Nº 64 (21/3/1875) Dos números a que tivemos acesso, há continuação apenas no 70. Sem assinatura	Folhetim	Referência à expansão francesa no período de Napoleão.
34. A Roseira	Nº 66 (4/4/1875) Paulo de Kock. Tradução: Brandão Pinheiro	Conto	Amizade entre uma jovem e uma idosa, vizinhas. Valorização da caridade.
35. Esmeralda	Nº 70 (2/5/1875) J. Nepomuceno	Conto	Jovem relata amor que sente por uma jovem. Destaque para a beleza delicada.
36. Ella e Elle	Nº 71 (9/5/1875) X.	Conto	Divagações a partir dos pronomes, a respeito de homens e mulheres.
37. O crepúsculo da tarde	Nº 71 (9/5/1875) Sem assinatura	Folhetim	Descrição do crepúsculo. Valorização da natureza.

Tabela de poemas publicados em O Domingo		
1. Título	**2. Publicação/Autor**	**3. Tema**
1. “A cor dos olhos”	Nº1 (23/11/1873) João d’Aboim	Elogio à beleza física
2. “Um pedido”	Nº1 (23/11/1873) A. A. J. S.	Crítica à roupa feminina
3. “Negro Destino”	Nº 10 (25/1/1874) Alvarenga Netto	Sofrimento causado pela morte
4. “A seta e a canção”	Nº 10 (21/1/1874) L. L. Brasileiro	Valorização da amizade
5. Sem título	Nº 11 (1/2/1874) Sem assinatura	Amor não-correspondido
6.“O beijo”	Nº 11 (1/2/1874) Visconde da Pedra Branca	Desejo
7.“A vida”	Nº 13 (15/2/1874) Olympio Julio de Oliveira Mourão	Reflexão
8. “A tarde”	Nº 14 (22/2/1874) Sem assinatura	Valorização da natureza
9. “Nhosinho”	**Nº 15 (1/3/1874)** **Honorata M. Carneiro de Mendonça**	**Mulher encontra um cão e cuida dele.**
10. O mendigo	**Nº 16 (8/3/1874)** **Maria Leonilda Carneiro de Mendonça**	**Caridade**
11. “Não leiam”	**Nº 17 (15/3/1874)** **D. Honorata M. Carneiro de Mendonça**	**Trata do escrever poético**
12. “A ti”	Nº 19 (29/3/1874) Gaspar C. F. de Souza	Declaração de amor destacando a beleza da amada.
13. “O pobre”	Nº 21 (12/4/1874) Sem assinatura	Pobre que pede ajuda, porém não recebe nada.
14.	**Nº 21 (12/4/1874)**	**Satiriza a refeição de Natal**

“Epigrama”	**Honorata M. Carneiro de Mendonça**	
15.“Só penso em ti!”	Nº 22 (19/4/1874) E. Pessoa	Amor e valorização da natureza
16.“Não creias não!”	**Nº 22 (19/4/1874)** **Maria Leonilda Carneiro de Mendonça**	**Amor e valorização da natureza**
17.“Romance em quatro idiomas”	Nº 23 (26/4/1874) Joaquim Pablo Posada	Elogio à beleza física. Os versos estão escritos em inglês, espanhol, francês e italiano.
18. “A Mulher”	**Nº 23 (26/4/1874)** **Maria Leonilda C. de Mendonça**	**Características da mulher: sensível e delicada como uma flor**
19. “A flor”	**Nº 24 (3/5/1874)** **Maria Leonilda C. de Mendonça**	**Reflexão sobre a vida.**
20. “A goiana – ou saudades de minha terra”	**Nº 25 (10/5/1874)** **Honorata Minelvina C. de Mendonça**	**Valorização da natureza**
21. “Ciúme”	Nº 25 (10/5/1874) Sem assinatura	Ciúme da amada que dança no salão
22. Sem título	Nº 26 (10/5/1874) Sem assinatura	Características da mulher “sem brio”
23.“Sonhava comigo”	**Nº 26 (17/5/1874)** **D. Honorata Minelvina C. de Mendonça**	**Relações familiares**
24. “Pobre flor”	**Nº 27 (24/5/1874)** **Maria Leonilda**	**Reflexão sobre a vida**
25. “Epidemia excêntrica”	**Nº 27 (24/5/1874)** **Honorata Minelvina**	**Situação onde cortesã e fidalga sentam juntas. Desdém que esta sente.**
26. “Garatujas”	Nº 28 (31/5/1874) Pulvis	Descrição de uma sala de estudo.

27. “A vizinha”	Nº 29 (7/6/1874) A. De V	Amor não correspondido
28.“N’um álbum”	Nº 29 (7/6/1874) João d’Aboim	Declaração de amor.
29.“A brisa”	**Nº 29 (7/6/1874)** **D. Maria Leonilda**	**Valorização da natureza**
30.“Menina e moça”	Nº 30 (14/6/1874) Ezequiel Freire Resende	Reflexões sobre a vida.
31. Sem título	**Nº 31 (21/6/1874)** **D. Brigida de Lossio**	**Reflexões sobre a vida.**
32. “Ilusão”	Nº 31 (21/6/1874) Sem assinatura	Amor não correspondido
33. “A existência de Deus”	nº 34 (12/6/1874) Antonio Osório	Declaração de amor
34. “Fábula - o menino e a vela”	nº 34 (12/6/1874) Dr. Anastacio do Bomsucesso	Reflexões sobre a vida
35. “Se eu morresse sorrindo”	**nº 34 (12/6/1874)** **Lellis Teixeira**	**Reflexões sobre a morte.**
36. “A esmola do pobre”	Nº 40 (23/8/1874) Julio Diniz	Caridade
37. “Um amor sem esperança”	Nº 41 (30/8/1874) C.R. Maciel	Amor não correspondido
38. “Apologo”	**Nº 41 (30/8/1874)** **Marqueza D’Alorna**	**Diálogo entre pena e tinteiro. Lição de moral na qual se apresenta que todos precisam de alguém.**
39. “Amor de criança”	Nº 45 (27/9/1874) Lucio de Mendonça	Declaração de amor
40. “Carmes”	**Nº 46 (4/10/1874)** **Lellis Teixeira**	**Elogio à voz da mulher, comparando com a voz das aves**
41. “O despertar da virgem”	Nº46 (4/10/1874) J. R. S. Mello Junior	Donzela que dorme, comparada a uma ninfa. Elementos da natureza
42. “Recitativo”	Nº 47 (11/10/1874) Olympio Catão	Crítica à sociedade que valoriza o homem de acordo com sua condição financeira.
43.	Nº 48 (18/10/1874)	Amor não correspondido

"Descrença"	J. R. S. Mello Junior	
44. "Um capricho"	Nº 49 (25/10/1874) Sem assinatura	Características de uma "mulher boa" e uma "mulher má": virtude e pecado respectivamente
45. "A borboleta"	Nº 49 (25/10/1874) Sem assinatura	Valorização da natureza
46. Epigrama	Nº 50 (1/11/1874) Sem assinatura	Pessoa avarenta
47. "Vi-te passar"	**Nº 51 (8/11/1874)** **D. Julia da Costa**	**Amor não correspondido**
48. "Tomem sentido"	**Nº 51 (8/11/1874)** **Mme. de Lasuze**	**Amor não correspondido**
49. "A jarra de flores"	Nº 51 (8/11/1874) Sem assinatura	Valorização da natureza
50. "A fitinha verde"	Nº 52 (15/11/1874) Sem assinatura	Amor não correspondido.
51. "Instâncias à B..."	**Nº 52 (15/11/1874)** **Narcisa Amália**	**Relações familiares**
52. "Palavras às vagas..."	Nº 53 (22/11/1874) Niml	Amor não correspondido
53. "Harmonias"	Nº 55 (10/1/1875) S. Lavra	Religioso
54. "Cabelos"	Nº 55 (10/1/1875) S. V.	Amor não correspondido
55. "Luz"	Nº 56 (17/1/1875) S. Lavra	Homenagem à D. Violante
56. "Saudades tuas"	Nº 57 (24/1/1875) Agnello	Declaração à amada
57. "O Dom da palavra"	**Nº 57 (24/1/1875)** **D. Amelia Carolina de Oliveira**	**Crítica à sociedade**
58. "À tarde"	**Nº 58 (31/1/1875)** **D. Maria Leonilda**	**Valorização da natureza**
59. "A camélia e a rosa"	Nº 58 (31/1/1875) F. G. Braga	Valorização da natureza
60. "As estrelas"	Nº 59 (7/2/1875) A. Lima	Amor
61. "Rosa ou estrela"	Nº 59 (7/2/1875) Sem assinatura	Declaração de amor

62. “A folha seca”	Nº 59 (7/2/1875) Sem assinatura	Amor não correspondido
63. “Um suspiro à Izabellinha”	Nº 60 (14/2/1875) João Silvestre	Desejo
64. “Fragmentos da elegias de um doudo”	Nº 60 (14/2/1875) M. Duarte de Almeida	Declaração de amor
65. “A flor agreste”	Nº 61 (21/2/1875) Joaquim Roza	Elogio à pureza em contraste ao mundanismo dos salões
66. “A aurora”	**Nº 61 (21/2/1875) D. Anna de Menezes**	**Valorização da natureza**
67. “Canta”	Nº 63 (14/3/1875) Agnello	Declaração à amada
68. Sem título	**Nº 64 (21/3/1875) D. Anna Mallet**	**Elogio a Pedro Luiz Pereira de Souza**
69. “À Narciza Amalia”	Nº 64 (21/3/1875) Altino de Araújo	Elogio à Narcisa Amália
70. “Os cabelos de Bertha”	**Nº 66 (4/4/1875) Narcisa Amália**	**Valorização da beleza física feminina**
71. “A esperança perdida”	Nº 71 (9/5/1875) Noya Junior	Amor não correspondido

REFERÊNCIAS

Fontes primárias

Livros

ALENCAR, José Martiniano de. *A Pata da gazela*. 15ª edição. São Paulo: Ática, 1998, p. 1. Disponível em: http://www3.universia.com.br/conteudo/livros/A_pata_da_gazela.pdf Acesso em: 5 de dezembro de 2015

MACEDO, Joaquim Manoel de. *Memórias da Rua do Ouvidor.* Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

Narcisa Amália. *Nebulosas*. *Apud* MASSA, Jean-Michel. "Outros textos encontrados de Machado de Assis". Traduzido por Lúcia Granja. **In:** *Machado de Assis em linha*, Rio de Janeiro, v. 6, p. 96-116, dezembro de 2013, p. 112-113.
Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/mael/v6n12/a08v6n12.pdf
17 de dezembro de 2015

SILVA, Antonio de Moraes. Dicionario da Lingua Portugueza. 8ª Edição. Rio de Janeiro: Empreza Litteraria Fluminense Vol. 1 A-E., 1890

Pareceres e Requerimentos - Conservatório Dramático Brasileiro

ASSIS, Machado de. Parecer. Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/pareceres.pdf Acesso em: 3 de dezembro de 2015.

REGISTROS de exame censório da ópera em quatro atos *O bravo de Veneza*, para encenação no Teatro Provisório. Rio de Janeiro, 1853. 2 p. Original. Manuscrito. Número inscrito pelo Conservatório: 23. Contêm: requerimento de exame remetido por Joaquim Bernardo Leal; parecer de Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. I-08,23,067.

REGISTROS de exame censório da ária *O caixeiro atropelado*. Rio de Janeiro, 1852. 1 p. Original. Manuscrito. Número inscrito pelo Conservatório: 72. Contêm: requerimento de exame remetido por José de Souza Pereira da Cruz Júnior, autor da peça, a Diogo Soares da Silva de Bivar; parecer de Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco

REGISTROS de exame censório da peça *Os rapazes d'agora ou As manias do século*. Rio de Janeiro, 1853. 3 doc. (5 p.). Original. Manuscrito e impresso. Número inscrito pelo Conservatório: 76. Contêm: designação de Luiz Fortunato de Brito Abreu Souza e Menezes e Luiz Honório Vieira Souto passada por José Rufino Rodrigues de Vasconcelos; requerimento de exame remetido por Joana Paula [Manso] de Noronha; parecer; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. I-08,10,034

REGISTROS de exame censório das peças Mlle. Dangeville, La femme aux oeufs d'or, Par les femmes e Etre aimée ou mourir. Rio de Janeiro, 1854. 5 doc. (9 p.). Original. Manuscrito e impresso. Números inscritos pelo Conservatório: 85 a 89. Contêm: designação de Boaventura Delfim Pinto e Luiz Garcia Soares de Bivar passada por José Rufino Rodrigues de

Vasconcelos; requerimento de exame remetido por Clotilde Favrichon; parecer; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. I-08,11,014 (3 ocorrências no Jornal das Senhoras. Era uma cantora)

REGISTROS de exame censório das peças Ce que femme veut, Deux gouttes d'eau, La perdrix rouge e Qui se dispute s'adore. Rio de Janeiro, 1854. 6 doc. (11 p.). Original. Manuscrito e impresso. Números inscritos pelo Conservatório: 101 a 105. Contêm: designação de Luiz Garcia Soares de Bivar passada por José Rufino Rodrigues de Vasconcelos; requerimento de exame remetido por [Clotilde] Favrichon; parecer; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. I-08,11,022

REGISTROS de exame censório da peça L'amour et l'argent. Rio de Janeiro, 1854. 2 doc. (3 p.). Original. Manuscrito e impresso. Número inscrito pelo Conservatório: 128. Contêm: designação de Boaventura Delfim Pinto passada por José Rufino Rodrigues 140 Os Exames Censórios do Conservatório Dramático Brasileiro - Inventário Analítico de Vasconcelos; requerimento de exame remetido por [Clotilde] Favrichon, diretora da Companhia Favrichon; parecer; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. I-08,11,025

REGISTROS de exame censório da peça L'amour et l'argent. Rio de Janeiro, 1854. 2 doc. (3 p.). Original. Manuscrito e impresso. Número inscrito pelo Conservatório: 128. Contêm: designação de Boaventura Delfim Pinto passada por José Rufino Rodrigues 140 Os Exames Censórios do Conservatório Dramático Brasileiro - Inventário Analítico de Vasconcelos; requerimento de exame remetido por [Clotilde] Favrichon, diretora da Companhia Favrichon; parecer; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. I-08,11,025

REGISTROS de exame censório das peças Une scandale, Madame Grégoire, L'enfant gâté, A la campagne, Les suites d'un premier lit e Mlle. Lange. Rio de Janeiro, 1854. 9 doc. (2 p.). Original. Manuscrito e impresso. Números inscritos pelo Conservatório: 204 a 212. Contêm: designação de José Albano Cordeiro, Luiz Garcia Soares de Bivar e Boaventura Delfim Pinto passada por Francisco Correia da Conceição; requerimento de exame remetido por Anna Girard; parecer; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. Anexo: despacho de Luiz Garcia Soares de Bivar. I-08,11,043

REGISTROS de exame censório da peça Poète et savetier. Rio de Janeiro, 1854. 2 doc. (2 p.). Original. Manuscrito e impresso. Número inscrito pelo Conservatório: 235. Contêm: designação de Luiz Garcia Soares de Bivar passada por Francisco Correia da Conceição; requerimento de exame remetido por Anna Girard, representante de uma companhia francesa; parecer; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. I-08,11,049

REGISTROS de exame censório da comédia La maîtresse de langues, para encenação no Teatro São Francisco. Rio de Janeiro, [1854]. 1 p. Original. Manuscrito. Número inscrito pelo Conservatório: 230. Contêm: requerimento de exame remetido por [Anna Girard]; despacho de Diogo Soares da Silva de Bivar. I-08,23,101

REGISTROS de exame censório do vaudeville Mam'zelle Rose. Rio de Janeiro, 1859. 2 doc. (3 p.). Original. Manuscrito e impresso. Número inscrito pelo Conservatório: 256. Contêm: designação; requerimento de exame remetido por [Pauline Lyon]; parecer de João [José] do Rosário. I-08,16,118

VELLASCO, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar. *Requerimentos a Diogo Soares da Silva de Bivar, solicitando exame censório para a tradução da peça*: O xale de caxemira verde, de

Alexandre Duma e Eugênio Nus. Rio de Janeiro, 17/11/1857. 3 docs (4 p.) Os documentos no Conservatório receberam o nº 343. Or. Ms. Imp. Coleção Conservatório Dramático Brasileiro. I – 08,14,062: p. 1.

Periódicos

A mulher do Simplício ou A Fluminense exaltada. Rio de Janeiro (1832 – 1846)

A República, Rio de Janeiro, 25.03.1872

A Violeta Fluminense – Folha crítica e litteraria dedicada ao bello sexo. Rio de Janeiro (1857-1858)

Bello Sexo – Periodico Religioso, de Instrucção e Recreio, Noticioso e Critico moderado. (1962)

Novo Correio de Modas– Novellas, poesias, viagens, recordações historicas, anecdotas e charadas, Rio de Janeiro, (1852-1854)

O Domingo – Jornal Litterario e Recreativo. Rio de Janeiro (1873-1874)

O Espelho Diamantino. Rio de Janeiro (1827)

O Jornal das senhoras – Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica**.** Rio de Janeiro. (1852-1855)

Fontes secundárias

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. "Vida privada e ordem privada no Império". In:ALENCASTRO, Luiz Felipe de; NOVAIS, Fernando A (orgs.). *História da vida privada no Brasil (vol. 2)* – Império: a Corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa. Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

BERÇOT, Fernando Santos. "O Espelho Diamantino e os exemplos de virtude feminina no Rio de Janeiro do Primeiro Reinado (1827-1828)" In:ANAIS DO XV ENCONTRO REGIONALDE HISTÓRIA DA ANPUH RIO, 2012, p. 1-21. Acesso em 10 abr. 2015: <http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338382423_ARQUIVO_FernandoBercot-textocompleto.pdf>

BOURDIEU, Pierre; de DINTERMICELI, Sergio (org.). *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.

BROTTO, Renata Batista. "Representações e modelos femininos nos periódicos religiosos *A Cruz* (1861-64) e *O Apóstolo* (1866-1874)". Comunicação em Modernidade, Instituições e

Historiografia Religiosa no Brasil, p. 10-32. Disponível em: <http://www.ichs.ufop.br/ner/images/stories/Renata_Batista_Brotto.pdf 1/2/2016> Acesso em: 1 fev. 2016.

CAPPELLIN, Paola. "Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira". In:PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 640-668.

CALDEIRA, Claudia Adriana Alves. *Francisco de Paula Brito:* política e imprensa. In: *Revista Maracanan*. Rio de Janeiro, dezembro de 2012, p. 113-127. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/12776/9896> Acesso em 11 jan. 2016.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira* – Momentos Decisivos: 1750-1880. 10ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem* – Elite política imperial. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1981.

CHARTIER, Roger. "Textos, impressos, leituras". In: "*História Cultural: entre práticas e representações*. Traduzido por Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988, p. 121-139.

CHOCIAY, Lucianne. "MODA E LITERATURA: a 'poética do vestuário' em Macedo e Alencar". Dissertação (Mestrado em Letras), 250 fls. São José do Rio Preto: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2013. Disponível em: <http://base.repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127544/000846846.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 28 out. 2015.

COSTA, Emilia Viotti da. *Da Monarquia à República* – Momentos Decisivos. 6ª ed. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

CRUZ, Maria Cecília Velasco e. "O porto do Rio de Janeiro no século XIX: uma realidade de muitas faces". In:*RevistaTempo*. Agosto de 1999, p. 1-18.
Disponível em<http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg8-7.pdf>Acesso em: 15 de dezembro de 2016.

DAUPHIN, Cécile; FARGE, Arlette; FRAISSE, Geneviève; et al. "A História das Mulheres. Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia" Traduzido por SOIHET, Rachel; SOARES, Rosana M. Alves; COSTA, Suely Gomes. *Revista Gênero*, Niterói, v. 2, nº 1, 2º sem., 2001, p. 7-30.
Disponível em:
<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/282/198>Acesso em: 2 jan. 2016.

DAVIS, Natalie Zemon. "Women's History in transition: the european case". In:*Feminist Studies*. Vol. 3, 1976, p. 83-103. Disponível em: <https://tajakramberger.files.wordpress.com/2013/11/zemon-davis-womens-history-in-transition.pdf>Acesso em: 2 jan. 2016.

D'INCAO, Maria Ângela. "Mulher e família burguesa". In: PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil* São Paulo: Contexto, 1997, p. 223-239.

DONEGÁ, Ana Laura. "A revista *Novo Correio de Modas* (1852-1854): Moda e literatura francesa com toque tropical". In:*Revista RITA* – Revista Interdisciplinar de Trabalhos sobre as Américas. Nº 7, 26 jun. 2014. Disponível em:<http://www.revue-rita.com/traitsdunion7/a-revista-novo-correio-de-modas-1852-1854-moda-e-literatura-francesa-com-toque-tropical.html>Acesso em: 5 jan. 2016. Não paginado

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

FALCI, Miridan Knox. "Mulheres do sertão nordestino". In:PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 241-277.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. "Comércio de livros: livreiros, livrarias e impressos" In:*Revista Escritos* – Casa de Fundação Rui Barbosa, ano 5, nº 5, 2011, p. 41-52. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/escritos/numero05/FCRB_Escritos_5_3_Tania_Bessone.pdf> Acesso em: 30 jan. 2016.

FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. "Apontamentos para o Estudo da linguagem republicana na conformação de identidades políticas na Imprensa regenial fluminense". In:NEVES, Lucia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da Cruz (orgs.) *História e Imprensa: representações culturais e práticas de poder.* Rio de Janeiro*:* DP&A, 2006.

GAY, Peter. *A experiência burguesa: da Rainha Vitória a Freud – A educação dos sentidos*. Tradução Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GOMES, Roberto. "Julia Maria da Costa". In:*Helena*. Nº 5, março de 2014. p. 16-23. Disponível em:<http://issuu.com/revistahelena/docs/helena_5_issu> Acesso em 22 dez. 2015.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HAHNER, June E. *A Mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937*. Tradução de Maria Theresa de Almeida; Heitor Ferreira da Costa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

JEANNENEY, Jean-Noël. "A Mídia". In:RÉMOND, René. *Por uma história política.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

JINJENZI, Mônica Yumi. *Cultura Impressa e Educação da Mulher no Século XIX*. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

KOSELLECK, Reinhart. "Historia de los conceptos y conceptos de historia" In:*Historias de Conceptos – Estudios sobre semántica y pragmática dellenguaje político y social*. Madrid: Editorial Trotta, 2012.

LAQUEUR, Thomas. “Da linguagem e da carne” In: *Inventando o sexo – corpo e gêneros dos gregos a Freud*. (Tradução Vera Whately) Rio de Janeiro: Editora Dumará, 2001, p. 13-40.

LEAHY, Cyana. “Leitura no final do século XIX. Um caso de controle pedagógico”. In: LYONS, Martyn. *A palavra impressa: histórias da leitura no século XIX*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 1999, p. 89-113.

_____ ”Livros proibidos”. In: LYONS, Martyn. *A palavra impressa: histórias da leitura no século XIX*. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 1999, p. 115-127.

LIMA, Joelma Varão de. “O Jornal das Senhoras, um projeto pedagógico: mulher, educação, maternidade e corpo (Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX)” Tese (Doutorado em História), 191 fls. São Paulo: PUC, 2012.

LIPOVETSKY, Giles. *O império do efêmero*: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Traduzido por Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula” In: PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*.São Paulo: Contexto, 1997.

LOBO, Luiza. “Juana Manso: uma exilada em três pátrias”. In:*Revista Gênero*. Niterói, v. 9, nº2, 2009, p. 47-74. Disponível em: <http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/81/57> Acesso em: 12 jan. 2016.

LYONS, Martyn. “Experiência de leitura. Mulheres de classe trabalhadora na Europa do século XIX”. In: LYONS, Martyn. *A palavra impressa*: histórias da leitura no século XIX. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 1999, p. 77-87.

MARTINS, Ana Paula Vosne. “A Medicina da Mulher: visões do corpo feminino na constituição da obstetrícia e da ginecologia do século XIX”. Tese (Doutorado em História), 313 f. Campinas: Unicamp, 2000.

MATTEUCI, Nicola “Opinião Pública”. In:BOBBIO, Norberto, MATTEUCI, Nicola e PAQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política* vol. 2. Brasília: Editora UnB, 1997, p. 842-845.

MENEZES, Lená Medeiros de. “Francesas no Rio de Janeiro: modernização e trabalho segundo o Almanak Laemmert (1844-1861)”, p. 10.Publicado originalmente na *Revista do IHGB*, nº 423, abr/jun. 2004, p.11-31.
Disponível em: <http://www.labimi.uerj.br/artigos/1306519921.pdf>
Acesso em: 5 dez. 2015.

MOLLIER, Jean-Yves. *O dinheiro e as letras – História do capitalismo editorial*. Tradução por Katia Aily Franco de Camargo. São Paulo: Edusp, 2010.

MORAES, Rubens Borba. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.

MOREL, Marco. “Os primeiros passos da palavra impressa”. In: MARTINS, Ana Luiza (org.); LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2008.

MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.

_____. “Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX”. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 11, n. 1, jan. 2003, p. 225-233. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013/8720> Acesso em: 5 fev. 2016.

NASCIMENTO, Cecília Vieira do. “Mulheres na Imprensa - O semanário *O Sexo Feminino* (1873-1874)”. In: VAGO, Tarcísio Mauro. OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de (orgs.). *Histórias de Práticas educativas*. Editora UFMG Belo Horizonte, 2008.

NEVES, Flávio Rodrigues. “A voz e a pena a serviço da Igreja: A imprensa católica e a ampliação da esfera pública no Rio de Janeiro no final do século XIX”. In: IX Encontro Nacional de História da Mídia, 2013, p. 1-13. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-do-jornalismo/a-voz-e-a-pena-a-servico-da-igreja-a-imprensa-catolica-e-a-ampliacao-da-esfera-publica-no-rio-de-janeiro-no-final-do-seculo-xix>Acesso em: 3 dez.2015.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 2, jan. 2000, p. 9-41. Disponível em: < http://docslide.com.br/documents/linda-nicholson-interpretando-o-genero.html> Acesso em: 5 fev. 2016.
OUTEIRINHO, Maria de Fátima. “Guiomar Torrezão ou memória de uma mulher de letras oitocentista”. In:*Intercambio*, Universidade do Porto, 1998, p.163-176.

PAIXÃO, Sylvia Perlingeiro. ”Narcisa Amalia”. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*: antologia. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999, p. 534-552.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. “A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX”. Faculdade de educação USP. Caderno de pesquisa nº 104, julho de 1998, pp. 144-161. Acesso em: 18 jan. 2015 <http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/168.pdf>

PEREIRA. Milena da Silveira. “Palco das Letras – Um passeio pela Rua do Ouvidor do século XIX”. In:XIV ENCONTRO REGIONAL DA ANPUH RIO - Memória e Patrimônio. Julho de 2010, p. 1-10.
Disponível em: <http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276728080_ARQUIVO_TEXTOANPUHRJ2010.pdf>Acesso em: 2 dez. 2015.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RAGO, Margareth. “As mulheres na historiografia brasileira”. In:SILVA, Zélia Lopes (org.). *Cultura Histórica em Debate*. São Paulo: UNESP, 1995, p. 81-91.

RAMINELLI, Ronald. “Eva Tupinambá” In:PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 11-43.

SANTIROCCHI, Ítalo Domingos. “O Matrimônio no Império do Brasil: uma Questão de Estado”. In:*Revista Brasileira de História das Religiões*. ANPUH, Ano IV, nº 12, Janeiro de 2012, p. 81-122. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf11/04.pdf> Acesso em 13 fev. 2016.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil para análise histórica”. Traduzido por DABAT, Christine Rufino; ÁVILA, Maria Betânia. Publicação original em: New York, Columbia University Press. 1989. p. 2-35. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>Acesso em: 2 fev. 2016.

SENA, Nilza Mouzinho de. “Espaço público, opinião e democracia”. In:Estudos em Comunicação, Lisboa, nº1, abril de 2007, p. 271-304. Disponível em: <http://www.ec.ubi.pt/ec/01/pdfs/sena-nilza-espaco-publico-democracia.pdf> Acesso em 11 jan. 2016.

SENNETT, Richard. *O Declínio do homem público* – As tiranias da intimidade. Traduzido por Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, Felipe Vale da. “A virtude e a forma epistolar: uma leitura de *Pamela, or virtue reward”*. In:*Revista Letrônica* PUC – RS. Porto Alegre, v. 8, n. 1, janeiro-junho 2015, p. 168-181. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/18423> Acesso em: 11 jan. 2016.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOIHET, Rachel. “Mulheres pobres e violência no Brasil urbano”. In: PRIORE, Mary Del; BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil* São Paulo: Contexto, 1997, p. 362-400.

SOUSA, José Manuel Motta de; VELOSO, Lúcia Maria Mariano. *História da imprensa periódica portuguesa*: subsídios para uma bibliografia. Coimbra: Coimbra Editora Ltda.,1987.

SOUZA, Gilda de Melo e Souza. *O Espírito das Roupas* – A moda no século dezenove. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUTO, Bárbara Figueiredo. “‘Senhoras do seu destino’: Francisca Senhorinha da Motta Diniz e Josephina Alvares de Azevedo – projetos de emancipação feminista na imprensa brasileira (1873-1894)”. Dissertação (Mestrado em História), 197 fls. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

TAVARES, Luis Guilherme. “Uma revista raríssima”. In:*Observatório da Imprensa*, nº 651. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/uma-revista-rarissima/> Acesso em: 10 nov. 2015. Sem paginação.

TELLES, Norma. *Encantações: Escritoras e Imaginação literária no Brasil.* São Paulo: Intermeios, 2012.

_____. "Escritoras, escritas, escrituras". In:PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 401-442.

TELLES, Norma. "Rebeldes, escritoras, abolicionistas". In:*Revista de História*, São Paulo, nº 120, p. 73-83, jan/jul, 1989, p. 73-83.

VASCONCELLOS, Eliane. "Precursoras da literatura goiana". In: *Revista UFG*. Goiás, julho de 2010, ano XII, nº 8, p. 88. Disponível em: <http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/Revista%20UFG%20%202010/Files/PRECURSORAS%20DA%20LITERATURA%20GOIANA.pdf>
Acesso em: 2 mai. 2015.

_____; SAVELLI, Ivette Maria. "A imprensa feminina". In:*Revista Verbo de Minas*:Letras, Juiz de Fora, 2006, p. 89-102. Disponível em: <http://docplayer.com.br/9923137-Eliane-vasconcellos-ces-jf-ivette-maria-savelli-fundacao-casa-de-rui-barbosa.html> Acessoem*:* 11 jul. 2013.

WATT, Ian. "O amor e o romance: *Pamela*". In: *A ascensão do romance*: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding. Traduzido por: Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 145-183.